



BRUCE A. WARE

TEÍSMO ABERTO

A TEOLOGIA DE UM DEUS LIMITADO

VOCÊ CONSEGUE CONFIAR EM UM "DEUS" QUE NÃO TEM CONHECIMENTO DO FUTURO?

O teísmo aberto é uma nova teologia que vem fluindo de alguns imponentes corredores acadêmicos e chegando aos bancos das igrejas evangélicas. Essa recente visão sobre Deus nega que ele conheça plenamente o futuro e insiste que ele assume riscos ao conceder ampla liberdade aos seres humanos. As repercussões dessa nova perspectiva sobre a fé cotidiana do cristão comum são muito graves, e não podemos nos dar ao luxo de ignorá-las.

Assim esta obra faz uma análise dessa nova perspectiva na qual explica algumas das crenças do teísmo aberto e expõe suas consequências práticas desastrosas para os cristãos. Nessa análise, trata da relação entre o teísmo aberto e a fé cristã, a presciência de Deus, o sofrimento, a oração e a esperança.

Fazendo uso de verdades bíblicas e relatos pessoais, Bruce Ware demonstra como o teísmo aberto solapa nossa confiança em Deus na vida cotidiana, especialmente quando passamos por momentos de sofrimento.

Portanto, este não é um livro acadêmico. Foi escrito para todos os que se importam com a glória de Deus e sua confiança nele, pois trata de questões do dia a dia relacionadas à nossa fé.



Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ware, Bruce A.

Teísmo aberto : a teologia de um Deus limitado /
Bruce A. Ware ; tradução Djair Dias Filho —
São Paulo : Vida Nova, 2010.

Título original: Their God is too small: open
theism and the undermining of confidence in God.

Bibliografia.

ISBN 978-85-275-0359-4

1. Teísmo aberto I. Título

10-01236

CDD-231

Índices para catálogo sistemático:

1. Teísmo aberto : Cristianismo 231

BRUCE A. WARE

TEÍSMO ABERTO

A TEOLOGIA DE UM DEUS LIMITADO

TRADUÇÃO DJAIR DIAS FILHO


VIDA NOVA

Copyright ©2003 Bruce A. Ware

Título original: *Their God is too Small: Open Theism and the Undermining of Confidence in God.*

Traduzido da edição publicada por Crossway Books, a division of Good News Publishers 1300, Crescent Street, Wheaton, Illinois, 60187, EUA.

1.^a edição: 2010

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275- 0359-4

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

REVISÃO

Rosa Ferreira

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

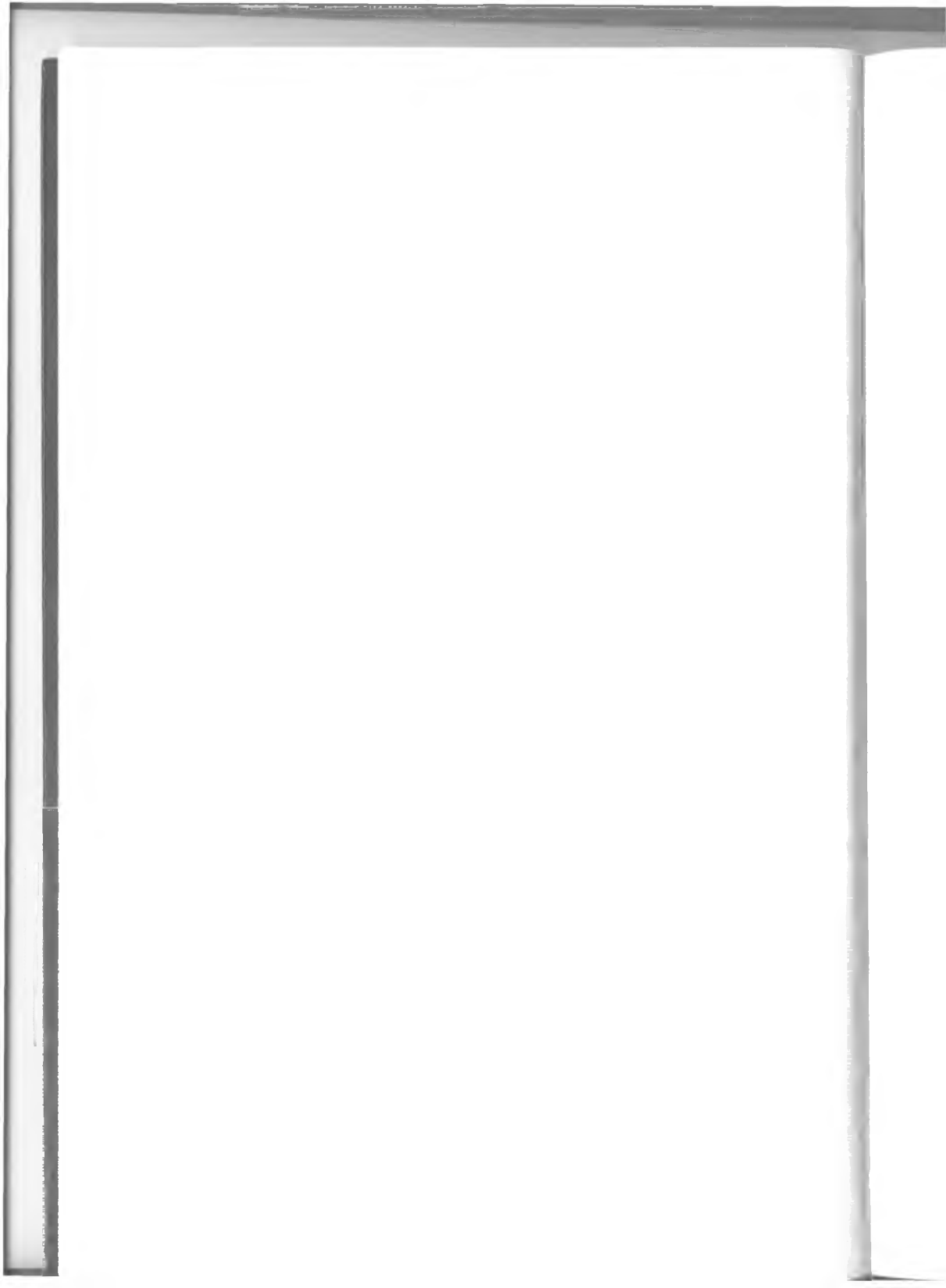
Kelly Christine Maynarte

CAPA

Souto Crescimento de Marca

Sumário

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
Teísmo aberto e fé cristã	13
CAPÍTULO 2	
Teísmo aberto e presciência divina	29
CAPÍTULO 3	
Teísmo aberto e sofrimento	67
CAPÍTULO 4	
Teísmo aberto e oração	99
CAPÍTULO 5	
Teísmo aberto e esperança	121
CONCLUSÃO	141



Prefácio à edição em português

Publicar e promover teologia de alta qualidade para capacitar e edificar as igrejas e seus líderes. Essa é a missão de Edições Vida Nova.

Parece simples, mas nem sempre é. Como definir, por exemplo, o que é teologia de alta qualidade? Segundo a visão da Vida Nova, teologia de alta qualidade é a teologia que busca estar sempre fundamentada na Palavra de Deus e visa entender a verdade.

E esse tem sido o empenho incansável de Edições Vida Nova há quase cinquenta anos. Em meio a todo vento de doutrina que surge, procuramos sempre a direção da Palavra, que nos orienta e aponta o caminho certo a seguir. A cada nova tendência teológica que aterrissa ou nasce em solo brasileiro, procuramos contrastá-la com o único critério de verdade que conhecemos e afirmamos: a Palavra de Deus.

De fato, precisamos reconhecer que, mesmo por detrás das novas tendências e dos ventos de doutrina, há sempre uma ponta de boa intenção. Como no caso do teísmo aberto, por exemplo, objeto de análise desta obra, que é uma corrente teológica em que existe um claro esforço apologético no sentido de tornar Deus “mais humano” aos olhos dos incrédulos, sobretudo na questão da explicação da existência do sofrimento no mundo.

No entanto, mesmo reconhecendo que esse esforço é louvável, reafirmamos que boas intenções não bastam, quando se trata de entender a Palavra de Deus. Por isso, toda nova tendência teológica precisa passar pela prova da verdade e responder a uma pergunta crucial: essa nova teologia está de fato fundamentada na Palavra de Deus?

E assim, após a análise de Bruce Ware, segundo o critério da Palavra, ter mostrado os pontos fracos do teísmo aberto, deixamos ao leitor desta obra a responsabilidade de responder a essa pergunta tão crucial, sempre tendo em vista a capacitação e a edificação das igrejas e seus líderes.

Os editores

Introdução

Desde meu primeiro contato com aquilo que é chamado de visão “aberta” sobre Deus, procuro ajudar a desfazer o equívoco desse novo jeito de refletir acerca de Deus. Tenho procurado fazer tudo o que posso para defender o verdadeiro caráter de nosso glorioso Deus e a verdadeira fé que tanto prezamos como cristãos, em face dessa visão reduzida sobre Deus e a nossa fé. Pela glória de Deus e pelo bem dos cristãos, a visão aberta precisa ser encarada por aquilo que é e avaliada com cuidado por cristãos com mentalidade bíblica. Estou confiante que, quando tal avaliação tiver sido feita, os seguidores do Deus vivo e verdadeiro verão essa divindade aberta como um impostor e não como o verdadeiro Deus que alguns afirmam ser ele.

O tratamento que dispensamos a essa perspectiva aberta neste livro não é nada exaustivo. Todavia, oferece uma visão geral e interação com essa posição que são suficientes para que os leitores entendam as características básicas do movimento, bem como alguns de seus problemas mais sérios. Meu diálogo mais extenso e desenvolvido com o teísmo aberto está disponível em outra publicação da Crossway, *God's Lesser Glory: The Diminished God of Open Theism* [A reduzida glória de Deus: o Deus diminuto do Teísmo Aberto].

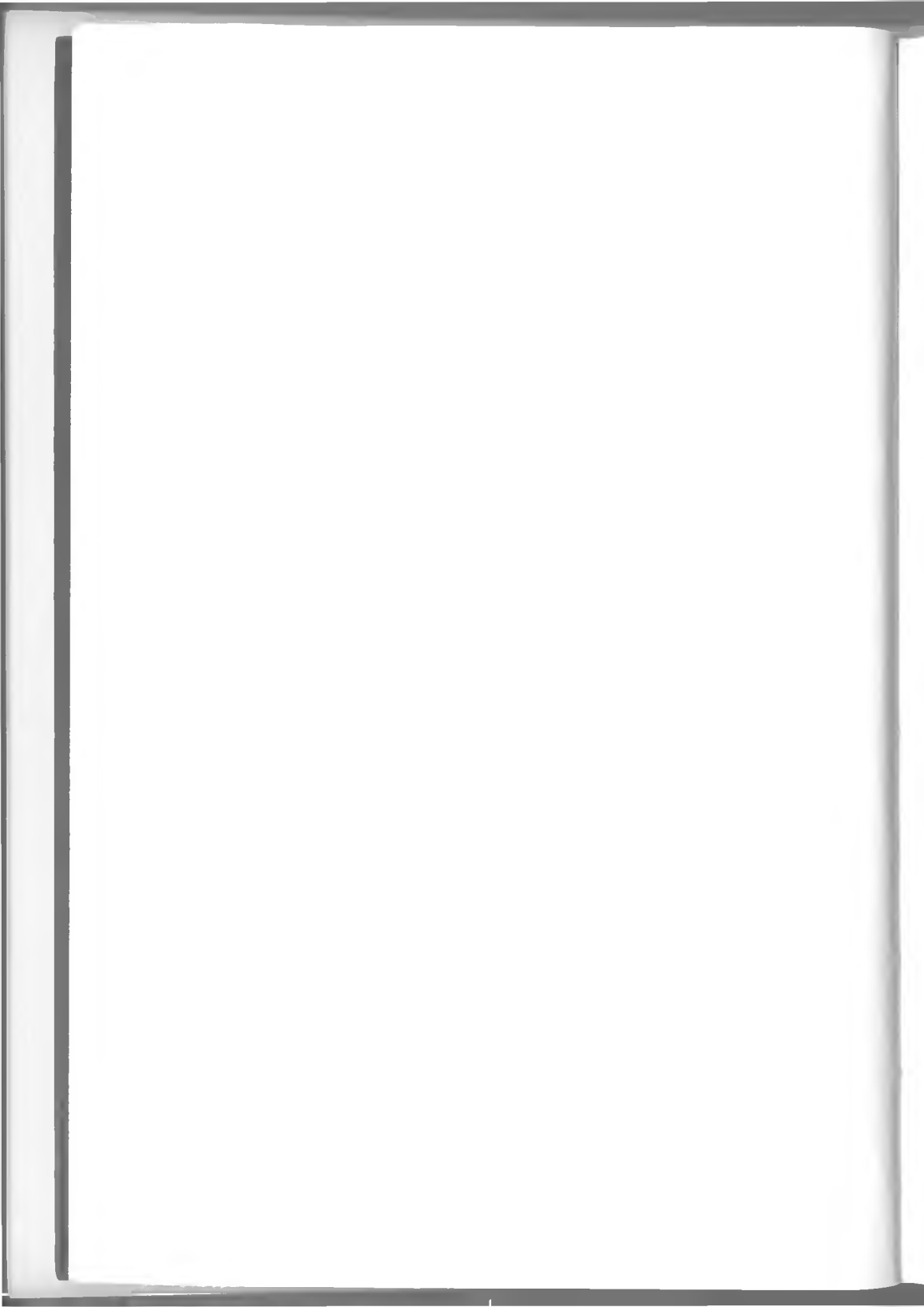
Escrevo este livro consciente de que porções significativas do movimento evangélico estão dispostas a validar a legitimidade do

teísmo aberto. Importantes editoras evangélicas e instituições educacionais mantêm a visão de que o teísmo aberto deveria ser considerado como uma “opção evangélica”, mesmo que jamais seja amplamente aceita. Divirjo dessa opinião. Minha visão é de que o teísmo aberto é errado e prejudicial à fé a tal ponto que não há razão para que possa ser tolerado pela igreja evangélica. Os dias atuais certamente não são conhecidos por bases firmes ou limites bem definidos. Muito pelo contrário, vivemos em uma era que gosta de ser definida mais pelo que temos em comum no centro de nossa fé do que por doutrinas que nos distinguem. Em muitas questões sobre as quais divergimos, eu também recomendaria tolerância e discussão prolongada e contínua. Entretanto, o teísmo aberto foi longe demais. Sua visão sobre Deus é muito pequena. O entendimento que o teísmo aberto tem sobre Deus diminui a glória e perfeição dele; a visão que tem sobre a fé leva ao desespero. Não podemos ficar negligentemente de braços cruzados e permitir que os defensores dessa visão influenciem a próxima geração de evangélicos sem serem contestados.

Quero expressar minha gratidão à administração do Seminário Teológica Batista do Sul [Southern Baptist Theological Seminary], onde tenho o privilégio de lecionar. Os professores são encorajados e apoiados para se envolver em projetos de produção literária, e sou grato por servir em uma instituição onde esse tipo de trabalho é valorizado. Louvo a Deus pela Crossway Books. Nesses tempos em que algumas das mais respeitadas editoras cristãs promovem várias posições teológicas que representam perturbadores desvios de nossa fé comum, a Crossway tem mostrado disposição e desejo de posicionar-se e defender “a fé que uma vez foi dada aos santos”. Minha família, mais uma vez, orou por mim durante todo o processo de composição. Telefonemas para meus pais ou para minha irmã quase sempre incluíram suas palavras de encorajamento e de oração por

este trabalho. Somente no céu saberemos o quanto essas palavras de encorajamento e orações surtiram efeito. Mas sou grato. E, à minha esposa, Jodi, e à Bethany e à Rachel, desejo expressar minha mais profunda gratidão. Jodi, mais uma vez, aguentou comigo as pressões de prolongadas horas e madrugadas a fio. Seu apoio nunca vacilou. E o amor de minhas preciosas filhas significa tudo para mim. Em especial, quero agradecer à Rachel por permitir que eu contasse parte de sua história nas páginas deste livro.

Que Deus se agrade em promover a glória de seu nome e sustentar a fé e esperança de seu povo. Até o ponto em que a crítica aqui fornecida ajudar a trazer mais entendimento sobre o Deus verdadeiro e maior confiança nele, eu serei o primeiro a render a Deus todo louvor. Pois somente a ele pertence toda a glória, agora e para sempre. Amém.



CAPÍTULO 1

Teísmo aberto e fé cristã

Montando o cenário

Considere o seguinte conselho “cristão”:

“Deus é Deus de amor e, como tal, respeita você e os seus desejos. Ele não é alguém que ‘força’ sua vontade sobre outra pessoa. Desse modo, Deus não está interessado em planejar seu futuro por você, nem em deixar-lhe sem direito de voz sobre o que fazer em sua vida! Não mesmo. Na verdade, grande parte do futuro ainda não foi planejada e Deus espera que você tome suas próprias decisões e escolha o seu rumo, de maneira que ele saiba como melhor traçar seus próprios planos. É claro que ele deseja que você o consulte durante todo o processo, embora o que você vier a decidir seja sua própria escolha, e não dele. O que Deus deseja é que você e ele trabalhem juntos, traçando o rumo de sua vida. E você pode estar seguro de que ele fará tudo o que estiver ao alcance dele para ajudá-lo a ter a melhor vida que você pode ter”.

Ou considere esta orientação:

“Quando a tragédia entrar em sua vida, por favor, não pense que Deus tem algo a ver com isso! Deus não deseja que a dor e o sofrimento ocorram e, quando isso acontece, ele se sente tão mal

com a situação como aqueles que estão sofrendo. Não pense que, de alguma maneira, essa tragédia deva cumprir algum bom propósito final. É bem provável que não seja assim! O mal que Deus não deseja acontece a todo momento e, com frequência, não serve para nenhum bom propósito. Porém, quando sobrevém a tragédia, podemos confiar que Deus está conosco e nos ajuda a reconstruir o que se perdeu. Afinal, de uma coisa temos certeza, a saber: Deus é amor. Então, embora não possa evitar que uma boa parcela de coisas ruins aconteça, ele sempre estará conosco quando elas acontecerem”.

Ou, então:

“Deus assumiu um risco enorme ao criar um mundo com criaturas morais que poderiam usar sua liberdade para se voltarem contra o que ele desejava e queria que ocorresse. Por toda a história, vemos evidências de pessoas (e anjos caídos) usando sua liberdade, dada por Deus, para provocar um mal terrível e causar incalculável dor e miséria. É claro que, conquanto Deus não pudesse saber de antemão o que suas criaturas livres fariam, ele certamente nunca quis que *aquilo* acontecesse! Ele é amor, e não quer que suas criaturas sofram. Mas uma coisa que podemos saber com certeza é que Deus vencerá, afinal! Por isso, não se preocupe, pois Deus se certificará de que tudo o que ele mais deseja que aconteça venha a se cumprir. Você pode confiar nele de todo seu coração!”.

Todas essas afirmações são compatíveis com um movimento relativamente novo dentro de nossas igrejas evangélicas chamado “teísmo aberto”. Esse movimento é assim denominado pelo fato de seus adeptos verem grande parte do futuro como algo que está em “aberto”, e não fechado, mesmo para Deus. Boa parte do futuro está ainda indefinida e, conseqüentemente, Deus o desconhece. Deus conhece tudo o que pode ser conhecido, asseguram-nos os teístas abertos. Mas livres escolhas e ações futuras, por não terem ocorrido ainda, não existem e, desse modo, Deus (até mesmo Deus)

não pode conhecê-las. Deus não conhece o que não existe — afirmam eles — e, uma vez que o futuro não existe, Deus não pode conhecê-lo agora. Mais especificamente, ele não pode conhecer, de antemão, uma grande parte do futuro que virá à tona à medida que criaturas livres decidirem e fizerem tudo segundo lhes aprouver. Em conformidade com isso, momento após momento Deus aprende o que fazemos, e seus planos devem constantemente se ajustar ao que acontece de fato, na medida em que isso for diferente do que ele previu.

Por que os teístas abertos creem nisso tudo?

Então, o que se pode dizer da visão aberta? Ou melhor, por que cristãos seriam atraídos por esse entendimento sobre Deus? Deixe-me sugerir três razões principais que os teístas abertos apresentariam. Em primeiro lugar, aqueles que sustentam a perspectiva do teísmo aberto creem que o relacionamento com Deus é muito mais vital e “real” quando o Deus com quem interagimos não souber (e não puder saber), de antemão, o que faremos. Afinal, se Deus não souber o que você dirá, fará ou decidirá até que você realmente aja, ele tem que esperar e aprender de você o que você mesmo tiver escolhido. Ao aprender isso, Deus pode interagir com você em relação ao que foi decidido e, assim, seu relacionamento pode assemelhar-se muito mais ao que em geral pensamos ser um “relacionamento verdadeiramente pessoal”. Temos que admitir: todos reconhecemos que Deus conhece muito mais do que nós, diz o teísta aberto; afinal de contas, ele conhece o passado e o presente perfeitamente. Porém, se ele também conhecer o futuro perfeitamente, isso transformaria nossa interação com ele em uma farsa. Se Deus conhecer todo o futuro definitiva e perfeitamente, ele conhece (e sempre conheceu) cada palavra que você proferirá,

cada escolha que você fará e cada ação que você praticará. Então, qual seria a reação de Deus diante de suas escolhas e ações, se ele as conhecesse de antemão? Deus jamais poderia realmente surpreender-se, deleitar-se ou compadecer-se, ou mesmo se relacionar com você de “maneira verdadeira”, pois ele sempre teria de responder: “Sim, eu sabia que você ia dizer isso”, ou “Sim, eu sabia que você ia fazer isso”. Nenhum relacionamento verdadeiro seria possível, argumentam os teístas abertos, se Deus conhecesse todas nossas livres escolhas e ações antes de nós as praticarmos.

Em segundo lugar, quando o sofrimento e a aflição entram em nossa vida, os teístas abertos creem que sua visão sobre Deus é muito confortadora. Além do mais, pensam que sua solução para o “problema do mal” é muito mais satisfatória do que qualquer alternativa proposta por uma visão teológica mais tradicional. O teísta aberto diz que você deveria sempre compreender que Deus não planejou que o sofrimento entrasse em sua vida. E, certamente, ele não está usando isso tudo em sua vida a fim de cumprir algum propósito oculto. Pelo contrário, diz o teísta aberto, todo mal vem à tona pelo uso errado do livre-arbítrio que Deus deu a suas criaturas morais. Como declara Greg Boyd (importante defensor do teísmo aberto), “a visão aberta, segundo eu proponho, permite-nos dizer diretamente, de modo inequívoco, que a fonte última de todo mal se encontra na vontade de livres agentes, e não em Deus”.¹ Assim, de fato não existe qualquer “agenda oculta” por trás do sofrimento; Deus não está “secretamente” causando sua aflição. Como sabemos disso? Porque Deus é amor e ele simplesmente não desejaria o sofrimento para quem quer que fosse. Muitas vezes, ele nem mesmo

¹ Gregory A. Boyd, *God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God*, Grand Rapids, Mich.: Baker, 2000, p. 102.

sabe qual aflição está por vir e quão severa ela será. Logo, permanece este fato: ele não quer nem deseja que o sofrimento ocorra.

Uma questão natural, portanto, é esta: se Deus criou o mundo, ele sabia que esse indesejável sofrimento seria parte da criação que traria à existência? Em caso afirmativo, o que justifica Deus ter criado um mundo que contém o tipo terrível de sofrimento que experimentamos? De acordo com o ponto de vista aberto, Deus sabia que o sofrimento seria uma possibilidade no mundo criado, mas não sabia que *realmente* surgiria. Como assim? Pois bem, simplificando tudo, quando Deus decidiu que tipo de criação ele traria à existência, optou pela existência de criaturas “livres”. Contudo, a verdadeira liberdade significa que, muito embora Deus deseje que as pessoas empreguem sua liberdade para o bem, ele não pode dar-lhes a capacidade de serem livres e, ao mesmo tempo, controlar a forma como elas utilizam sua liberdade. Isso seria uma contradição, argumentam os proponentes do teísmo aberto. Então, ao dar liberdade ao ser humano, Deus aceita a possibilidade de que as pessoas venham a empregar o dom da liberdade para causar o mal. Em vez de usá-lo para amar, elas podem vir a empregá-lo de modo vil, prejudicial e vingativo. Assim, Deus sabia que o mal indesejado era uma possibilidade, mas não sabia (até quando isso aconteceu) se o mal, de fato, adviria.

Dessa maneira, como se justifica o fato de Deus ter criado um mundo que — conforme ele sabia — poderia conter o mal? Isso se justifica — diz o teísta aberto — no sentido de que Deus sabia que o bem que poderia resultar da liberdade se cumpriria apenas com a concessão dessa própria liberdade e, junto com ela, da possibilidade de que fosse empregada para o mal. Em outras palavras, a simples possibilidade de a liberdade humana ser usada para o bem (o que Deus esperava que acontecesse) forneceu a justificativa para que Deus criasse um mundo em que ele sabia que o

mal também *poderia vir a* existir (na medida em que as pessoas usassem sua liberdade da forma errada, para fazer o mal).

Como essa resposta pode ser mais satisfatória ao “problema do mal” do que as tradicionais respostas dos teólogos cristãos? Os teístas abertos argumentam que, se (conforme se crê tradicionalmente) Deus conhecesse o futuro completo do mundo antes de criá-lo, isto é, se ele soubesse de toda atrocidade, todo estupro, todo assassinato brutal, toda injúria maliciosa, todo genocídio, é inimaginável que ele tivesse criado *este* mundo. Certamente, o mal deste mundo não é o que Deus queria, e Deus lamenta todas as ocorrências específicas do mal. Entretanto, o ponto decisivo é o seguinte (segundo os teístas abertos): Deus simplesmente não teria como saber de antemão que o mal surgiria, nem que teria o alcance que teve, e ele nunca deseja que esse mal aconteça. Portanto, eles têm a sensação de que Deus é absolvido das acusações de que tem responsabilidade, como Criador, pelo mal no mundo.

Em terceiro e último lugar, os teístas abertos afirmam que sua visão explica melhor o próprio ensino das Escrituras a respeito de Deus. Isto é, ainda que a visão aberta não tenha sido defendida por nenhum segmento ou ramo da Igreja ortodoxa, católica romana ou protestante, ao longo de toda a história, os teístas abertos afirmam com ousadia que o ponto de vista deles é, na verdade, mais bíblico. Interagiremos com algumas dessas afirmações bíblicas, à medida que avançamos pelo livro, mas pode ser útil já dar alguns exemplos de passagens² nas quais os teístas abertos baseiam suas declarações.

² Em Bruce A. Ware, *God's Lesser Glory: The Diminished God of Open Theism*, Wheaton, Ill.: Crossway, 2000, discuto duas categorias gerais de passagens bíblicas às quais recorrem os teístas abertos: “textos sobre o crescimento divino em conhecimento” (p. 65-86); e “textos sobre arrependimento divino” (p. 86-98). Os dois exemplos seguintes fornecem uma passagem de cada categoria.

Atente para Jeremias 19.5. Nesse versículo, Deus denuncia o mal e a idolatria de Israel ao agir com tamanha perversidade, “algo que” — diz ele — “nunca lhes ordenei, nem falei, *nem me passou pela cabeça*” (grifo nosso). A partir dessa declaração (ver também Jr 7.31 e 32.35), parece que Deus é desconhecedor das ações que Israel tomará, de tal modo que *somente* ao agirem o conhecimento acerca da atitude deles “entra” na mente de Deus. Isso mostra claramente — diz o teísta aberto — que Deus não conhece de antemão quais ações Israel realmente executará, mesmo que ele sempre tenha sabido o que possivelmente viriam a fazer. Conforme comenta Greg Boyd, se Deus de fato sabia exatamente o que Israel iria fazer, mas nos diz que mesmo as atitudes deles não lhe passaram pela cabeça, isso implica uma clara “contradição”!³ É muito melhor, diz ele, levar o sentido dessa passagem ao pé da letra e reconhecer que Deus aprende o que esses livres e pecadores israelitas fazem somente quando eles o fazem. Nesse ponto, e não antes, o conhecimento “entra” na mente de Deus.

Ou considere o relato de Jonas, ao ser enviado a Nínive, a fim de proclamar o juízo iminente. Depois de o relutante profeta finalmente ter ido a Nínive e pregado a mensagem de Deus, os ninivitas se arrependeram e rogaram por misericórdia. Em seguida, lemos: “E Deus viu o que eles fizeram, como se converteram do seu mau caminho; então arrependeu-se do castigo que lhes enviaria e não o executou” (Jn 3.10). Isso indica claramente que Deus — dizem os teístas abertos — planejou algo (a saber, o juízo) baseado no pecado e perversidade de Nínive; porém, quando soube que eles se arrependeram, o próprio Deus “arrependeu-se” e mudou de ideia sobre o que planejara fazer. Como Deus poderia mudar de

³ *God of the Possible*, p. 62.

ideia dessa maneira, pergunta o teísta aberto, se ele já sabia exatamente o que os ninivitas fariam? Essa mudança de ideia não indicaria que Deus não conhece o futuro inteiro?

O teísmo aberto sugere, assim, que apresenta a natureza de nosso relacionamento com Deus de modo mais realista do que o faz a teologia tradicional; que fornece uma resposta melhor à existência do mal em nosso mundo; e que é mais fiel ao que a Bíblia de fato ensina. Se esse é o caso, por que devemos nos preocupar? O teísmo aberto não é, ao menos, um possível entendimento correto acerca daquilo que as Escrituras ensinam, e não deveríamos aceitá-lo como uma visão legítima, ainda que não concordemos totalmente com ela? Por que nos preocupar com o que os teístas abertos defendem?

Por que devemos nos preocupar?

Por todo este livro, examinaremos uma série de questões que motivam profunda inquietação. Mas deixe-me sugerir duas preocupações predominantes em relação ao teísmo aberto que deveriam suscitar questões significativas na mente dos cristãos. Em primeiro lugar, a própria *grandeza, bondade e glória de Deus ficam debilitadas* pela visão aberta sobre Deus. Ainda que o ponto de vista aberto tente compreender Deus como mais “relacional” e “realmente envolvido” em assuntos humanos, ele o faz retratando Deus como menos do que ele verdadeiramente é. Quanto à visão aberta, só se pode dizer o seguinte: “O Deus deles é limitado demais!”.

Pense nisso. Temos aí um Deus que deve esperar — em tantas, mas tantas situações — para ver o que *nós* faremos, antes de poder decidir seu próprio rumo. Embora esse seja um jeito muito natural de pensar sobre escolha e ação *humanas*, será que isso se aplica adequadamente ao Deus da Bíblia? O Deus vivo e verdadeiro da Bíblia proclama: “Eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não

há outro semelhante a mim. Sou eu que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; sou eu que digo: O meu conselho subsistirá, e realizarei toda a minha vontade” (Is 46.9b,10). Seguramente, esse Deus majestoso encontra-se elevado e exaltado, e bem acima do Deus proposto pela visão aberta. As abundantes profecias da Bíblia, a maioria das quais envolve inumeráveis livres escolhas e ações humanas futuras, deveriam bastar por si mesmas na indicação de que o Deus verdadeiro não tem de esperar para ver o que nós faremos antes de tomar suas decisões. Se Deus não sabe o que faremos antes da ação em si, como Cristo poderia, por exemplo, advertir a Pedro que este o negaria três vezes, antes de o galo cantar (João 13.38)? Foi um bom palpite de Jesus? Dificilmente! Recorde-se de que apenas alguns versículos antes, em João 13, Jesus dissera aos discípulos que começaria a contar-lhes coisas antes de elas acontecerem, a fim de que, quando acontecessem, “creiais que Eu Sou” (Jo 13.19). Deus sabe de antemão o que faremos e ele pode, quando quiser, declarar-nos tudo isso como prova de sua própria divindade. A visão aberta rebaixa Deus, pura e simplesmente falando. Tenta tornar mais significativa a escolha e ação humanas, à custa da própria grandeza e glória de Deus. O Deus do teísmo aberto é muito limitado, simplesmente por ser menos do que o majestoso, pleno conhecedor, todo-sábio Deus da Bíblia.

Um exemplo a mais pode ajudar-nos a ver como a visão aberta debilita o retrato de Deus nas Escrituras. No teísmo aberto, por Deus muitas vezes traçar seus planos sem saber exatamente como tudo funcionará (afinal, ele não pode predizer exatamente o que suas criaturas morais farão, à luz das ações que realiza), pode ser que Deus de fato olhe de volta para *suas próprias ações passadas* e conclua que o que *ele fez* não foi o melhor. Um exemplo surpreendente disso se encontra em *The God Who Risks*, de John Sanders,

em que o autor discute o relato do dilúvio (Gn 6—8). Por causa do arco-íris e da promessa divina de nunca mais inundar a terra, Sanders sugere que, nesse caso, Deus reconsiderou se deveria mesmo ter provocado sobre o mundo o dilúvio e o doloroso juízo advindo deste, antes de mais nada. Sanders escreve: “Pode ser que, embora o mal humano tenha gerado grande dor em Deus, a destruição do que ele criara trouxe-lhe sofrimento ainda maior. Apesar de seu julgamento ter sido correto, Deus decide tomar rumos diferentes no futuro”.⁴ Em outras palavras, somos abandonados à noção muito desconfortável e profundamente deplorável de que até mesmo Deus (assim como ocorre muitas vezes conosco, seres humanos) pode olhar de volta para suas ações passadas e dizer: “Ainda que isso tenha sido justo, pode não ter sido a melhor coisa!”. Tal visão sobre Deus questiona a sabedoria divina e a infalível bondade de seu caráter e ações. Podemos contar que Deus fará, sempre e tão-somente, o que é melhor? Se a visão aberta estiver correta, a resposta deve ser não. Mais uma vez, deve ficar evidente a cristãos crentes na Bíblia que a visão aberta sobre Deus diminui-lhe a plena integridade, sabedoria, grandeza, bondade e glória. O Deus deles é limitado demais, sem dúvida.

Em segundo lugar, *a força, o bem-estar, a fé, a esperança e a confiança dos cristãos em seu Deus ficam debilitados* pela visão aberta. Para ver como a visão aberta é devastadora à fé cristã, considere por um momento uma das passagens e promessas mais estimadas em toda a Bíblia: “Confia no SENHOR de todo o coração, e não no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará tuas veredas” (Pv 3.5,6). O que acontece

⁴ *The God Who Risks: A Theology of Providence*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1998, p. 50.

a todos esses conselhos e garantias, se o Deus do teísmo aberto for considerado o Deus verdadeiro? Por esse exemplo particular, a extensão de nossa plena confiança em Deus é demolida, sem mais nem menos. Sim, o Deus do teísmo aberto sempre *desejará* o nosso melhor; porém, uma vez que ele pode não *saber* de fato o que é melhor, torna-se impossível depositar nele nossa confiança inquestionável e sem reservas. E se confiarmos na direção dele, por exemplo, mas começarmos a experimentar dificuldades? O que devemos concluir? Podemos dizer com confiança que “todas essas dificuldades são parte do plano que Deus tem para mim e por meio delas seus bons propósitos se cumprirão”? Se o Deus em que cremos é o Deus do teísmo aberto, nossa resposta deve ser um altíssimo não. Em vez disso, quando as dificuldades vierem, a questão natural e inevitável de nossa ansiosa alma deverá ser: “Será que Deus previu essas dificuldades, quando me deu a direção que segui? Será possível que o caminho em que me encontro não seja o melhor para mim, ainda que Deus anteriormente tenha achado que fosse? E será que não é melhor seguir um rumo diferente daquele que Deus me levou a tomar?”. Como podemos confiar de *todo nosso coração* no Senhor, enquanto temos dúvidas a respeito da capacidade de Deus para nos guiar e dirigir da melhor maneira?

Além disso, como nos inspiraremos a reconhecer Deus e sua sabedoria e propósitos em todos os nossos caminhos, ou confiar que a direção que ele nos deu está correta? Não importando o que “endireitar as veredas” signifique em Provérbios 3.6, com certeza indica que o caminho que você tomar deverá cumprir o que Deus sabe ser o melhor para sua vida. Como todos sabemos, os retos caminhos de Deus podem ter muitos desvios e reveses não previstos por nós. Entretanto, na perspectiva de Deus, esses caminhos são retos, apesar de tudo, pois eles de fato cumprem o que Deus sabe ser o melhor. Considere José, desprezado por seus irmãos,

vendido ao Egito, falsamente acusado pela mulher de Potifar, lançado à prisão — todavia, tudo aconteceu, conta-se, como parte do plano de Deus (Gn 50.20). Por José estar tão seguro quanto à condução de Deus em tudo o que lhe aconteceu na vida, pôde dizer aos seus irmãos: “Não fostes vós que me enviastes para cá, mas sim Deus” (Gn 45.8)! Mas se — conforme afirma o teísmo aberto — Deus não conhece o que acontecerá em boa parte do futuro e se Deus pode descobrir que as coisas não se passaram como ele pretendia, não existe possibilidade de que Deus nos prometa com razão que, à medida que o reconhecermos em tudo o que fizermos, ele seguramente endireitará nossos caminhos. Mas esteja certo disso: Deus — o Deus vivo e verdadeiro da Bíblia — de fato faz essa promessa espantosa, inspiradora, encorajadora e que nos chama à humildade. Ele diz a seus filhos que confiem nele, pois ele conhece tudo o que acontecerá e promete supervisionar todas as coisas em nossa vida conforme mantemos nossa esperança firmada exclusivamente nele! Nossos caminhos, como filhos de Deus, serão retos, segundo o plano perfeito e inexpugnável de Deus, enquanto depositamos nossa fé e esperança nele. Porém, infelizmente, nada do tipo pode ser verdadeiro em relação ao Deus do teísmo aberto. Mais uma vez, a avaliação deve ser a seguinte: o Deus deles é limitado demais.

Para onde ir daqui em diante?

O propósito deste livro é ajudar cristãos atentos a compreender mais claramente o que acontece com nosso entendimento acerca de Deus e da vida cristã se aceitamos a visão aberta sobre Deus. Evidentemente, os proponentes do teísmo aberto louvam sua visão como se fosse bíblica e aperfeiçoasse nosso entendimento de como vivermos a fé cristã. Entretanto, é minha profunda convicção, bem

como de muitos outros evangélicos, que o ponto de vista aberto distorce o retrato cristão de Deus e o relacionamento dele com seu povo, a tal ponto que o teísmo aberto não deva ser visto como apenas outro entendimento cristão legítimo. Em outras palavras, esse assunto não é como nossas diferenças em questões como a natureza do milênio e o tempo do retorno de Cristo, ou se os dons carismáticos continuam até o dia de hoje ou não, ou se devemos defender o batismo de adultos ou trazer os bebês dos fiéis à fonte batismal. Não, a visão aberta sobre Deus representa um desvio do entendimento uniforme da igreja acerca das Escrituras e uma distorção do retrato bíblico de Deus. Permitir essa visão como legítima é essencialmente o mesmo que permitir o culto a um Deus diferente do Deus da Bíblia.

Para alguns leitores, isso pode parecer um exagero, mas estou convencido de que não é. Recorde que o Deus verdadeiro desafiou os falsos deuses das nações pagãs ao redor de Israel a “provarem” sua suposta divindade, e o teste que lhes deu foi o seguinte: “Anunciai-nos as coisas que ainda virão, para que saibamos que sois deuses” (Is 41.23a). Por esses deuses pagãos não terem predito o que estava acontecendo e por serem incapazes de anunciar o que estava por vir depois, o julgamento do próprio Deus foi dizer: “Todos são uma ilusão. As suas obras não são nada; as suas imagens de fundição, apenas vento e ilusão” (Is 41.29). Além disso, a acusação de Deus aos falsos deuses e àqueles que os adoravam é estarrecedora: “Vós [os deuses] não sois nada, e o que fazeis é inútil; quem vos escolhe é abominável” (Is 41.24).

É muito rígido, então, dizer que a visão aberta sobre Deus é inaceitável como uma opção evangélica legítima? Creio que não, já que fica claro que o único critério pelo qual Deus rejeitou as divindades impostoras dos dias de Isaías é o mesmo critério pelo qual o “Deus” do teísmo aberto pode ser testado e achado em falta.

O Deus verdadeiro conhece o futuro, pode predizê-lo com precisão e pode declarar exatamente o que acontecerá, incluindo inúmeras livres escolhas e ações humanas futuras. E, quando as coisas acontecem da maneira que Deus disse, sabemos que ele é Deus. Uma vez que o “Deus” do teísmo aberto não conhece a maior parte do futuro da humanidade, uma vez que ele não pode declarar o que suas criaturas farão ou não, e uma vez que as Escrituras colocam isso como um teste de verdadeira divindade, fica claro que o Deus do teísmo aberto não é o Deus da Bíblia. Tanto o rebaixamento de Deus como o dano causado aos cristãos por meio dessa visão sobre Deus exigem que entendamos melhor o porquê de dizer não à proposta aberta. Como fica evidente de diversas maneiras, ao afetar tantas áreas da vida e da teologia, o Deus deles é limitado demais, sem dúvida!

Os capítulos seguintes tentarão mostrar com mais clareza em que ponto a visão aberta sobre Deus vacila, em certas áreas de nossa fé comum e da vida cristã. Ao longo do percurso, certamente observaremos preocupações legítimas que os proponentes da abertura suscitam e que devem ser abordadas. Mas o padrão que claramente surgirá é este: se os cristãos agem a partir do entendimento e teologia que a visão aberta sobre Deus propõe, ficamos com problemas bíblicos, teológicos e práticos de tal magnitude que o próprio ponto de vista deve ser questionado em sua totalidade. Segue, pois, uma breve visão geral das áreas que abrangeremos e o que esperamos ver nesses capítulos.

O capítulo 2 começa por onde deveríamos começar, isto é, considerando o que as Escrituras ensinam acerca de Deus e seu conhecimento do futuro. Tentarei mostrar que a visão aberta é terrivelmente defeituosa em seu esforço de explicar o ensino das Escrituras em relação a Deus e sua presciência. Por ser esse um assunto extenso e por já ter escrito amplamente sobre ele em outra

obra,⁵ proponho oferecer aqui algumas respostas a argumentos fundamentais da abertura, seguidas de meditações seletas em outras passagens e ensinamentos bíblicos, tudo com o objetivo de demonstrar a clareza e o vigor com os quais as Escrituras ensinam o completo e definitivo conhecimento divino do futuro.

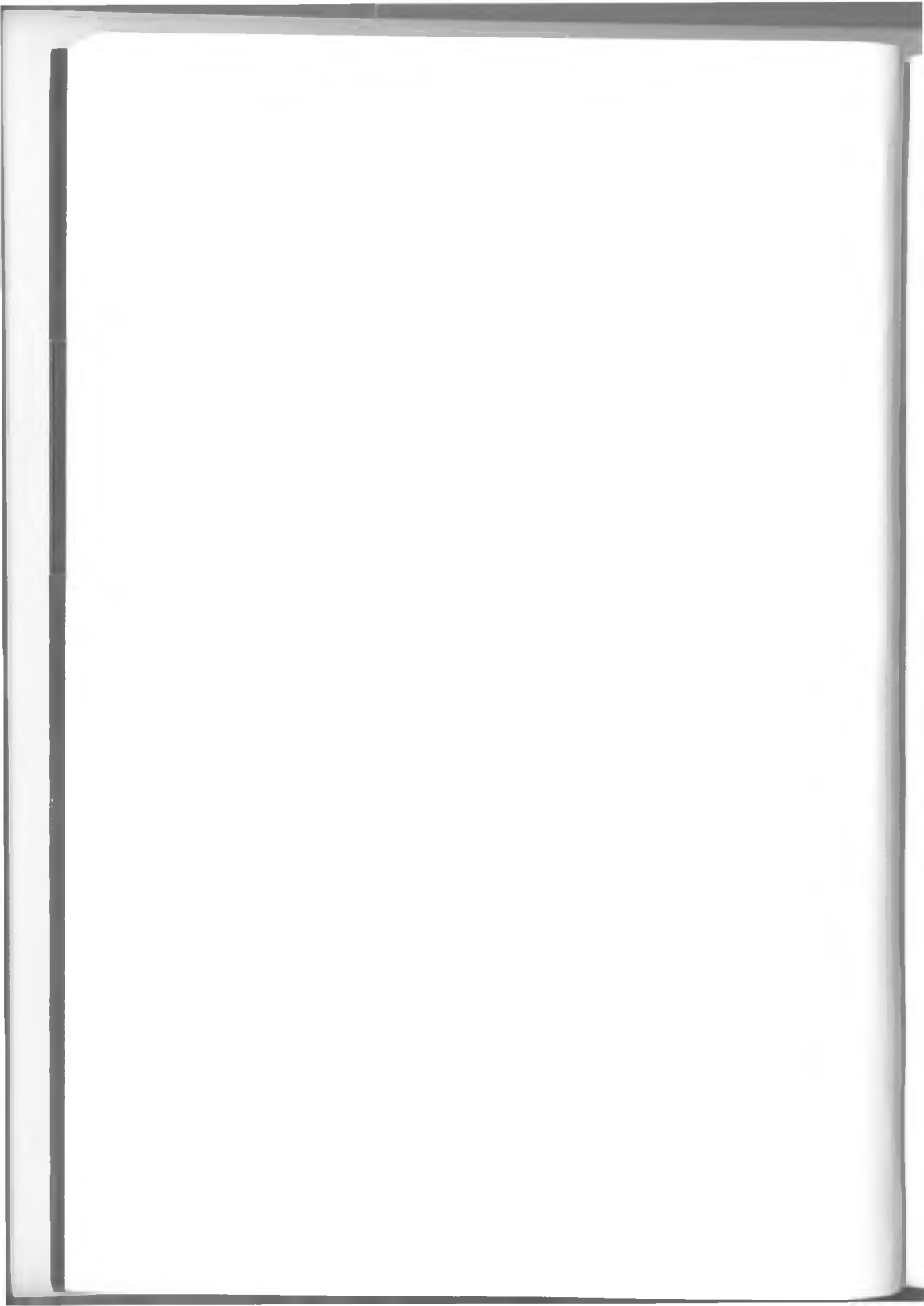
O capítulo 3 entrará fundo em uma das áreas que — argumentam os teístas abertos — torna sua visão atraente à comunidade cristã, a saber, o problema do sofrimento e do mal. Ainda que os defensores da abertura afirmem que o ponto de vista aberto lida muito melhor com os problemas do sofrimento e da aflição do que o faz qualquer entendimento tradicional, veremos que não é bem assim.

O capítulo 4 aborda a prática da oração na vida cristã. Também nesse ponto os proponentes da abertura afirmam que orar a um Deus que enfrenta um futuro aberto torna real e vital a oração. Examinaremos essa afirmação e observaremos alguns dos problemas que são deixados ao cristão, caso ele parta em direção à abertura.

O capítulo 5 perguntará que tipo de esperança no Deus do teísmo aberto podemos ter precisamente. Não obstante o Deus verdadeiro deseje que seu povo espere somente nele, tanto na vida presente quando na eternidade, o Deus do teísmo aberto enfraquece essa esperança e priva os cristãos da confiança de saber que os propósitos de Deus não falharão e seus planos não vacilarão.

Após ler esse conjunto de problemas presentes na visão aberta, o leitor deverá estar — espero eu — em melhor posição para contemplar a grande glória e majestade do Deus vivo e verdadeiro. Espero que o leitor veja também com bastante clareza que o Deus do teísmo aberto é, sem dúvida, limitado demais para ser o Deus da Bíblia.

⁵ Ware, *God's Lesser Glory*, p. 65-141.



CAPÍTULO 2

Teísmo aberto e presciência divina

O fundamento bíblico apresentado pela visão aberta sobre a presciência de Deus

Será que as Escrituras ensinam que Deus não conhece o futuro por completo? Em particular, o que dizer das decisões e ações futuras que nós, seres humanos, tomamos a todo instante — como, por exemplo, o que decidirei falar em seguida, ou o que você decidirá fazer com outra pessoa amanhã, ou onde alguém resolverá trabalhar no próximo verão? Será que é verdade que Deus não pode saber o que decidiremos escolher até que ajamos? Os teístas abertos não somente acreditam que isso é o que ocorre, de modo a permitir que nossas decisões e ações humanas sejam verdadeiramente livres, mas também afirmam que é exatamente isso que a Bíblia nos leva a concluir.

Para os proponentes da visão aberta, existe uma série de indicações na Bíblia mostrando que Deus aprende a partir daquilo que acontece. Algumas passagens, dizem eles, indicam que Deus cresce em conhecimento à medida que observa *o que* as pessoas fazem, *quando* elas o fazem. Por exemplo, o incidente em que Deus provou

Abraão, pedindo-lhe que oferecesse seu filho único, Isaque. Quando Isaque estava amarrado e Abraão estava prestes a sacrificá-lo, o anjo do Senhor deteve Abraão e disse: “Não estendas a mão contra o moço, não lhe faças nada, pois agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste teu filho, teu único filho” (Gn 22.12). Isso mostra claramente, diz o teísta aberto, que Deus aprendeu algo a respeito de Abraão, a partir dessa prova. Conforme observa John Sanders, “Tendo em vista o cumprimento do projeto divino, Deus precisa saber se Abraão é o tipo de pessoa com cuja colaboração pode contar. Ele será fiel? Ou será que Deus deve procurar outra pessoa por meio de quem consiga cumprir seu propósito?”.¹ Segundo os teístas abertos, outras passagens indicam que Deus às vezes percebe que eventos se desdobraram de maneira diferente do que ele esperava. Por exemplo, em 1Samuel 15, vemos Deus por duas vezes dizer que “se arrependeu” de ter feito Saul rei (1Sm 15.11,35). Que sentido pode haver, pergunta o teísta aberto, em dizer que Deus se arrepende pelo modo como Saul agia como rei, se — segundo sustenta a visão tradicional — ele sabia, durante todo o processo, exatamente o que Saul faria como rei? Em outras palavras, será que Deus pode de fato se arrepender de alguma ação sua que ele sabia, desde a eternidade, que aconteceria como aconteceu? Comentando sobre essa passagem, Greg Boyd diz:

Devemos indagar como o Senhor poderia verdadeiramente ter experimentado arrependimento ou pesar por ter posto Saul como rei, se tinha certeza absoluta de que Saul agiria como agiu. Será que poderia confessar genuinamente: “Arrependo-me de ter posto

¹ *The God Who Risks: A Theology of Providence*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1998, p. 52-53.

Saul como rei”, caso ele pudesse na mesma hora proclamar: “Tinha certeza do que Saul faria quando fizesse dele um rei”? Não vejo como isso seja possível... O senso comum nos diz que só podemos nos arrepender de uma decisão tomada se ela resultou em algo diferente do que supusemos ou esperamos quando foi tomada.²

Parece evidente, portanto, para os defensores da visão aberta, que Deus tinha certas expectativas e suposições sobre Saul que não se concretizaram conforme ele planejara e pensara que se cumpririam. Quando Saul provou ser um rei desobediente, Deus percebeu que suas expectativas em relação a Saul simplesmente não eram verdadeiras. E, ao tomar conhecimento desse ponto acerca de Saul, Deus se arrependeu de ter posto Saul como rei. Deus aprendeu algo que não sabia previamente: o tipo de rei que Saul *realmente* veio a ser.

Outro exemplo provém da narrativa do dilúvio. Você deve recordar que, depois que a água baixou e Deus chamou Noé, sua família e os animais, para saírem da arca, Deus colocou no céu um arco-íris, como sinal de sua promessa, segundo a qual: “as águas jamais se transformarão em dilúvio para destruir todas as criaturas” (Gn 9.15). Como vimos, John Sanders — embora não tenha certeza disso — indaga se essa promessa não poderia indicar que Deus reavaliou sua decisão anterior de matar todos os seres vivos da terra. Deus deve ter olhado para trás e, atentando para as próprias ações que praticara, concluiu que, embora o que fizera tivesse sido justo, talvez não fosse o melhor a se fazer. Sanders comenta:

² *God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God*, Grand Rapids, Mich.: Baker, 2000, p. 56.

Deus faz uma aliança com sua criação, dizendo que nunca mais todas as coisas seriam aniquiladas. O sinal do arco-íris dado por Deus é um lembrete a ele mesmo de que nunca mais trilhará esse caminho ([Gn] 9.14-16). Embora o mal humano tenha causado grandes dores em Deus, pode ser que a atitude de destruir aquilo que criara tenha-lhe trazido um sofrimento maior ainda. Apesar de seu juízo ter sido justo, Deus decide tentar rumos diferentes no futuro.³

Então, quer Deus olhe de volta para atos humanos que acontecem de maneira diferente do que esperava (e.g., as inesperadas ações desobedientes de Saul), quer olhe de volta para suas próprias ações e reavalie se o que fez foi o melhor (e.g., tornar Saul rei e inundar a terra inteira), parece claro aos defensores do teísmo aberto que Deus aprende a partir do que acontece. Em parte, nas Escrituras, isso é demonstrado pelas ocasiões em que Deus se arrepende do que fez e reavalia ou muda sua opinião.

Avaliando o argumento bíblico defendido pelo teísmo aberto quanto à presciência de Deus

Será que essas e outras passagens deveriam ser interpretadas como são pelos teístas abertos? Será que deveríamos concluir justificadamente que a Bíblia indica que o conhecimento de Deus acerca do futuro é limitado e que ele de fato aprende algo do que acontece somente quando pessoas livres fazem suas escolhas e praticam o que escolheram livremente? A avaliação desse modo de compreender a Bíblia envolve duas classes de resposta. Em primeiro lugar, devemos

³ *God Who Risks*, p. 50.

observar cuidadosamente as passagens usadas em defesa do ponto de vista aberto e ver se de fato indicam que Deus aprende algo que não conhecia antes à medida que a história se desdobra e as pessoas fazem suas escolhas. Em segundo lugar, devemos perguntar se a Bíblia realmente ensina que Deus conhece algo que os teístas abertos negam que ele possa conhecer: as livres ações e escolhas humanas futuras. Em outras palavras, será que as Escrituras ensinam, em algum lugar, que Deus conhece (de antemão) o que pessoas livres escolherão fazer?

As duas classes de resposta são bastante complexas, e aqui podemos analisar apenas uma porção do ensinamento bíblico a respeito do assunto.⁴ Talvez a maneira mais clara de proceder seja, em primeiro lugar, responder ao menos às três passagens supracitadas que são utilizadas para apoiar a visão aberta. No decorrer dessa abordagem, citarei outros trechos usados pelos defensores dessa visão e lhes darei resposta sucinta. Em segundo lugar, apresentarei algumas breves meditações feitas a partir de outros textos que ensinam e ilustram o conhecimento de Deus sobre as livres decisões e ações futuras das pessoas. Espero que o leitor veja, a partir deste estudo, que a insistência do teísmo aberto quanto ao fato de as Escrituras ensinarem que Deus aprende à proporção que as pessoas livremente fazem o que escolheram não é de modo algum evidente pelas próprias Escrituras. Além disso, outras passagens claramente indicam que Deus de fato conhece detalhes incríveis sobre o futuro, inclusive o que pessoas livres escolherão e farão tanto no futuro próximo

⁴ Para discussão bem mais extensa partindo dessas duas linhas argumentativas, o leitor pode consultar minha crítica mais ampla ao teísmo aberto, na qual dedico dois capítulos inteiros a essas questões. Ver Bruce A. Ware, *God's Lesser Glory: The Diminished God of Open Theism*, Wheaton, Ill.: Crossway, 2000, capítulos 4 (p. 65-98) e 5 (p. 99-141).

quanto no distante. No final, a Bíblia não ensina o que os teístas abertos alegam, e a igreja não deveria ser levada a pensar que ensina. Vamos fazer agora uma rápida recapitulação do que virá a seguir: primeiro, examinarei as passagens usadas em apoio ao ponto de vista aberto; em seguida, farei uma análise seletiva de outros textos, os quais indicam que Deus realmente conhece o que os teístas abertos negam que ele conheça.

Avaliando passagens bíblicas usadas em apoio ao ponto de vista aberto

Em primeiro lugar, consideremos a história de Abraão à luz da seguinte afirmação: “Pois agora sei que temes a Deus” (Gn 22.12). Uma vez que o teísta aberto deseja que tomemos essa passagem ao pé da letra, sugiro que façamos isso e observemos o que ela diz que Deus supostamente aprendeu naquele momento. O anjo não diz que Deus agora saiba que Abraão seria obediente à ordem de Deus ou que Abraão realmente ergueria a faca com a intenção de matar seu filho. Antes, ele diz: “Pois agora sei que *temes a Deus*”. Não posso deixar de perguntar: será que Deus não tinha bons motivos para já saber que Abraão o temia?

Certamente, Deus conhece o coração de cada pessoa (1Cr 28.9 e 1Sm 16.7) e também conhecia toda a vida de obediência de Abraão. Esse ponto é especialmente significativo, quando notamos no Novo Testamento a frequência com que Abraão é citado como um firme homem de fé. Em Romanos 4, Paulo elogia a fé de Abraão em Deus no que diz respeito ao filho prometido, mesmo depois de se tornar fisicamente impossível que Sara ou Abraão tivessem um filho (ver especialmente Rm 4.18-22). Hebreus 11 honra Abraão tanto por ter deixado seu país para seguir a Deus (Hb 11.8-10) quanto por oferecer Isaque (Hb 11.17-19; cf. Tg 2.21-23). Esse último

ponto é interessante, pois Hebreus 11.19 especificamente confirma a fé de Abraão de que Deus faria Isaque retornar de entre os mortos. Ora, será que não fica claro que *Deus conhecia* a vida de fé de Abraão e que, ainda enquanto Abraão subia o monte Moriá para oferecer Isaque, *Deus conhecia* seu coração confiante, crente que Deus até mesmo ressuscitaria Isaque depois que este fosse morto? Assim, será que foi no momento em que o anjo deteve Abraão que Deus *só então soube* que Abraão o temia? Muito mais provável é a noção de que, ao lermos a declaração “pois agora sei que temes a Deus”, isso significa que Deus, naquele exato momento, *viu novamente e deu testemunho* do extraordinário ato de fé que Abraão expressou. Nesse sentido, Deus soube (de novo e de forma impactante) o que já sabia há muito tempo, ou seja, que Abraão temia a Deus.

Talvez seja como a ocasião em que um marido muito carinhoso e amoroso expressa novamente à esposa seu profundo amor por ela. Suponha que ele chegue do trabalho e surpreenda-a com planos para uma viagem de fim de semana. Nesse momento de empolgação e intimidade, ele poderia perguntar-lhe carinhosamente: “Querida, você sabe neste instante, do fundo de seu coração, que eu a amo?”. Ela poderia dizer: “Depois do que você fez, eu realmente sei, neste instante, o quanto você me ama”. Seria correto concluir, a partir desse breve diálogo, que somente então — somente naquele instante, e não antes — ela veio a saber algo que não sabia anteriormente em relação ao amor do marido por ela? Com certeza, não. Pelo contrário, a experiência presente trouxe novo testemunho e reafirmação do amor do marido, de modo que *naquele momento ela soube* novamente do amor dele. Ao menos o seguinte ponto deve ficar claro: à luz de tudo o que a Bíblia ensina, não devemos aceitar a interpretação que o teísmo aberto dá a Gênesis 22.12, a qual insiste em afirmar que Deus soube, naquele momento, de algo que não sabia anteriormente — a saber, que Abraão o temia.

Considere também como a declaração de Gênesis 22.12 é semelhante à de outra passagem, situada apenas alguns capítulos antes. Em Gênesis 18, o Senhor aparece a Abrão, quando três homens vêm visitá-lo (ver Gn 18.1,2). Depois de um tempo, Deus decide falar a Abrão acerca da destruição que planeja trazer sobre Sodoma e Gomorra. Observe com cuidado a linguagem empregada nesse relato e o quanto é relevante para o debate com o teísmo aberto. Lemos o seguinte: “Porque o clamor contra Sodoma e Gomorra se multiplicou, e o seu pecado se agravou muito, *descerei agora e verei* se tudo o que *eles têm praticado* condiz com o clamor que tem chegado a mim; *se não for, saberei*” (v. 20,21, grifos nossos). Os teístas abertos insistem em que a linguagem usada para dizer que Deus estava aprendendo a partir do que acontecia deveria ser tomada “literalmente” ou de modo “direto”.⁵ Pois bem, considere o que nos restaria dessa passagem, caso seguissemos a abordagem do teísmo aberto. Em primeiro lugar, teríamos de *negar que Deus é onipresente* (i.e., presente em todos os lugares), pois Deus disse que tinha de “descer e ver” se aquilo que ouvira era verdadeiro. Uma leitura “direta” indica que, até chegar a Sodoma, Deus não podia saber se os relatos que ouvira estavam corretos. Em segundo lugar, teríamos de *negar que Deus conhece tudo sobre o passado*, pois ele teve que confirmar se os sodomitas praticaram tais atos terríveis. Sendo assim, parece evidentemente que Deus não sabia se o que ouvira a respeito das ações passadas deles era verdadeiro; isso significa que ele não conhece o passado por completo. Em terceiro lugar, teríamos de *negar que Deus conhece tudo sobre o presente*. Pelo fato de ter que descer e ver, Deus não sabia, naquele exato momento, se os relatos eram verdadeiros.

⁵ Ver, por exemplo, Boyd, *God of the Possible*, p. 54, 60, 67, 71-72 e 120.

Eis aí o problema: todos os cristãos evangélicos e ortodoxos, e mesmo os teístas abertos, afirmam que o Deus da Bíblia (1) é onipresente, (2) possui conhecimento perfeito e completo do passado e (3) possui conhecimento perfeito e completo do presente. Todos nós cremos nisso, devido à quantidade abundante de ensinamento bíblico sobre esses três pontos. Assim, não fica claro que devemos interpretar Gênesis 18.20,21 como se estivesse indicando algo que não significa, *literalmente*, que Deus teve de descer até Sodoma a fim de saber se o que ouvira era verdade? Talvez tenhamos de interpretar essa passagem da mesma maneira como interpretamos a declaração de um pai ao filho, enquanto brincam de esconde-esconde: “Vamos dar uma olhadinha naquele canto para ver se sua irmã está se escondendo por ali e, então, vamos saber”. O pai diz isso tudo ciente, o tempo todo, de que ela está mesmo ali. E, se fica claro que não devemos tomar Gênesis 18.20,21 ao pé da letra, não deveríamos também considerar que o mesmo tipo de linguagem é empregado quatro capítulos depois, em Gênesis 22.12? É evidente que o argumento a favor da interpretação aberta simplesmente não pode ser elaborado a partir de um texto como esse.

Em segundo lugar, o que dizer do fato de Deus ter-se arrependido por ter posto Saul como rei (1Sm 15.11,35)? Será que esse arrependimento indica que Deus pensou que aconteceria uma coisa (isto é, que Saul seria um bom rei), mas depois ficou sabendo de algo que não sabia antes, já que aconteceu uma coisa diferente (isto é, Saul tornou-se desobediente)? Para responder a essa questão, considere como é incrível o fato de situar-se, entre as duas declarações sobre o arrependimento divino em relação a Saul, uma das mais fortes e claras afirmações bíblicas de que Deus *não* se arrepende daquilo que acontece (empregando até a mesma palavra hebraica para “arrependimento” utilizada nos versículos 11 e 35!): “Além disso, o Glorioso de Israel não mente nem se arrepende, pois não é homem

para que se arrependa” (1Sm 15.29). Será que os versículos 11 e 35 contradizem o versículo 29? Como Deus pôde “se arrepender” de “ter posto Saul como rei” (v. 11,35) e, mesmo assim, ser um Deus que “não mente nem se arrepende” (v. 29)?

Duas características de 1 Samuel 15.29 merecem rápida menção. Em primeiro lugar, observe como o autor relaciona as ideias sobre o fato de que Deus “não mente” “nem se arrepende”. Uma vez que Deus *nunca* mente (2Tm 2.13; Tt 1.2; Hb 6.18) e uma vez que essas duas ideias — mentir e arrepender-se — estão interligadas em 1 Samuel 15.29, a maneira mais natural de entender a passagem não seria: “Deus *nunca* mente e *nunca* se arrepende”? Em segundo lugar, note que o versículo afirma que Deus é *diferente* de meros humanos, que se arrependem. Evidentemente, nós, seres humanos, temos atitudes das quais às vezes nos arrependemos, mas outras vezes não. Contudo, não é exatamente assim que os teístas abertos qualificam Deus — como alguém que às vezes arrepende-se do que fez (e.g., arrependeu-se de ter posto Saul como rei ou de ter inundado o mundo com o dilúvio); porém, em outras situações, não se arrepende do que fez (e.g., de ter dado seu Filho para morrer pelo pecado)? Mas, se tanto os seres humanos quanto Deus agem dessa forma, como a passagem pode afirmar que “[Deus] não é homem para que se arrependa”? Com certeza, a resposta é que esse não pode ser um entendimento correto acerca de Deus ou da passagem. O texto ensina que, diferentemente dos seres humanos, que às vezes se arrependem e às vezes não, Deus *nunca* se arrepende.

Assim sendo, como o versículo 29 se encaixa nos versículos 11 e 35? Aqui vai minha sugestão: por um lado, Deus nunca adquire conhecimento de novas informações e nunca é surpreendido pelo que acontece; desse modo, ele nunca pode (v. 29) se arrepender (em sentido estrito) por, supostamente, ter chegado ao seu conhecimento que aquilo que antecipara não ocorreu. Por outro lado, à

medida que os fatos que aconteceriam se desenrolam de acordo com o que ele sabia de antemão, Deus ainda assim pode ficar profundamente consternado e angustiado com o pecado que em determinado momento testemunha e, dessa maneira, pode “arrepender-se” (em sentido amplo, v. 11 e 35) de essas coisas terem acontecido. De modo incrível, nessa mesma passagem o autor quer que conheçamos duas coisas sobre Deus. A primeira coisa que devemos saber é que, de fato, assim como Deus nunca pode mentir, seu conhecimento também é determinado e por isso ele nunca pode vir a saber de algo que o levará a criticar, questionar ou arrepender-se do que fez. Ele é Deus, não homem, e, como Deus, está acima de qualquer “arrependimento” em sentido estrito (v. 29). A segunda coisa é que, simplesmente por Deus nunca questionar o que está acontecendo (uma vez que já sabia tudo isso de antemão), não devemos concluir que ele não se importa com o pecado que se revela. Ele se importa, sim! Ele ficou profundamente consternado com o que Saul fazia, à medida que testemunhava o desdobramento do que anteriormente sabia que aconteceria. Enquanto observa o pecado de Saul, Deus lamenta a desobediência e o prejuízo que as ações de Saul refletem. Assim, ele “se arrepende” (em sentido amplo) do reinado de Saul, ainda que soubesse e tivesse planejado, durante todo o tempo, o que está realmente ocorrendo.

Parece ficar claro, portanto, que o autor desse capítulo da Bíblia pretende que vejamos essas duas verdades sobre Deus. Como estaríamos errados se aceitássemos apenas uma delas e rejeitássemos a outra, mas como é glorioso nosso entendimento de Deus quando vemos o equilíbrio pretendido! Os intérpretes do teísmo aberto perdem esse equilíbrio e, ao fazê-lo, diminuem a grandeza do “Glorioso de Israel”. O Deus verdadeiro não fica surpreso com o que ocorre, mas se importa profundamente com o pecado que se revela. Seu proceder é estável e seu conhecimento é perfeito, mas sua

preocupação com as ações humanas também é imensamente genuína. Que Deus glorioso, quando visto corretamente!

Em terceiro lugar, como devemos entender a hipótese de que Deus pode ter reconsiderado sua decisão de trazer um dilúvio sobre todo o mundo, tendo chegado à conclusão de que esse pode não ter sido o melhor rumo a tomar (i.e., a interpretação de Sanders sobre Gn 9.12-16⁶)? Não vejo outra opção senão pensar nisso como uma insinuação de que Deus julgou posteriormente que cometera um enorme equívoco. Evidentemente, Sanders deixa claro sua crença de que Deus foi justo em seu juízo. Tudo bem, mas ele foi sábio? Considere a magnitude do equívoco, se Deus de fato pensou haver errado. O *mundo inteiro*, com exceção de umas poucas pessoas e animais, foi deliberadamente morto por Deus, nesse processo. Em termos humanos, os efeitos dificilmente poderiam ser mais drásticos. Imaginar que Deus olhou para trás e pensou consigo mesmo: “Isso foi muito severo e não estou muito certo de que deveria tê-lo feito” não deixa de ser estarrecedor! Que confiança podemos ter em um Deus que reavalie suas próprias ações? O que isso nos tem a dizer sobre a sabedoria dos planos do próprio Deus? Se Deus não está certo de que aquilo que faz é o melhor, será que podemos estar seguros de que ele realmente sabe o que está fazendo?

O simples fato é que um Deus que só pode especular sobre boa parte do que pertence ao futuro, que por vezes reavalia seus próprios planos, falha em entender as situações e pode até mesmo arrepender-se do passado é um Deus indigno de devoção, confiança, adoração e louvor. A maneira pela qual o teísmo aberto interpreta essas passagens que, segundo eles, apoiam seu ponto de vista, sugere um Deus que é simplesmente limitado demais para ser o Deus vivo

⁶ *God Who Risks*, p. 50.

e verdadeiro da Bíblia. Além disso, os abundantes e visíveis ensinamentos bíblicos sustentam uma visão elevada de Deus, como alguém que conhece e anuncia “o fim desde o princípio” (Is 46.10). A esse fundamento bíblico voltamos agora brevemente nossa atenção.

O fundamento bíblico para a presciência divina completa e definitiva

As Escrituras ensinam que Deus conhece o futuro por completo, da maneira que será, e que isso inclui seu conhecimento prévio daquilo que pessoas livres deverão escolher e fazer? A resposta é “sim”! Com o intuito de verificar essa afirmação, apresentarei primeiramente um esboço do panorama geral sobre Deus, retratado pelo profeta Isaías, especialmente em Isaías 40—48. Vemos ali o Deus que reivindica sua divindade com base no fato de que conhece e diz exatamente o que será o futuro. Em segundo lugar, apresentarei uma sucinta série de “meditações” sobre algumas passagens escolhidas que mostram, com clareza, que Deus conhece exatamente o que os teístas abertos negam sobre ele — isto é, ele sabe, em situações muito específicas e com detalhes específicos, bem aquilo que pessoas livres decidirão fazer e de fato farão. Tanto esse panorama geral quanto as meditações específicas deverão demonstrar que Deus — o Deus vivo e verdadeiro da Bíblia — conhece o futuro completa e perfeitamente. Temos bons motivos para colocar nossa esperança e confiança nesse Deus, pois nada o pega de surpresa. Eis aí, então, a grandeza do nosso Deus!

Isaías e seu panorama geral sobre Deus

Começamos pela visão de Isaías sobre a presciência exaustiva de Deus. Você já ouviu falar do antigo programa da televisão americana

Pra dizer a verdade? Ao fazer perguntas a três diferentes pessoas, todas se passando por “Sr. Smith”, os jurados tentariam determinar quem era o verdadeiro “Sr. Smith”. Pois bem, uma pergunta semelhante foi enfrentada nos dias de Isaías: Quem é o Deus verdadeiro? E como poderemos saber que ele é, de verdade, Deus? Em Isaías 40—48, não menos que nove seções separadas⁷ apresentam essencialmente o mesmo argumento, repetido de diferentes maneiras, mas certamente com o mesmo propósito geral: o Deus vivo e verdadeiro, ao contrário dos deuses impostores, pode ser conhecido como o Deus verdadeiro porque somente ele consegue predizer com exatidão como será o futuro. Alguém pode perguntar: “Como você sabe que Deus é Deus?”. Resposta: O Deus verdadeiro conhece e anuncia o futuro.

Considere apenas duas dessas nove seções. Em Isaías 41.21-29, Deus desafia os falsos deuses, os ídolos das nações circunvizinhas a Israel, a provar que são deuses. E qual teste ele apresenta? Deus declara: “Tragam-nos [esses deuses impostores], e assim *nos anunciem o que há de acontecer; anunciem-nos as coisas passadas* para que as consideremos e saibamos o fim delas; ou *mostrai-nos coisas vindouras. Anunciai-nos as coisas que ainda virão, para que saibamos que sois deuses*” (Is 41.22,23a, grifos nossos). Eis aí o teste, concedido pelo próprio Deus, para saber se eles estavam ou não tratando com o Deus verdadeiro. O Deus verdadeiro anunciou coisas no passado que se tornaram realidade, de modo que possamos “considerar o fim delas” e percebamos sua divindade. O Deus verdadeiro anuncia agora coisas que acontecerão no futuro, de tal maneira que, quando vierem à tona, “saibamos” que ele é Deus. Nesse ponto

⁷ Isaías 41.21-29; 42.8,9; 43.8-13; 44.6-8; 44.24-28; 45.20-23; 46.8-11; 48.3-8; 48.14-16.

e em oito outras seções desses capítulos, Deus põe à prova e testa sua divindade. Ele diz repetidas vezes: “Vós sabeis que eu sou Deus, porque eu, em contraste com os falsos deuses, conheço e anuncio o futuro”. Como é presunçoso e errado, então, algum sistema teológico adiantar-se e negar a Deus o próprio fundamento pelo qual ele assevera sua divindade! Os teístas abertos correm o risco de ser acusados, ao lado desses falsos adoradores da época de Isaías, de escolher uma visão sobre “deus” que é uma abominação aos olhos de Deus. Observe as sérias palavras de Isaías 41.24, concernentes aos falsos deuses que não podem anunciar o futuro e àqueles que os adoram: “Vós não sois nada, e o que fazeis é inútil; quem vos escolhe é abominável”.

Outra passagem desses capítulos de Isaías está em 46.8-11. Nesse trecho, Deus diz:

Lembraí-vos disso e considerai; trouxe-o à memória, ó transgressores. Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade: Que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim. Sou eu que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; sou eu que digo: O meu conselho subsistirá, e realizarei toda a minha vontade, chamando do Oriente uma ave de rapina e, de uma nação distante, o homem do meu conselho; sim, eu disse e cumprirei essas coisas. Estabeleci esse propósito e também o executarei.

Note bem duas coisas. Em primeiro lugar, Deus relaciona sua própria divindade à reivindicação de que anuncia “o fim desde o princípio”. O início dessa reivindicação é notável: “Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim”. E quem, por gentileza, é o único Deus? Nenhum outro além daquele que anuncia todas as coisas que serão (i.e., o fim desde o princípio). Assim, será que é

importante para Deus que nós pensemos nele como aquele que conhece todo o passado, presente e futuro? Com certeza, sua reivindicação à exclusiva divindade, relacionada ao seu conhecimento de todas as coisas de uma a outra ponta da história, mostra bem o quanto isso de fato é importante para ele. Somente ele é Deus. Ele quer que saibamos disso. E sabemos disso por sua demonstração de conhecimento daquilo que virá a acontecer. Não ousaremos negar a Deus o que ele apresenta como o fundamento para sua reivindicação (aqui, novamente!) à exclusiva divindade.

Em segundo lugar, essa passagem indica realidade futura que clara e inquestionavelmente envolve uma série de futuras livres escolhas e ações. Pois Deus diz: “chamando do Oriente uma ave de rapina e, de uma nação distante, o homem do meu conselho” (46.11), falando sem dúvida do futuro reinado de Ciro — denominado e predito no fim do capítulo 44 e começo do capítulo 45 —, que nasceria e receberia seu nome quase duzentos anos após essa predição! Não minimize quanto conhecimento do futuro isso demonstra. Para que Deus soubesse que Ciro nasceria, receberia esse nome, seria elevado a rei, reinaria como grande rei, conquistaria um rei e realizaria ações específicas para as quais — afirma Deus — ele foi “ungido” (45.1), seria necessário que Deus tivesse inimaginável presciência da série de livres escolhas humanas associadas à ascensão e façanhas bem-sucedidas desse indivíduo específico. A reivindicação geral à divindade — que o Deus verdadeiro conhece “o fim desde o princípio” (Is 46.10) — é ilustrada na predição totalmente singular sobre a vinda do “homem do meu conselho”. Esse é um homem cujo futuro Deus conhece e que cumprirá a vontade de Deus perfeitamente (Is 46.11). Deus é Deus; não há outro. O Deus verdadeiro conhece o futuro exaustivamente e prediz o que deseja, a fim de demonstrar e provar que sua reivindicação à exclusiva divindade é verdadeira.

Tendo visto esse esboço da perspectiva geral de Isaías sobre Deus, consideremos uma variedade de passagens que fornecem ensinamentos específicos e ilustração do conhecimento divino do futuro.

Meditação em Êxodo 3.19,20

Depois de aparecer a Moisés na sarça ardente, mas antes das dez pragas e da libertação de Israel através do mar Vermelho, o Senhor dirigiu-se a Moisés e disse: “Sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, a não ser pelo poder de uma forte mão. Por isso, estenderei a mão e ferirei o Egito com todos os prodígios que farei no meio dele. Depois disso, ele vos deixará ir” (Êx 3.19,20). O trecho, interpretado da maneira mais natural e óbvia, indica que Deus certamente *sabia* que o rei do Egito *não iria* permitir que os filhos de Israel partissem, salvo sob coerção, e que Deus também *sabia* que, depois de trazer as pragas sobre o Egito, o rei *iria* deixá-los partir. Ou seja, essa é declaração do conhecimento divino sobre as decisões futuras do faraó, primeiramente resistindo a deixá-los ir e, em seguida, sob coerção, deixando-os ir.

Como os teístas abertos, negando a presciência de Deus, tentam explicar a passagem? Em essência, argumentam que predições como essa são provavelmente “condicionais”.⁸ Isto é, embora essas

⁸ Para discussões do teísmo aberto acerca de profecia bíblica, ver Sanders, *God Who Risks*, p. 129-137; Richard Rice, *God's Foreknowledge and Man's Free Will*, Minneapolis: Bethany, 1985, p. 75-81; Richard Rice, “Biblical Support for a New Perspective”, in Clark Pinnock, Richard Rice, John Sanders, William Hasker e David Basinger, *The Openness of God: A Biblical Challenge to the Traditional Understanding of God*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1994, p. 50-53; e David Basinger, “Can an Evangelical Christian Justifiably Deny God's Exhaustive Knowledge of the Future?”, *Christian Scholar's Review* 25, 1995, p. 141.

predições aparentem afirmar o que Deus *irá* fazer ou o que *irá* acontecer, na realidade, o cumprimento (conforme o que foi declarado) dessas predições depende de certas condições não declaradas. Portanto, nesse caso, se o faraó permanecer obstinado e *nunca* deixar o povo ir, ou se ele se render imediatamente — se uma dessas condições surgir —, as predições declaradas por Deus não se cumprirão (pois Deus disse que o faraó, a princípio, resistiria, mas depois deixaria o povo ir). No entanto, isso não é problema (dizem os teístas abertos), porque devemos entender que as predições foram feitas com condições não declaradas implícitas.

Em princípio, os teístas abertos não estão errados ao apelar para predições “condicionais”. Quase todos os intérpretes de Jonas, por exemplo, concordam que, quando Jonas predisse: “Nínive será destruída daqui a quarenta dias” (Jn 3.4), uma condição implícita, mas não declarada, ficou subentendida à predição, isto é: “a menos que vós vos arrependeis”, isso acontecerá. O povo se arrependeu e Deus não trouxe o juízo predito. Quase todos concordam que Jonas sabia perfeitamente ser intenção de Deus, durante todo o tempo, demonstrar misericórdia aos ninivitas, sabendo que a predição declarada de juízo lhes provocaria o arrependimento, de forma que Deus pudesse demonstrar sua *misericórdia originalmente pretendida*.

Em Êxodo, porém, a pergunta é se as predições divinas a Moisés devem com razão ser entendidas como predição condicional. Não acredito que esse texto possa ser explicado apelando-se para a “profecia condicional” (por motivos que darei adiante). Creio, pelo contrário, que o texto mostra que Deus é capaz de saber e anunciar de antemão exatamente o que uma de suas criaturas livres fará no futuro. Se assim for, existem duas opções em relação à proposta da visão aberta: 1) admitir que a Bíblia ensina verdades que conflitam fundamentalmente com o teísmo aberto, ou 2) continuar a defender o modelo do teísmo aberto, mas dizer que, nessa situação específica,

Deus agiu de modo a anular a liberdade do faraó, a fim de que ele fizesse o que Deus o obrigara a fazer (eliminando seu livre-arbítrio). Nenhuma das opções é desejável aos olhos dos teístas abertos, o que nos leva a considerar a solução proposta por alguns dentre eles para explicar o texto, a saber: que se trata de uma profecia condicional. O que dizer disso?

Em mensagem eletrônica pública enviada recentemente, a defensora do teísmo aberto Chelsea DeArmond apresenta uma possível explicação para Êxodo 3.19,20:

Por que não interpretar essa profecia assim como os teístas clássicos interpretam a destruição — profetizada por Deus — que sofreriam os ninivitas, devido a sua grande perversidade contra Israel? De maneira semelhante aos ninivitas, o faraó poderia ter reagido à primeira praga com oração, jejum e arrependimento, em vez de endurecimento de coração. Não concluiríamos, portanto, que Deus estava “errado” quanto ao faraó, exatamente como não concluímos que Deus estava “errado” quanto aos ninivitas, quando não os destruiu conforme havia profetizado.⁹

Considere, todavia, as seguintes razões para pensar que Êxodo 3.19,20 é uma predição clara e inequívoca daquilo que Deus *sabe* que o faraó fará, tanto antes quanto depois de Deus enviar as pragas ao Egito, e não é uma profecia condicional que poderia ou não ter-se cumprido conforme Deus dissera.

Argumento 1. Deus provocou endurecimento no coração do faraó a fim de impedi-lo de deixar Israel partir. Em Êxodo 4.21,

⁹ Mensagem de correio eletrônico de Chelsea DeArmond, enviada a membros de grupo de discussão, de edgrenfellowship@yahoo.com, sexta-feira, 2 de fevereiro de 2001, às 15h30.

Deus diz que *endurecerá o coração do faraó, de modo que não deixará o povo ir*. Se, contudo, o faraó tivesse decidido deixá-los partir, isso mostraria que Deus falhou em cumprir o que disse que faria (i.e., Deus não teria tido sucesso em endurecer o coração do faraó). As apostas a favor de Deus aumentam, por assim dizer, quando ele diz não somente que o faraó não deixará o povo ir (3.19), mas também que ele *endurecerá o coração do faraó*, de modo que este não os deixará ir (4.21). Acrescente a isso (conforme a narrativa se desdobra) o fato de que, depois de o faraó ter endurecido seu próprio coração por diversas vezes, Deus endureceu o coração do faraó (cf. 9.12; 10.1,20; 11.10), exatamente para que ele não deixasse — como tinha feito até o momento — o povo ir. Isso faz que a predição anterior de 3.19 soe menos como profecia condicional, segundo a qual o faraó poderia ter realmente decidido deixá-los partir (contrariando as palavras declaradas tanto em 3.19 quanto em 4.21), e mais como predição segura (3.19), a qual Deus garante que será cumprida (4.21). É claro, esse argumento por si só não resolverá a questão, mas é visível sinal de alerta de que a proposta de “profecia condicional” é, no mínimo, muito forçada.

Argumento 2. A centralidade da Páscoa, que ocorreu como parte da décima (e última) praga. Êxodo 4.23 registra as insistentes palavras de Deus a Moisés, que deveria transmiti-las ao faraó: “Matarei o teu filho primogênito”. Isso acrescenta uma predição mais específica daquilo que Deus disse que faria, o que torna ainda menos provável a interpretação como profecia condicional. Afinal, pense nisso. Exatamente o que Deus está predizendo em 4.23? Não seria a predição sobre a última praga, quando o Senhor então passaria pelas casas dos israelitas obedientes que aspergiram sangue nos batentes das portas, mas levaria morte a todas as casas da terra do Egito? Ora, considere a importância dessa “Páscoa” na teologia bíblica. Considere o quanto é importante para Deus ser mostrado

como aquele que “passou adiante” das casas marcadas com o sangue, mas que trouxe morte a todos que não estavam cobertos pelo sangue. Você acha que Deus se preocupa se é ou não capaz de demonstrar esse ato salvífico, ao passar adiante das casas israelitas? Será que se seguissemos a lógica de DeArmond, é possível que “o faraó poderia ter [novamente] reagido [...] com oração, jejum e arrependimento, em vez de endurecimento de coração”, a tal ponto que a última praga (instituidora da Páscoa) não tivesse ocorrido? Qual a probabilidade de essa profecia em 4.23 ser meramente condicional, tendo em vista o quanto tudo dependia de Deus completar *todas* as pragas, particularmente a décima e última praga? Portanto, quando Deus disse, em Êxodo 3.19,20, que o rei deixaria Israel ir apenas depois de ele ter estendido sua mão, será que Deus não tinha em mente a Páscoa, e será que isso não exclui a possibilidade de que o faraó se arrependesse depois da primeira (ou mesmo da nona!) praga? Certamente a melhor e única interpretação de 3.19,20, adequada ao contexto, é que Deus predisse o que ele *sabia*, com certeza, que o faraó faria, planejando libertar Israel somente ao término das dez pragas.

Argumento 3. As pragas foram meios pelos quais Deus anunciou que somente ele é Senhor. Considere mais uma vez a predição de Êxodo 3.20 de que Deus estenderia sua mão e, somente depois disso, o faraó deixaria o povo ir. Passemos para Êxodo 7.3-5, passagem em que Deus repete (como fez diversas vezes) que endureceria o coração do faraó, multiplicaria seus sinais e *somente então* Israel seria libertado. É claro, caso o faraó tivesse se arrependido após o primeiro sinal (uma possibilidade, se a profecia em questão fosse condicional), Deus não teria feito o que disse que faria, a saber: ele não teria multiplicado seus sinais para compelir o faraó a deixar o povo ir. Será que de fato importa se 3.19,20; 7.3-5 e outras passagens preditivas declaram o que Deus *sabe* que acontecerá ou

se elas são meras profecias condicionais que podem ou não vir a acontecer? À luz de 7.5, a resposta é: “Sim, importa!”. Nessa situação, Deus diz: “Os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando eu estender a mão sobre o Egito e tirar os israelitas do meio deles”. Esse é o prelúdio imediato ao início dos dez sinais (pragas) que começam em 7.14. O ponto essencial fica evidente: Deus manifesta sua legítima divindade (“Eu sou o SENHOR”) em virtude da multiplicação de sinais, depois dos quais Israel é libertado. Como esse grande propósito (demonstrar que “Eu sou o SENHOR”) se realiza por meio (e somente por meio) dessas pragas, qual é a probabilidade de a predição divina de 3.20 ser condicional (i.e., que o faraó venha a se arrepender e a deixar os israelitas ir sem os “milagres” de Deus serem manifestados)? Outra vez, a única interpretação adequada ao contexto é que a predição de 3.19,20 relaciona-se a eventos que Deus *irá* realizar, a fim de manifestar que somente ele é Deus.

Argumento 4. O cumprimento das predições, “como o SENHOR tinha dito”. Observe o uso dessas frases cruciais, por toda a narrativa das pragas: “como o SENHOR tinha dito”, “como o SENHOR havia falado” e “conforme o SENHOR havia falado por meio de Moisés” (7.13; 8.15,19; 9.12,35). Êxodo 7.13 (após o primeiro sinal) diz: “Todavia, o coração do faraó se endureceu, e ele não os atendeu, *como o SENHOR tinha dito*”. Êxodo 9.35 (após o sétimo sinal) diz: “Assim, o coração do faraó se endureceu, e ele não deixou que os israelitas partissem, *conforme o SENHOR havia falado por meio de Moisés*”. Uma vez que as próprias Escrituras indicam com essas frases que é muito importante demonstrar que esses eventos se desencadearam *assim como Deus disse que ocorreria*, qual a probabilidade se cumprirem ou não essas predições que Deus fizera? Se Deus pretendesse que suas profecias (como as anunciadas em Êxodo 3.19,20) fossem condicionais, você acha que chamaria a atenção para o fato de elas terem se cumprido *assim como ele dissera*?

Isso não faz o menor sentido, e proponho que sugerir o contrário é o mesmo que retirar da narrativa exatamente aquilo que Deus de propósito construiu dentro dela, a saber: o fato de que Deus é *Deus* precisamente (em parte) porque anuncia o que acontecerá e, quando o que foi anunciado acontece, as Escrituras chamam nossa atenção para o fato de que tudo se realizou *conforme Deus dissera*. Portanto, entender tais profecias como condicionais é solapar o próprio fundamento a partir do qual Deus comprova sua divindade.

Argumento 5. As predições complementares, igualmente notáveis, igualmente não condicionais. As predições de Êxodo 3.19,20 não estão sozinhas. Deus prediz outras coisas muito notáveis na narrativa, que também ocorrem assim como ele dissera. Considere, por exemplo, os versículos que vêm em seguida aos citados por último: Êxodo 3.21,22 registra a promessa de que Deus favorecerá o povo aos olhos dos egípcios, de modo que, quando saírem, pedirão e receberão presentes de ouro e prata e, assim, despojarão os egípcios (3.22). Não é incrível? Nessa situação, Deus prediz não apenas o que um homem (o faraó) fará, mas o que uma nação inteira, constituída de pessoas livres, fará. Temos de supor que Israel deveria receber isso como profecia condicional? Absolutamente nada na narrativa sugere que Israel (ou nós) deveríamos entender essa promessa como condicional (ao contrário do exemplo de Jonas, em que temos, no próprio relato, motivo incontestável para vê-la como profecia condicional).¹⁰ Pense em quão surpreendente é essa declaração! Imagine como você se sentiria caso fosse um egípcio enfrentando praga após praga, enquanto percebia que os israelitas ficam imunes a cada uma delas! Que enlouquecedor! Na realidade,

¹⁰ Para mais discussões sobre a predição de Jonas, ver Ware, *God's Lesser Glory*, p. 90-98.

mesmo antes de as pragas começarem, quando os egípcios colocaram sobre os israelitas fardo ainda maior (Êx 5), lemos que os israelitas disseram a Moisés e a Arão: “Fizestes que fôssemos odiados pelo faraó e pelos seus subordinados, colocando-lhes nas mãos uma espada para nos matar” (5.21). Mesmo antes das pragas, Israel era desprezado pelo Egito. Então, advêm nove pragas, e o Egito é quase todo devastado. Ainda assim, lemos em Êxodo 11.1-3 e 12.35,36 que os israelitas (escravos no Egito) pediram aos egípcios tesouros e os egípcios concordaram com tais pedidos! A única razão para isso é a apresentada no texto: “O SENHOR fez com que os egípcios fossem bons para o povo, de modo que lhe davam o que pediam. Assim eles despojaram os egípcios” (12.36). Pense mais uma vez nessas duas passagens: Êxodo 3.21,22 (a predição de que Israel seria favorecida e despojaría os egípcios) e Êxodo 12.35,36 (o resultado, ou seja, o fato de que Israel foi favorecido, recebeu as riquezas dos egípcios quando as pediu e, então, despojou-os). Seria razoável pensar que a predição de Êxodo 3.21,22 foi condicional? Acho totalmente sem sentido pensar dessa forma e encontrar razões sólidas para concluir que Deus predisse exatamente o que sabia que uma nação inteira, constituída de pessoas livres, faria.

A proposta de que a predição divina entregue a Moisés em Êxodo 3.19,20 foi condicional, apesar de intrigante como ideia geral, simplesmente carece de méritos, à medida que se considera a predição em seu contexto. Pelo contrário, existem motivos bíblicos incontestáveis para vê-la como predição 1) daquilo que Deus *sabia* que iria ocorrer e 2) de eventos que envolveriam *escolhas e ações futuras de um livre agente*. Portanto, o texto entra em conflito de forma fundamental com a proposta do teísmo aberto; mostra ainda, contrariamente ao teísmo aberto, o conhecimento divino dessas futuras escolhas e ações humanas como evidência da divindade e do caráter exclusivo do único Deus verdadeiro.

Meditação no Salmo 139

O Salmo 139 oferece ao povo de Deus grande conforto ao enaltecer o íntimo conhecimento que Deus tem de todos os aspectos de nossa vida. Atente, primeiramente, para a maravilhosa afirmação do verso 4: “Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu, SENHOR, já a conheces toda”. Como alguém pode interpretar corretamente esse texto partindo da perspectiva de que Deus não conhece o futuro? Quando o Salmo 139.4 declara que Deus *conhece* as palavras que falamos antes de abrirmos nossa boca, será que isso pode ser entendido como meros palpites divinos bem informados em relação ao que diremos? Se assim fosse, simplesmente não seria verdade afirmar que Deus *conhece* nossas palavras com antecedência. Todos dizemos coisas surpreendentes, que às vezes surpreendem até a nós mesmos. Nenhuma quantidade de conhecimento passado ou presente sobre uma pessoa seria suficiente para predizer com total exatidão as palavras que ela pronunciará em seguida. Porém, o Salmo 139.4 declara que Deus *conhece, de antemão*, todas as palavras que falamos.

Além disso, essa declaração de que Deus conhece cada uma de nossas palavras antes de as proferirmos é meramente um exemplo do princípio geral, fixado nos versos 1-5, de que Deus conhece e supervisiona todos os aspectos de nossa vida. O Deus que conhece quando nos sentamos e levantamos (v. 2), conhece de longe o nosso pensamento (v. 2), examina nossos caminhos (v. 3) e está ao nosso redor (v. 5) é o Deus que também conhece todas as nossas palavras antes de as proferirmos. Uma supervisão providencial meticulosa é retratada de maneira a inspirar no povo de Deus grande confiança de que tudo relacionado à vida está sob os cuidados dele. Embora nos maravilhemos de que Deus conheça precisa e exatamente cada uma de nossas palavras antes de as proferirmos, esse é apenas um

exemplo de quão minucioso é o cuidado e o controle divinos em nossa vida.

O verso 16 desse salmo fornece outro vislumbre da extensão da cautelosa supervisão de Deus por suas criaturas: "Teus olhos viram a minha substância ainda sem forma, e no teu livro os dias foram escritos, sim, todos os dias que me foram ordenados, quando nem um deles ainda havia". Evidentemente essa passagem indica que Deus "forma" ou "ordena" os dias de nossa vida antes mesmo de existirmos. Mas o que isso quer dizer? Como Deus pode formar todos os nossos dias, quando (segundo o teísmo aberto) Deus não conhece nada da série de contingências por vir e de ações livres futuras, tanto nossas quanto de outras pessoas que possam ter relação com nossa vida? O fato é que, sem presciência de um futuro contingente, Deus poderia não saber sequer *o que* seria de nós (e.g., Deus poderia não saber quais indivíduos seriam abortados ou morreriam no parto), muito menos *conhecer os dias* que preencheriam nosso tempo de vida, e menos ainda *ordená-los* desde o princípio. Com certeza, pretende-se que sejamos confortados com a garantia de que Deus conhece *tudo o que nos acontecerá*.

Pense nesse ponto específico um pouco mais. Para que Deus conheça todos os dias de nossa vida quando não havia ainda nem um deles (v. 16), ele deve *saber a respeito* e *estar no controle* de todas as contingências e futuras livres escolhas que ocorrerão em relação a nossa vida. Ordenar os dias de nossa vida significa tanto *saber* quanto *ter poder regulador sobre* a série de inúmeras variáveis que constituem a substância de cada um desses dias. Considere um dia apenas. O dia de hoje, por exemplo. Pense na multidão de variáveis que afetam sua vida neste dia. Você está vivo, mas será que poderia ter morrido? Será que poderia estar envolvido em um acidente de carro? Você fez sua ginástica para continuar a ter boa saúde? Como sua dieta e nível de estresse podem vir a afetar sua

vida, bem-estar e longevidade? Quantas pessoas hoje tomaram decisões livres que tiveram um potencial impacto sobre sua vida e bem-estar? Considere tudo isso e um pouco mais, só mais um pouquinho, em relação a um único dia. O fato é que Deus não tem como ficar sujeito ou limitado pelas livres escolhas de pessoas sobre as quais não tem conhecimento prévio nem controle regulador e, ainda assim, ser capaz de conhecer e ordenar todos os dias de nossa vida.¹¹ Portanto, o fato é que Salmos 139.16 confronta-nos com uma realidade que simplesmente não pode ser explicada pelo teísmo aberto. Deus conhece nossos dias futuros, todos eles, desde antes de algum deles existir. Não é de admirar que o salmista se maravilhe e deposite confiança inabalável nesse Deus genuinamente onisciente.

Meditação em Daniel 11

O livro de Daniel, com sua série de sonhos preditivos repletos de alta especificidade e detalhes que cobrem a extensão de muitos séculos e envolvem a ascensão e queda de diversas nações, fornece enorme quantidade de dados em apoio ao conceito do pleno conhecimento divino de tudo que acontecerá no futuro. Não se podem desconsiderar as predições dos capítulos 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10 e 11, dizendo que Deus controla apenas uma *porção seleta mínima* de particularidades do futuro, o suficiente para garantir que essas

¹¹ Boyd (*God of the Possible*, p. 40) comenta que “mesmo se esse verso [Salmo 139.16] dissesse que a duração exata de nossas vidas foi estabelecida antes de nascermos, ele não implica que *tudo* em relação a nosso futuro foi estabelecido antes de nascermos”. Contudo, ainda que admitamos que Deus não preveja tudo em absoluto, já é espantosa até mesmo a quantidade daquilo que deve ser previsto — cuja maior parte inclui livres escolhas e ações futuras — para saber que viveremos certo número de dias.

predições se tornem reais. Uma consideração razoável dos detalhes bem como da amplitude de fatos envolvidos torna simplista tal explicação. Esses capítulos apresentam evidências surpreendentes do pleno conhecimento e controle de Deus sobre o futuro, em especial quando imaginamos o espantoso número de livres decisões futuras que teriam de convergir perfeitamente para que os eventos se tornassem realidade. No espaço limitado que podemos dedicar às predições de Daniel, tentarei resumir o que está envolvido em termos de predições em apenas algumas das profecias detalhadas de *um* desses capítulos.

Daniel 11 contém, por si só, incrível enxurrada de exemplos em que Deus prediz e, portanto, tem conhecimento prévio de diversos eventos futuros e livres ações futuras de suas criaturas. Por exemplo, Daniel, ao profetizar no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (c. 539 a.C.), prevê três reis que viriam após Ciro, seguidos por um quarto (v. 2). Esse quarto rei, provável referência ao vindouro Alexandre Magno (que reinou c. 336–323), morreu jovem, e seus filhos foram assassinados. Daniel prediz esse acontecimento, além do fato de que seu reino seria dividido em quatro partes (v. 4). Incrivelmente, à medida que a história se desenrola, os quatro generais de Alexandre competem por controle e repartem o reino em quatro regiões, quais sejam: Egito (sul), Síria (norte), Ásia Menor e a Grécia propriamente dita. O general do sul (Egito), Ptolomeu I, iniciou a dinastia dos ptolemaicos, enquanto o rei da Síria, Selêuco I, iniciou a dinastia dos selêucidas. Daniel 11.5-35 descreve, em forma de predição, praticamente 155 anos de guerra entre os selêucidas e os ptolemaicos, com enfoque especial dado ao desprezível reinado de Antíoco IV Epifânio (v. 21-35), herdeiro indigno do trono. Todos esses eventos, as pessoas que os cumpriram e muito mais detalhes do que os aqui descritos são preditos com incrível precisão por Daniel.

Além disso, não se deve perder de vista que a maioria — talvez todos — dos pontos profetizados exigia que se cumprisse uma enorme quantidade de futuras escolhas e ações humanas livres. Deus sabia que três reis e em seguida o quarto tomariam o poder. Ele sabia que o reino seria dividido e que quatro partes dele seriam governadas por reis que não seriam os descendentes do quarto rei. Ele sabia sobre as batalhas que ocorreriam entre duas dessas potências e sobre a vitória final de uma delas. Ele sabia da devastação que sobreviria a Israel por meio do último rei e sabia que esse rei perverso não seria o herdeiro digno do trono. Cada uma dessas predições envolve uma sequência de livres ações humanas futuras, das quais depende o cumprimento das predições. Não é de admirar que os liberais atribuam data posterior a esse trecho de Daniel! Tantos detalhes, envolvendo livres escolhas futuras, com tamanha precisão, em apenas um capítulo da Bíblia, são, de fato, surpreendente evidência da realidade da presciência divina.¹²

¹² Em inúmeras discussões públicas sobre o teísmo aberto, contando com proeminentes teístas abertos na sala, pedi a explicação proposta pela visão aberta acerca de Daniel e, em especial, de Daniel 11. Até o presente, tudo o que recebi foram olhares vagos. Isso não é por acaso. Com predições tão detalhadas e exatas que envolvem incontáveis futuras escolhas e ações humanas, perpassando tantos séculos, e abrangendo tamanha quantidade de pessoas e nações, simplesmente não existe possibilidade de explicar as predições sem: 1) recorrer à liberal “datação posterior” de Daniel; 2) sustentar que Deus controlou meticulosamente o que aconteceu, de modo que os que realizaram os atos não eram, de fato, livres e responsáveis (conforme os proponentes da visão aberta entendem o assunto); ou 3) crer que Deus, de fato, sabia e predisse o que seres humanos livres fariam. Obviamente, a passagem requer a última resposta, mas nenhuma das três possibilidades é atraente aos teístas abertos.

Meditação em João 13.19 e 38

Em diversas passagens de João, vemos Jesus recorrendo ao seu conhecimento do futuro, para que outros creiam “que Eu Sou”. Considere João 13.19, em que Jesus afirma aos seus discípulos: “Digo-vos isso desde já, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou” (cf. 14.29; 16.4). O argumento é o mesmo de Isaías (lembre-se de João 12.37-41, em que João identifica Jesus com o Deus da visão de Isaías). O conhecimento que Jesus tem do futuro é prova de que ele tem o conhecimento de Deus.

À luz da afirmação de Jesus em João 13.19, pense em alguns exemplos da presciência de Jesus apresentados em João. Jesus fala a Pedro que este o negaria três vezes antes que o galo cantasse (ver Jo 13.38 e 18.15-27); prediz o tipo de morte que Pedro sofreria (Jo 21.18,19) e prediz que Judas seria seu traidor (Jo 6.64,70,71; cf. Mt 26.21-25). Nesses três casos, as predições de Jesus exigem que outros seres humanos façam exatamente o que ele predisse que fariam. No entanto, as predições não são apresentadas como meros palpites sobre o futuro. Pelo contrário, Jesus *sabe* o que outros livres agentes de fato escolherão fazer, *declara* o que serão essas ações futuras e apresenta sua *razão* para fazer tais predições: “para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou”.

Considere um pouco mais a notável predição de Cristo em João 13.38, segundo a qual, antes de o galo cantar, Pedro o negaria três — não uma, nem duas, nem quatro ou quarenta, mas *três* — vezes. Greg Boyd explicou a notável predição com base no conhecimento perfeito de Jesus (conforme lhe fora revelado pelo Pai) acerca da conduta e do caráter passados de Pedro.¹³ Ou seja, uma

¹³ Boyd, *God of the Possible*, p. 35-37.

vez que Deus consegue saber como Pedro se comportava, o que ele estava inclinado a fazer ou não, Cristo foi capaz de predizer que Pedro o negaria três vezes. Seria esse fundamento razoável para elucidar o relato? Com certeza, é verdade que Jesus conhecia o caráter de Pedro; porém, como ele conseguiria conjecturar *três negações* (i.e., *essa* ocorrência futura, em específico) a partir do caráter de Pedro? Pense bem: e se Pedro tivesse ficado tão aterrorizado, chocado, desorientado e confuso, depois da primeira confrontação e negação, que decidisse fugir para o deserto, tornando impossíveis a segunda e a terceira negação? E se, depois da primeira e da segunda negação, os que estavam ao redor de Pedro o apanhassem e levassem perante o conselho, onde Pedro negaria a Cristo repetida e incessantemente, a fim de evitar a tortura que, de outro modo, receberia? Com isso, não negaria a Cristo incontáveis vezes, e não apenas três? E se Tiago e João estivessem com Pedro ao redor da fogueira junto da qual as negações ocorreram, mas, por causa da presença deles ao lado de Pedro, ele tivesse vergonha tanto de negá-lo quanto de afirmá-lo e, em vez disso, permanecesse calado e, em seguida, desse alguma desculpa para sair o mais rápido possível? Pela visão aberta, uma vez que Jesus (ou o Pai) não conhece as futuras ações livres das pessoas, ele não poderia saber se alguma dessas possibilidades e cenários razoáveis (ou incontáveis outros) poderiam vir a ocorrer. A proposta de que Jesus conseguiria prever com precisão que *Pedro o negaria exatamente três vezes*, fundamentada no conhecimento perfeito de Deus acerca do caráter de Pedro, é bíblica e logicamente implausível.

Considere outra particularidade dessa situação, a saber: a quantidade de futuras ações livres envolvidas no cumprimento dessa predição. Obviamente, todas as escolhas de Pedro ao negar Cristo foram livres escolhas. Aqueles que o questionaram e confrontaram também o fizeram livremente. Foi livre escolha deles confrontar

Pedro três vezes. As livres escolhas deles implicaram que três questões, e não mais ou menos do que três questões, fossem feitas antes de o galo cantar, pois muitos fatores poderiam tê-los induzido a adiar até o pôr do sol as perguntas que fizeram a Pedro ou a deixar de levantar muito mais indagações de modo ininterrupto e sucessivo, levando Pedro a fazer mais do que três negações antes que o galo cantasse. Nenhum incidente relacionado às livres escolhas de Pedro e de tantos outros evitou que ele se achegasse à fogueira. A liberdade de escolha de muitas pessoas fez com que nenhum outro discípulo estivesse com Pedro e com isso fortalecesse sua decisão de não negar a Cristo. E assim sucessivamente. Sem dúvida, a única explicação completa e satisfatória à predição é que Jesus sabia com exatidão que Pedro o negaria, quantas vezes e quando Pedro o negaria. Nesse caso, negar sua presciência é negar o fundamento evidente dessa predição e privar Jesus da base de sua reivindicação à divindade.

Meditação em João 18.4

Outro exemplo específico em que o entendimento da visão aberta simplesmente não se ajusta ao que é encontrado nas Escrituras pode ser visto em João 18.4:¹⁴ “Sabendo Jesus tudo o que estava para lhe acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem procurais?”. O texto é significativo, ao menos de duas maneiras, para a negação central do teísmo aberto quanto à presciência completa definitiva.

Argumento 1. Jesus e sua reivindicação total de conhecer todas as coisas por vir. A explícita reivindicação em João (v. 4a) de que

¹⁴ Gostaria de agradecer a Ted Griffin, da Crossway Books, por chamar a minha atenção e a de Bill Deckard para essa passagem e sua relevância em relação à proposta do teísmo aberto. Sou grato também pelos úteis comentários de Ardel Caneday e Tom Schreiner sobre essa sucinta meditação.

Jesus sabia “tudo o que estava para lhe acontecer” é em si mesma assombrosa, por sua aberta e explícita afirmação de conhecimento abrangente dos eventos futuros. Considere quantas ações e eventos específicos deve abranger o “tudo” que Jesus parece saber: os guardas, os soldados, os julgamentos, as acusações, o interrogatório, as surras, as negações, as traições, a libertação de Barrabás, os espinhos, a cruz. A pura quantidade de conhecimento fático sobre o futuro, reivindicada nessa declaração, desafia qualquer explicação desvinculada do fato de Deus ter uma presciência abrangente. Além disso, considere quantas dessas futuras ações e eventos se desdobraram à sua própria maneira e ocorreram conforme Jesus sabia que ocorreriam, apenas pelas livres decisões de inúmeros agentes morais humanos. Cada ataque de um soldado, falso testemunho, acusação de blasfêmia, mentira mordaz, honraria escarnecedora ou forte golpe foi executado por um ou outro livre agente. De acordo com o teísmo aberto, Deus não poderia conhecer nenhuma daquelas livres ações futuras. O texto, porém, nos diz o contrário: Jesus sabia “tudo” que estava para sobrevir-lhe. Em outras palavras, o texto nos diz que Jesus sabia aquilo justamente que os teístas abertos afirmam que ele não pode saber.

Argumento 2. A pergunta de Jesus àqueles que o procuravam. A pergunta que Jesus fez àqueles que vieram prendê-lo (v. 4b) mostra um discernimento importante sobre como as Escrituras devem ser interpretadas corretamente, no que diz respeito ao teísmo aberto. Logo após relatar que Jesus sabia *tudo* o que estava para sobrevir-lhe, João registra Jesus fazendo justamente uma pergunta. “Que estranho!” — alguém pode pensar. Não se fazem perguntas somente quando há *falta* de conhecimento? A finalidade de uma pergunta não seria *adquirir* conhecimento que não se possui no momento? Em geral, podemos pensar que sim. Mas a justaposição da pergunta, seguindo imediatamente a afirmação joanina de que Jesus sabia

“tudo o que estava para lhe acontecer”, mostra que interpretaríamos mal o questionamento se o lêssemos como admissão tácita da falta de conhecimento de Jesus (como se Jesus, por exemplo, não soubesse se estavam procurando somente a ele, ou a ele e aos discípulos, ou talvez como se ele esperasse que estivessem à procura de criminoso em fuga, ou ainda como se ele estivesse tão transtornado e confuso que não sabia o que se passava). Porém, à medida que se lê a passagem, fica bem claro por que Jesus fez a pergunta. Ele deseja que eles anunciem abertamente que estão à procura de “Jesus de Nazaré”, de modo que ele possa responder “Sou eu”. Com frequência, no Evangelho de João, Jesus reivindicou sua divindade empregando (entre outras coisas) a expressão “Eu Sou” aplicada a si mesmo (sendo João 8.58 talvez o exemplo mais notável). À luz da utilização regular que o Evangelho de João faz da expressão “Eu Sou” em relação à divindade de Jesus, e à luz da reação de caírem por terra ao ouvirem sua declaração (v. 6), parece que Jesus está, com certeza, fazendo mais do que simplesmente se identificar com uma pessoa específica. Sua afirmação de divindade fica implícita. Assim, a pergunta, longe de indicar falta de conhecimento por parte de Jesus, pretende introduzir sua reivindicação à divindade ilimitada. Segundo comentou Ardel Caneday, não obstante a pergunta de Jesus *tenha velado* sua divindade aos rebeldes ouvintes, sua resposta, ironicamente, *revelou* sua divindade.¹⁵

O que podemos aprender, a partir de João 18.4, sobre a melhor maneira de interpretar algumas das passagens favoritas da

¹⁵ Ardel B. Caneday, “Veiled Glory: God’s Self-Revelation in Human Likeness — A Biblical Theology of God’s Anthropomorphic Self-Disclosure”, in John Piper, Justin Taylor e Paul K. Helseth (eds.), *Beyond the Bounds: Open Theism and the Undermining of Biblical Christianity*, Wheaton, Ill.: Crossway, 2003, p.185-186 [publicado no Brasil por Editora Vida sob o título *Teísmo aberto: uma teologia além dos limites bíblicos*].

visão aberta? Encarando os fatos de forma simples, Deus pode ter motivos para falar conosco ou se aproximar de nós por caminhos que, *em si e por si mesmos*, parecem indicar que ele carece de conhecimento. Fazer uma pergunta, com certeza, pode expressar essa aparente limitação do conhecimento divino. Mas com isso aprendemos, ao interpretar a pergunta de 18.4b à luz da inequívoca afirmação de 18.4a, que a pergunta de Jesus não significava falta de conhecimento. Pelo contrário, foi ferramenta para extrair dos outros o que ele queria deles, a fim de levar adiante seus propósitos, ao cumprir sua vontade prévia. Os proponentes da visão aberta dizem com frequência que pretendem apenas aceitar seriamente o sentido bíblico simples e direto. Mas não seria o caso de essa passagem ilustrar que um procedimento direto de interpretação à pergunta de Jesus (i.e., que indicasse, por implicação, seu conhecimento limitado) pode levar a uma falsa interpretação (i.e., por João ter dito explicitamente que Jesus conhecia todas as coisas que lhe sobreviriam)? Não seria o caso de reconhecer que o sentido pretendido por Deus se apresenta mais complexo e indireto do que permitiriam as leituras “literais”, “diretas” e “ao pé da letra” propostas pelo teísmo aberto? Se assim for, não fica claro que, em tais casos, aceitar o sentido “direto” do texto como sendo correto é, de fato, *perder de vista completamente o sentido pretendido*? Com toda certeza, esse seria o caso no exemplo dado: caso aceitássemos a pergunta de Jesus de modo direto, como se estivesse indicando limitação em seu conhecimento, isso não seria mera interpretação “alternativa” da passagem; na realidade, seria interpretar totalmente mal o trecho e violar a explícita declaração de João na primeira metade do versículo.

O que ajuda em João 18.4 é que uma “correção” a esse potencial equívoco sobre a pergunta de Jesus (v. 4b) encontra-se na afirmação simples e direta que ele faz acerca de sua presciência

transcendente e completa dos eventos futuros (v. 4a). Nem sempre é assim, entretanto. Nem sempre encontramos no próprio versículo (ou no contexto imediato) a verdade “transcendente” de que a suposta interpretação *direta*, indicadora de aparente limitação no conhecimento divino, não pode ser o real sentido *pretendido* na passagem. Devemos, em vez disso, estudar as Escrituras como um todo e buscar a interpretação de certas passagens à luz de outras passagens, enquanto trabalhamos com afincio para compreender cada texto em seu próprio contexto. Quando isso for feito, a transcendente verdade da plena presciência divina nos levará a pensar mais árdua e profundamente acerca de passagens específicas que parecem estar em conflito. Indagaremos: por que Deus escolhe falar dessa maneira, à luz de seu evidente ensinamento, em outra parte da Bíblia, de que conhece todas as coisas? Esse é o caminho para explorar os sentidos reais pretendidos nesses textos. A abordagem interpretativa do teísmo aberto, a despeito de todas as suas reivindicações no sentido de levar a sério as passagens bíblicas, recomenda uma abordagem que, na realidade, viola tais textos e diminui, limita o Deus da Bíblia. João 18.4 ajuda-nos a ver esse fato.

Conclusão

Será que a Bíblia, conforme expõem os teístas abertos, ensina que Deus se indaga e especula a respeito do que seres humanos livres virão a fazer no futuro? Será que ele às vezes “não entende direito as coisas”, pensando, por exemplo, que Saul seria um bom rei, mas depois vindo a se arrepender por sua decisão de torná-lo rei? Ou então decidindo inundar a terra para, em seguida, avaliar que sua decisão foi um tanto quanto severa? Será que vivemos com um Deus que conserta suas próprias ações e que espera para descobrir se o conselho que deu a outros se mostrará o melhor ou verdadeiro?

“Absolutamente, não!”, tem dito a igreja por toda sua história. Mais uma vez, portanto, os cristãos devem levantar-se e dizer “não” a tal proposta. O Deus da Bíblia demonstra a veracidade do fato de reivindicar ser Deus, ao predizer o futuro com precisão assombrosa e impressionante. A presciência de Deus compreende tanto o imediato (a próxima palavra que sairá de minha boca) quanto o remoto (o que nações e reis farão daqui a séculos). O Deus da Bíblia não encara o futuro como nós fazemos, indagando-se sobre o que virá a acontecer. Pelo contrário, o Deus verdadeiro conhece e anuncia o fim desde o princípio e desafia a todos a provar que ele está errado!

Uma vez que passagens citadas em defesa da visão aberta podem com fundamento ser explicadas de modo contrário ao que os proponentes do teísmo aberto insistem e, uma vez que tantos trechos bíblicos nos compelem a prostrar-nos diante do Deus que conhece o desdobrar da história em abundantes detalhes, resta-nos apenas perceber que os argumentos bíblicos a favor do teísmo aberto são falhos. Infelizmente, esse não é o único aspecto inquietante do ponto de vista aberto. À proporção que sua equivocada interpretação bíblica e ensinamento sobre Deus aplicam-se à vida, questões como oração, sofrimento e esperança cristã são distorcidos a ponto de se tornarem irreconhecíveis dentro de um contexto cristão verdadeiro. Voltamo-nos, a seguir, à observação seletiva de alguns pontos em que essa desorientada visão das Escrituras conduz a profundas e inquietantes distorções na compreensão e vivência da fé cristã. Em tudo isso, nossa esperança e oração é que vejamos a glória real de Deus e sejamos compelidos a prostrar-nos ante sua majestosa grandeza, não sendo seduzidos por uma moderna divindade feita à imagem e semelhança do homem e que diminui e limita a Deus e à fé que ele deseja produzir em seu povo. Pela grandiosa glória de Deus e pelo duradouro bem do povo de Deus, prossigamos.



CAPÍTULO 3

Teísmo aberto e sofrimento

Visões contrastantes

Uma das alegações mais fortes do teísmo aberto é que sua visão sobre Deus e sobre o relacionamento dele com as pessoas permite-nos explicar o sofrimento e a aflição de uma maneira muito melhor do que a visão proposta por posições teológicas tradicionais. Todas as visões tradicionais sobre Deus têm em comum a crença de que Deus conhece de antemão tudo o que acontecerá no futuro e de que ele conhece tudo em relação a ações e eventos futuros, com detalhes precisos. Além disso, o ponto de vista tradicional sobre Deus e o mundo afirma que, embora Deus conheça todo o sofrimento e o mal que deverão ocorrer no mundo, ele também sabe que bons propósitos são, por fim, cumpridos por meio do mal — bons propósitos que somente poderiam ser alcançados com o sofrimento e a aflição que realmente acontecem. Isso nunca quis dizer, para os teólogos cristãos ao longo dos séculos, que Deus seja moralmente responsável pelo mal ou seja o “autor do pecado”,¹

¹ Confissão de Fé de Westminster, III.1.

embora obviamente e com toda certeza ele tenha criado o mundo sabendo de antemão tudo o que aconteceria, inclusive cada atrocidade e tragédia.

Se qualquer versão do ponto de vista tradicional for verdadeira — argumenta o teísta aberto —, seguem-se duas consequências: 1) o futuro, com seu sofrimento “pré-conhecido”, não pode ser evitado, uma vez que Deus de antemão sabe exatamente o que acontecerá e seu conhecimento (incluindo sua presciência), por definição, não pode estar errado; 2) de maneira intencional, Deus faz com que *ocorra, de fato*, cada terrível situação de sofrimento que ele sabe de antemão que ocorrerá. Em outras palavras, Deus é, inevitavelmente, responsável por trazer à existência cada situação de mal, já que ele sabia que tudo isso ocorreria no “futuro” que ele traria à realidade.

Sendo assim — argumenta o teísta aberto —, se temos de entender o futuro como algo realmente livre e se temos de isentar Deus da responsabilidade moral por criar um mundo que incluiria todo o sofrimento que inclui, devemos negar que Deus conhece e pode conhecer as livres decisões e ações futuras de suas criaturas morais. Quando o sofrimento acontece, podemos ficar seguros de que Deus não o planejou, não o deseja, não o conhecia de antemão, nem tampouco tem algum propósito “secreto” por trás dele. Antes, o Deus do teísmo aberto deseja que o sofrimento e a aflição nunca ocorram e, quando ocorrem, ele se sente mal por isso e está presente em meio ao sofrimento para dar força e esperança aos que enfrentam a dor.

Histórias contrastantes

Talvez ajude considerarmos duas histórias contrastantes de sofrimento, cada uma ilustrando como os cristãos podem encarar tipos semelhantes de circunstâncias trágicas, vistas, respectivamente, pelo ponto de vista tradicional da igreja e pela nova visão aberta sobre Deus.

*Testemunho do conhecimento e propósito
divinos na aflição (a visão tradicional)*

Os nomes de Scott e Janet Willis são conhecidos entre muitos cristãos dos Estados Unidos por causa da fé e esperança que o casal depositou em Deus, em meio a uma indescritível circunstância trágica. O seguinte trecho da história deles é contado por Eric Zorn, colunista do jornal *Chicago Tribune*:

O reverendo Duane [Scott] Willis, da Igreja Batista Parkwood, no bairro Mount Greenwood, em Chicago, sempre reclinava a cabeça em oração junto a sua família, antes de fazerem uma viagem – “pedindo que Deus nos protegesse e nos proporcionasse excelente viagem, bom tempo juntos e, claro, segurança”, disse ele.

Em uma manhã de novembro [08 de novembro de 1994], Duane e Janet Willis e seis dos nove filhos do casal fizeram essa mesma oração e, em seguida, partiram rumo a Milwaukee dentro de sua minivan Plymouth Voyager, a fim de visitar alguns parentes. Durante o percurso pela rodovia interestadual, a van passou por cima de um pedaço de metal que caíra de um caminhão que ia à frente deles. O metal furou o tanque de gasolina dos Willis e provocou fagulhas que causaram terrível explosão. Cinco das crianças — com idade entre seis semanas e onze anos — foram instantaneamente consumidas pelo fogo. O sexto filho, Ben, de treze anos, ficou com queimaduras em estado crítico.

Janet e Duane Willis não ficaram gravemente feridos. Refletindo sobre a situação, Duane disse a Janet: “Isso é algo que Deus preparou para nós”. Enquanto seguia os corpos carbonizados de seus filhos até a ambulância, Janet Willis recitava o Salmo 34, oração que a igreja Parkwood tentava memorizar: “Bendirei o SENHOR em todo o tempo; seu louvor estará sempre

nos meus lábios”. Esse salmo continua, dizendo: “As aflições dos justos são muitas”.

De suas próprias camas do hospital, o casal Willis orava para que seu filho, Ben, se recuperasse. Quando ele morreu, na manhã seguinte, não pararam de orar, nem de louvar a Deus. “Deus conhece toda a história e o tempo, desde o princípio até o fim”, disse Duane Willis muitos meses depois. “O que nos aconteceu não foi acidente. Deus nunca é pego de surpresa. Deus tinha um propósito com isso tudo, provavelmente diversos propósitos. Não entendemos o plano de Deus — como diz Isaias, os caminhos dele não são nossos caminhos. Pedimos por segurança, mas acabou não sendo assim; porém, é na maneira pela qual Deus responde a nossas orações que passamos a compreender qual é a vontade de Deus”.²

Um dos filhos restantes de Scott e Janet Willis também escreveu sobre o que seus pais e família experimentaram. Para acrescentar um pouco mais a essa história, segue um trecho do emocionante relato de Toby Willis:

Meu pai fez a abertura da entrevista coletiva à imprensa [logo após o acidente] citando um salmo da Bíblia: “Bendirei o SENHOR em todo o tempo; seu louvor estará sempre nos meus lábios” (Sl 34.1). Por que esse salmo? Mesmo em meio à dor emocional e física, ele sabia, pela leitura da Palavra de Deus, que devia confiar que Deus é bom.

Ao terminar o discurso que havia preparado, respondeu a perguntas dos repórteres. Eles foram amáveis e compassivos.

² Resumo de notícias virtual, disponível em: <http://www.nd.edu/~ndmag/zornau95.html>. [N. do T.: Link quebrado]

Contudo, assim como a maioria das pessoas inteligentes faria, eles perguntaram educadamente se ele seria capaz de lançar alguma luz à velha questão: “Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?”.

Já é bem difícil louvar a Deus publicamente em tempos de dor e sofrimento. Mas será que alguém é capaz de explicar com sensatez o porquê? Questões de fé ficam fora das explicações da razão? Diante das câmeras ligadas, meu pai teve de encarar questões sinceras sobre a realidade.

Meu pai já tinha declarado que sabia que “Deus tem seus motivos... e que Deus é bom”. De fato, a Bíblia nos diz que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28). Ela também nos dá exemplos de pessoas do passado, mostrando como Deus transformou em bem aquilo que parecia ser tragédia. O melhor exemplo é a história de José, registrada no livro de Gênesis. Em nosso conhecimento limitado acerca do passado e do presente, bem como em nossa incapacidade de ver o futuro, simplesmente ainda não vemos a história completa... Entendendo como Deus nos vê e o castigo que merecemos, meu pai fez, com acerto, o seguinte comentário ao repórter: “Na verdade, a questão deveria mudar para: ‘Por que coisas boas acontecem a pessoas ruins?’”.³

Ninguém pode deixar de notar, presente em todos esses relatos, a confiança em Deus, em sua sabedoria e caráter bondoso. Scott e Janet Willis tiveram tamanha confiança em Deus que puderam regozijar-se nele, mesmo seus filhos tendo sido tirados deles

³ “Why?”, disponível em: <http://www.hopeway.org/gospel/why.asp>. Good News Publishers também publicou uma versão da história dos Willis em forma de folheto evangelístico, intitulado “Through the Flames”, que pode ser lido e encomendado em: <http://www.gnpb.org/product/663575724360>.

pelo Senhor. Outro relato da tragédia registra Scott dizendo a respeito de seus preciosos filhos:

Nós entendemos que eles foram dados pelo Senhor e que não eram nossos. Eles eram dele, e nós éramos mordomos dessas crianças. Então, Deus os tomou de volta. Ele é aquele que dá e aquele que tira a vida. Devemos confessar o quanto sofremos e lamentamos, assim como vocês, pais, fariam por seus filhos. A intensidade da dor é indescritível. A Bíblia expressa que sentimos aflição, mas não como quem não tem esperança.⁴

O conhecimento de Deus acerca de tudo o que acontece, seus bons propósitos finais em meio à tragédia, a confiança de que nada pega Deus de surpresa e a garantia de que nossas vidas estão nas mãos dele — todos esses aspectos transbordam da vida e dos lábios de Scott e Janet Willis. Para eles, Deus conhece tudo o que acontece, opera em todas as coisas a fim de cumprir seus bons e misteriosos propósitos, e podemos contar que ele fará o que é melhor, mesmo quando isso envolver nossa mais profunda aflição e dor. Recorde as palavras de Scott Willis: “O que nos aconteceu não foi acidente. Deus nunca é pego de surpresa. Deus tinha um propósito com isso tudo, provavelmente diversos propósitos”.

Testemunho da ignorância e falta de propósito divinos na aflição (a visão do teísmo aberto)

Em notável contraste com esse testemunho situa-se um relato apresentado por Greg Boyd. Ele conta que foi abordado por uma jovem

⁴ Mark Gillmore, “How Could They Make It?”, disponível em: <http://www.gnn.net/silent/howcould.html>. [N. do T.: Link quebrado]

enfurecida, logo após ele ter pregado um sermão sobre como Deus dirige nossos caminhos.⁵ Em resumo, a mulher (a quem ele chama de “Suzanne”) era uma cristã solteira dedicada, com verdadeiro zelo por missões. Ela orava com fervor para que Deus lhe enviasse um jovem de coração missionário que dividisse com ela o fardo de seu chamado específico por Taiwan. Na faculdade, ela encontrou esse homem, viveu momentos preciosos de oração e comunhão com ele por três anos e meio e, depois de prolongado e contínuo período de busca da vontade de Deus — incluindo longa fase de jejum e busca de conselhos piedosos —, eles se casaram, plenamente confiantes de que Deus os unira. Depois da faculdade e de mais dois anos em treinamento missionário, Suzanne soube que o marido dela estava envolvido em um relacionamento extraconjugal. Ele se arrependeu (ao menos era o que parecia), mas alguns meses mais tarde voltou a envolver-se nesse relacionamento adúltero, começou a tratar Suzanne muito mal e, por fim, divorciou-se dela a fim de morar com a amante. Algumas semanas após o divórcio, Suzanne soube que estava grávida (o filho era do ex-marido, obviamente), o que a deixou, ao cabo dessa terrível provação, vazia emocional e espiritualmente. Boyd escreve:

É bastante compreensível que Suzanne pudesse não compreender como o Senhor respondera a suas contínuas orações, dando-lhe um homem que — ele *sabia* — faria tudo isso com ela e seu filho. Alguns amigos cristãos insinuaram que ela talvez não tenha ouvido direito a voz de Deus. Porém, se não era a voz de Deus o que ela e todos os outros ouviram em relação a esse casamento

⁵ *God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God*, Grand Rapids, Mich.: Baker, 2000, p. 103-106.

— concluiu ela —, ninguém jamais pôde ter certeza de ter ouvido a voz de Deus.⁶

Confrontado com tal situação agonizante e procurando ajudar a mulher ferida e irada a lidar com a dor, a perda e a sensação de traição divina, Boyd explica o conselho pastoral que ofereceu a ela:

A princípio, tentei ajudar Suzanne a entender que isso tudo era culpa do ex-marido, e não de Deus, mas a resposta dela foi mais do que suficiente para invalidar meu incentivo: se Deus *sabia* exatamente o que o marido dela faria, ele leva toda a responsabilidade por preparar-lhe o caminho do jeito que fez. Eu não podia refutar-lhe o argumento, mas podia oferecer-lhe uma maneira alternativa de compreender a situação.

Sugeri que Deus sentiu tanto arrependimento pela confirmação que deu a Suzanne quanto sentiu pela decisão de tornar Saul rei (1Sm 15.11,35; ver também Gn 6.5,6). Não que tenha sido uma decisão ruim — naquela época, o ex-marido dela era um homem bom, de caráter piedoso. As perspectivas de que ele e Suzanne teriam um casamento feliz e um ministério frutífero eram, até então, muito boas. De fato, tenho fortes suspeitas de que Deus conduziu Suzanne e seu ex-marido àquela faculdade tendo em mente o casamento deles.

Entretanto, por ser o ex-marido dela um livre agente, mesmo as melhores decisões podem ter resultados tristes. Com o passar do tempo, e por uma série de escolhas, o ex-marido de Suzanne escancarou-se para a influência do inimigo e envolveu-se em um relacionamento imoral. Inicialmente nem tudo estava perdido, e Deus e outros tentaram restaurá-lo; porém, ele escolheu resistir à

⁶ Ibid., p. 105.

sugestão do Espírito e, como consequência, o coração dele foi ficando em trevas. O ex-marido de Suzanne tornou-se homem muito diferente daquele que Deus lhe confirmara que seria um bom candidato ao casamento. Isso — garanti a Suzanne — afligiu o coração de Deus ao menos tão intensamente quanto afligiu o dela.

Ao colocar a provação no contexto de um futuro aberto, Suzanne foi capaz de compreender de uma nova maneira a tragédia de sua vida. Ela não teve de abandonar toda a confiança em sua habilidade de ouvir a Deus e não teve de aceitar que, de algum modo, Deus intencionou essa provação “para o bem dela”. Sua fé no caráter de Deus e seu amor pelo Senhor foram, por fim, restaurados, e ela, então, foi capaz de dar continuidade à vida [...] Isso não é testemunho da exata e completa presciência dele [de Deus]; é testemunho de sua sabedoria insondável.⁷

Conforme explica John Sanders, ainda que Deus dê à pessoa liberdade para ser usada para bons propósitos, ele não pretende que ela seja usada para o mal e não possui nenhum “bom propósito” oculto nas situações específicas de sofrimento que ocorrem. Sanders concordaria com Boyd quanto a devermos rejeitar a noção de que, de alguma forma, Deus pretenda que o sofrimento em nossa vida seja “para nosso próprio bem”. Deus não sabe de antemão que a aflição sobrevirá nem deseja que ela ocorra. Quando ela acontece, o sofrimento e a dor não servem a nenhum propósito divino e não deveríamos “dignificar” tal sofrimento e dor, dizendo que, de algum modo, Deus o planejou para o bem. Colocando esse entendimento dentro de seu ponto de vista mais amplo sobre o relacionamento de Deus com o mundo, Sanders explica:

⁷ Ibid., p. 105-106.

A estrutura geral da criação é projetada por Deus, mas não cada detalhezinho que se passa dentro dela. Pela providência geral, faz sentido dizer que Deus intenciona um propósito geral para a criação e que não que intencione, especificamente, cada ação dentro da criação. Assim, Deus não tem um propósito divino específico para cada ocorrência do mal. O “bem maior” de se estabelecerem as condições de comunhão entre Deus e as criaturas não significa que o mal gratuito tenha algum espaço. Pelo contrário, existe espaço para a possibilidade do mal gratuito, mas não para sua realidade [...] Quando uma criança de dois meses contrai um doloroso e incurável câncer ósseo que implica sofrimento e morte, isso é um mal desnecessário e inútil. O Holocausto é um mal desnecessário e inútil. O estupro e o esquartejamento de uma garotinha é um mal desnecessário e inútil. O acidente que causou a morte de meu irmão foi uma tragédia. Deus não tem em mente nenhum propósito específico para esses acontecimentos.⁸

Essas histórias revelam duas formas muito diferentes de abordar a questão do sofrimento humano. Segundo a visão tradicional sobre Deus, ele conhece tudo o que acontecerá, inclusive todo o sofrimento, e criou o mundo sabendo que o sofrimento ocorreria e que por meio dele seus bons propósitos se cumpririam. Segundo o ponto de vista do teísmo aberto, as coisas não são bem assim. Pelo contrário, o Deus do teísmo aberto não conhece, não intenciona nem deseja o bem a partir de qualquer sofrimento futuro. Talvez seja útil elencar algumas das principais crenças que se enquadram no entendimento que o ponto de vista aberto tem sobre o sofrimento e a dor. Segundo o teísmo aberto:

⁸ *The God Who Risks: A Theology of Providence*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1998, p. 261-262.

1. Deus não conhece com antecedência as livres ações futuras de suas criaturas morais.
2. Deus não pode controlar as livres ações futuras de suas criaturas morais.
3. Ocorrem eventos trágicos sobre os quais Deus não tem controle (por causa da maneira como projetou o mundo).
4. Quando tragédias acontecem, Deus não deve levar a culpa por não ter sido capaz de evitar que elas acontecessem (por causa da maneira como projetou o mundo), e ele certamente não as desejou nem as causou.
5. Quando eventos trágicos acontecem, Deus sente a dor daqueles que passam pelo sofrimento.
6. Deus é amor, e pode-se confiar que ele sempre fará o melhor para dar direcionamento cujo propósito é servir ao bem-estar de todos.
7. Às vezes, Deus percebe que o direcionamento dado por ele pode ter culminado, de maneira involuntária e inesperada, em tribulação e sofrimento indesejados.
8. Às vezes, Deus pode se arrepender de suas próprias ações passadas, ao perceber que suas escolhas não funcionaram bem e culminaram em tribulação indesejada (e.g., 1Sm 15.11).
9. O sofrimento é desnecessário e inútil, i.e., o sofrimento não tem nenhuma qualidade positiva ou redentora, de maneira que Deus nunca deve ser visto como se intencionasse o sofrimento a fim de tirar algum bem dele.
10. Indiferentemente de nosso sofrimento ter sido inútil ou de Deus ter contribuído para ele de modo involuntário,

Deus sempre está pronto para ajudar a reconstruir nossa vida e oferecer-nos mais graça, força, direcionamento e aconselhamento.

Entendendo o sofrimento biblicamente

Uma vez que a Bíblia é a única fonte final e plena para a fé e prática cristãs, a pergunta mais crucial que se pode fazer é: será que o ponto de vista aberto reflete com precisão o que a Bíblia ensina? Ainda que se possa dizer muito mais, este breve resumo bastará para mostrar que muitos dos ensinamentos bíblicos centrais a respeito do sofrimento simplesmente não podem ser explicados pela visão aberta e, por essa razão, a fé e a esperança cristãs ficarão prejudicadas por onde quer que o teísmo aberto for seguido. Considere os seguintes princípios bíblicos:

1. O sofrimento não é, em si mesmo, um bem *essencial*. Nesse ponto, os teístas abertos e os cristãos tradicionais concordam. As Escrituras são muito claras: Deus é bom e *somente* bom! O Salmo 5.4 afirma: “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça, nem o mal habita contigo” (cf. Sl 11.5-7; 92.15); e o Salmo 107.1 exorta: “Rendei graças ao SENHOR, pois ele é bom; seu amor dura para sempre” (cf. Sl 100.5; 106.1; 136.1). A Bíblia é igualmente clara ao afirmar que a criação de Deus era, como Deus, boa e *somente* boa. “E Deus viu tudo quanto fizera, e era muito bom. E foram-se a tarde e a manhã, o sexto dia” (Gn 1.31). Fica claro também que, na futura recriação divina a que chamamos céu, todo mal, sofrimento e dor desaparecerão por completo. Apocalipse 21.3,4 declara: “E ouvi uma forte voz, que vinha do trono e dizia: O tabernáculo de Deus está entre os homens, pois habitará com eles. Eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Eles lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem

dor, porque as primeiras coisas já passaram” (cf. Ap 22.1-5). Devemos afirmar, portanto, que o mal não pode ter espaço nem na própria natureza de Deus, nem na ordem criada por Deus (da forma como ele a criou no princípio), nem no céu que Deus recriará. O sofrimento, então, não é algo essencial à natureza de Deus ou da criação dele.

2. Contudo, o sofrimento com frequência é ordenado por Deus e intencionalmente usado por ele como um bem *instrumental*. Ou seja, embora o sofrimento não seja, soem si mesmo, algo bom, pode às vezes servir a bons propósitos, como instrumento nas mãos de Deus. Esses bons propósitos muitas vezes estão por trás do sofrimento, como parte do desígnio de Deus para as pessoas. Certamente esse é um ponto crucial em que os teístas abertos se afastam da tradição da igreja na questão do sofrimento. Enquanto os teístas abertos reivindicam que o sofrimento não é designado por Deus e não possui por trás de si nenhum bom propósito planejado, os cristãos ortodoxos têm sustentado, ao longo dos séculos, que Deus de fato designa ao menos algum sofrimento com o propósito deliberado de trazer algum bem por meio dele.

Considere alguns exemplos das Escrituras em que vemos Deus empregando a dor e a aflição como seus instrumentos para o bem. Em primeiro lugar, o sofrimento pode às vezes ser o meio designado e escolhido por Deus para trazer juízo sobre aqueles que se opõem a ele, culminando até em morte, caso a dureza do coração persista (e.g., Nm 16.31-35, 41-50; Is 10.5-19). Em segundo lugar, semelhantemente, Deus designa certa dose de dor como ferramenta de disciplina para chamar filhos teimosos de volta a ele (e.g., Pv 3.12; Hb 12.10). Conforme disse C. S. Lewis, o sofrimento é “o megafone” de Deus chamando corações rebeldes.⁹ Em terceiro

⁹ *The Problem of Pain*, New York: Macmillan, 1959, p. 81 [publicado no Brasil por Editora Vida sob o título *O problema do sofrimento*].

lugar, a aflição pode ser escolhida por Deus almejando o crescimento e o fortalecimento da fé dos cristãos (e.g., Rm 5.3-5; Tg 1.2-4). Em quarto, a aflição pode expor a tal ponto a fraqueza humana que a força e a glória sobreexcelescentes de Deus se tornem mais evidentes (e.g., 2Co 4.8-12; 12.8-10). Quinto, a aflição pode ser dada por Deus de modo que os cristãos sejam mais habilitados a servir a outros que, do mesmo modo, experimentam dor e sofrimento na vida (e.g., 2Co 1.3-7). Em sexto lugar, o sofrimento é simplesmente uma parte necessária do discipulado cristão, no sentido de que seguir o caminho que Cristo andou implicará sofrimento, a fim de provar e testar nossa lealdade e esperança nele, e nele somente (e.g., Jo 15.18-20; Fp 3.10; 2Tm 3.12).

3. Em particular, Deus prometeu a seus filhos que nada lhes sobrevém a não ser que tenha sido ordenado e seja usado por ele para o bem último deles. Romanos 8.28 apresenta promessa tão preciosa, tão confortadora, que se torna inimaginável alguém negá-la e, ao mesmo tempo, afirmar a fé cristã: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito”. Assim, quando Sanders diz: “Deus não tem em mente propósito específico para esses eventos [trágicos]”¹⁰ e Boyd afirma em relação à traição que Suzanne experimentou: “Ela não teve de abandonar toda a confiança em sua habilidade de ouvir a Deus e não teve de aceitar que, de algum modo, Deus pretendeu essa provação ‘para o bem dela’”¹¹, os conselhos dos teístas abertos privam-nos de toda esperança e confiança em Deus intencionadas pelas Escrituras. Repetidamente, por toda a Bíblia, seja pela história de Jó ou José ou Davi ou Daniel ou Jesus

¹⁰ *God Who Risks*, p. 262.

¹¹ *God of the Possible*, p. 106.

ou Paulo ou Pedro ou a de muitos outros, a mensagem é clara: Deus orchestra e usa o sofrimento na vida de seus filhos com a finalidade de oferecer-lhes algum tipo de bem final (e, por vezes, imediato). Deus designa bons propósitos por meio do sofrimento, mas os cristãos ficam privados dessa preciosa segurança com a negação que a visão aberta faz de tão estimada verdade.

Pouco tempo atrás, falei em conferência na qual refletimos bastante sobre como os cristãos devem entender e enfrentar o sofrimento. Durante a sessão de perguntas e respostas, uma cristã sincera indagou: “Sei que devemos dar graças *em* tudo que nos sobrevém, mas não se espera que agradeçamos *por* tudo, certo?”. Bem, na verdade, espera-se que sim. A Bíblia ordena ambos os pontos: gratidão *em* e gratidão *por* tudo o que se passa em nossas vidas (ver 1Ts 5.18 e Ef 5.20 [ARA], respectivamente). Fica claro que somente isso faz sentido. Se o sofrimento que nos sobrevém for inútil e desnecessário, se Deus não possuir nenhuma boa intenção com ele e se tudo que esse sofrimento trazer for prejuízo, não existe razão para agradecer *no* sofrimento e muito menos *pelo* sofrimento. Não podemos agradecer de verdade em meio ao sofrimento, se pensarmos que não há nada nele que possa motivar a gratidão, que Deus não está na situação (que, na realidade, ele se sente mal por tudo e gostaria de que nada disso tivesse acontecido), que Satanás zomba do que se passa, ciente de que isso não serve para bem algum e só traz prejuízo, e que não há garantia de o sofrimento terminar de maneira diferente do que começou — inútil, insignificante e desprovido de qualquer possível bom propósito. Se é assim que pensamos sobre o sofrimento, só podemos (e com razão) desesperarmos *nele* e *por causa* dele.

Se, entretanto, as promessas de Deus são seguras; se Deus prometeu que garantirá que *todas as coisas* concorrerão para o bem (Rm 8.28); se Deus prometeu que “não faltará bem algum aos que

buscam o SENHOR" (Sl 34.10; cf. Sl 84.11); e se Deus deseja que possamos compreender seu amoroso compromisso conosco, que é demonstrado quando diz: "Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas, pelo contrário, o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?" (Rm 8.32); então, temos bons motivos para agradecer a Deus *em e por* tudo o que acontece. Deus não falhará; ele reina sobre o sofrimento em nossas vidas e propõe nosso bem por meio de tudo que acontece, assegurando que teremos todo o bem que ele planeja para nós.

4. Deus está mais preocupado com nosso caráter do que com nosso conforto; com nossa transformação do que com as provações necessárias para levar-nos até onde ele quer que estejamos. Duas passagens entoam essa verdade com ecos que soam como o coro de "Aleluia", de Handel. Tiago tem a audácia (é o que parece) de dizer a cristãos aflitos e perseguidos: "Meus irmãos, considerai motivo de grande alegria o fato de passardes por várias provações, sabendo que a prova da vossa fé produz perseverança; e a perseverança deve ter ação perfeita, para que sejais aperfeiçoados e completos, sem lhes faltar coisa alguma" (Tg 1.2-4). Não fica claro que o entendimento do teísmo aberto acerca do sofrimento não consegue explicar esse texto? De fato, para os seguidores do Deus do teísmo aberto, quando o sofrimento acontece, afligimo-nos e Deus se aflige conosco, mas não temos motivo para sentir grande alegria, pois Deus não está no sofrimento e não intenciona nenhum bom propósito por meio dele. Como o teísmo aberto consegue explicar o que foi ordenado por Tiago?

No entanto, através dos séculos os cristãos têm entendido corretamente o porquê de Tiago instruí-los a "considerar motivo de grande alegria" quando o sofrimento e a tribulação vêm. A boa mão de Deus não está ausente, mas presente no sofrimento e por meio dele, de modo que podemos crer e nos apegar à certeza de

que Deus usará o sofrimento que experimentamos como meio de fortalecer nossa fé. Longe de encarar as tribulações como inúteis subprodutos de nossa vida em um mundo em que as forças da natureza correm desenfreadas ou em que perversas criaturas livres fazem o que querem na tentativa de arruinar nossas vidas, somos, pelo contrário, instruídos a ver a boa e sábia mão de Deus em todas as provações da vida; dessa maneira, temos esperança.

De modo semelhante, Paulo nos convida a que nos gloriemos nas tribulações, “sabendo que a tribulação produz perseverança, e a perseverança, a aprovação, e a aprovação, a esperança; e a esperança não causa decepção, visto que o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.3-5). O único meio possível de os cristãos se alegrarem e não se desesperarem diante do sofrimento é se a boa mão de Deus estiver nas próprias provas. Retire a providencial mão de Deus, retire o bom propósito cumprido pelo sofrimento, retire a formação de caráter, a esperança e a santidade que subjazem ao sofrimento, e você acabará retirando todos os motivos para se gloriar. Somente devido ao fato de Deus intencional o bem por meio do sofrimento é que os cristãos podem viver conforme ensinam as Escrituras e conforme incontável número de cristãos têm vivido através dos séculos. Por Deus se importar profundamente que nós, como seu povo santo, vivamos em conformidade com o caráter de Cristo (ver Ef 1.4 e Rm 8.29), e por Deus ter considerado sábio e bom escolher os sofrimentos como uma de suas ferramentas para realizar esse objetivo bom e perfeito, nós também podemos nos regozijar em nossos sofrimentos — não que os sofrimentos sejam bons em si mesmos, mas porque trazem embutido em si um propósito que é bom. Sem esse bom propósito, não existe esperança.

5. Admitir o propósito divino para o sofrimento não exige aceitação passiva do sofrimento. Cristãos que creem que os bons

propósitos de Deus se cumprem por meio do sofrimento também percebem que o sofrimento, *em si mesmo*, não é um bem e, portanto, é correto buscar libertar-se dele. Todavia, ainda que busquem com razão a libertação do sofrimento, os cristãos devem também estar prontos para aceitar e acolher a possibilidade de que o melhor de Deus para nós inclua uma contínua experiência do próprio sofrimento, do qual buscam libertar-se orando de forma correta e fervorosa. A experiência de Paulo é instrutiva nesse sentido. Você deve lembrar-se da descrição de sua luta com a aflição (2Co 12.7-10):

Portanto, para que eu não me tornasse arrogante [por causa das revelações extraordinárias, descritas em 12.1-6], foi-me posto um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me atormentar, para que eu não me tornasse arrogante. Pedi ao Senhor três vezes que o tirasse de mim. Mas ele me disse: A minha graça te é suficiente, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de muito boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo repouse sobre mim. Por isso, eu me contento nas fraquezas, nas ofensas, nas dificuldades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.

O mesmo Paulo que exortou os cristãos a se gloriarem “nas tribulações” (Rm 5.3), nesse caso, em meio ao que deve ter sido uma aflição angustiante, procura a Deus com fervor, pedindo para ser libertado do sofrimento que experimenta. Seria isso uma incoerência? De maneira alguma! Pois Paulo sabe que o sofrimento não é algo bom por si mesmo; seu único “bem” decorre daquilo que aprendemos com ele ou do quanto crescemos por causa dele. Assim, Paulo pediu em oração três vezes que Deus tirasse dele aquela aflição. Porém, quando se tornou claro que o espinho na carne, enviado por

Satanás, fora na verdade uma ferramenta ordenada por Deus a fim de realizar em Paulo a obra que apenas isso poderia fazer, somente naquele momento Paulo foi capaz de aceitar o sofrimento como parte do bom propósito de Deus em sua vida.

Observe também a instrutiva tensão entre Paulo vendo a aflição como mensageiro de *Satanás* e, ao mesmo tempo, orando ao *Senhor* para removê-la. Se o espinho fosse somente da parte de Satanás, poderia parecer que os teístas abertos estão certos ao afirmar que Deus não tem nada a ver com o mal. Mas, com certeza, essa não era a perspectiva de Paulo. Em meio ao sofrimento, Paulo a princípio não se voltou para Deus em busca de conforto. Pelo contrário, ele pediu a Deus que *removesse* a aflição, crendo que Deus tinha pleno poder e autoridade sobre a aflição e poderia removê-la, caso desejasse. Enfim, ao mesmo tempo em que essa aflição veio diretamente da parte de Satanás a fim de prejudicar Paulo, indiretamente foi permitida pela intervenção ativa e ordenação soberana de Deus, o único que poderia permitir sua ocorrência, removê-la quando e caso desejasse, e ordenar que Paulo a experimentasse somente se servisse aos bons propósitos que ele (Deus), e não Satanás, designara através disso tudo.

Somente à luz da confiança de Paulo de que a mão de Deus estava, em última instância, por trás de sua presente experiência de aflição é que ele pôde generalizar o que aprendeu com essa experiência: "Por isso, de muito boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo repouse sobre mim. Por isso, eu me contento nas fraquezas, nas ofensas, nas dificuldades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte" (2Co 12.9b,10). Ao mover-se do simples "espinho" de aflição em direção à afirmação de que se gloriará de boa vontade em suas fraquezas (plural) e se contentará com elas, bem como com os insultos, angústias, perseguições e dificuldades

(todos no plural), Paulo indica que tais experiências estão, igualmente, debaixo da supervisão e direcionamento providencial divinos. Quando os cristãos buscam a Deus com coração sincero e humilde e ele diz não às suas orações por libertação, podem estar certos de que Deus age dessa maneira pelo bem deles. Somente essa certeza é capaz de explicar a atitude conclamada por Paulo de gloriar-se e contentar-se com as fraquezas. Paulo nos diria: Nunca duvide de que Deus está na aflição, de que Deus é por nós e de que seus bons propósitos se cumprem por meio daquilo que ele desejou que passássemos.

Um princípio final deve ser observado. Note que Paulo orou *três vezes* por libertação da aflição. Não que “três” seja um número mágico; não é esse o ponto. Antes, orar *três vezes*, em vez de uma só, indica persistência na oração. Mas orar por libertação *três vezes*, e não inúmeras vezes, indica a disposição de Paulo para aceitar “não” como a resposta de Deus ao seu pedido de alívio. Paulo orou com persistência e perseverança, demonstrando seu anseio de que Deus lhe concedesse o que buscava; em seguida, porém, Paulo avaliou a realidade de sua prolongada aflição e passou a ver que Deus não o livraria, como esperava. Nesse estágio, toda a atitude de Paulo em relação àquela tribulação inoportuna mudou. Anteriormente, ele a via como indesejada e prejudicial. Dali em diante, ao observar a mão de Deus ordenando que ele passasse por isso, a tribulação tornou-se como um presente do amor de Deus por ele. Com certeza, a oração de Paulo para *escapar* do sofrimento mudara para um anseio por *acolher* aquele mesmo sofrimento. E preste atenção: não foi mera aceitação da inevitabilidade da aflição. Antes, o “gloriar-se” e o “contentar-se” nessa e em outras aflições indicam que Paulo, naquela ocasião, ressaltou sua fraqueza mais pelo bem que realizaria do que pela dificuldade que continuava a trazer-lhe. Essa é a maravilha de saber que a boa mão de Deus sempre está por detrás, e nunca distante, do sofrimento que ocorre em nossas vidas.

Outros problemas da perspectiva aberta em relação ao sofrimento

Apesar de toda celebração em torno da habilidade do teísmo aberto para lidar melhor com questões de sofrimento e aflição, deve ficar claro que as Escrituras resistem obstinadamente à visão aberta em relação a esse assunto. É verdade que o sofrimento não é, por si mesmo, algo essencialmente bom. Deus, contudo, não está ausente do sofrimento, e o sofrimento não é algo inútil e desnecessário. Pelo contrário, em meio ao sofrimento, a esperança e a confiança seguras do cristão é que Deus está profundamente envolvido nessa aflição, a fim de levar a cabo tanto o que ordenou por meio dela quanto o que é bom para seus filhos. Com base na Bíblia, portanto, o teísmo aberto fracassa na tentativa de ser uma explicação viável para a existência do sofrimento e da dor.

Além disso, devemos considerar o que nos sobraria se adotássemos o ponto de vista aberto acerca do sofrimento. Será que, conforme afirmam, a visão aberta absolve Deus da responsabilidade pelo sofrimento? O ponto de vista aberto proporciona ao cristão a base para maior confiança em Deus? Reflita sobre alguns problemas que o teísmo aberto enfrenta.

1. É difícil acreditar que o Deus do teísmo aberto esteja tão ausente e distante da dor e do sofrimento humanos quanto os teístas abertos desejam que imaginemos. Afinal, mesmo que o sofrimento aconteça, de acordo com a proposta do teísmo aberto, devido ao mau uso da liberdade das criaturas, de modo que livres agentes morais pratiquem ações prejudiciais e danosas, devemos indagar: será que Deus sabe o que está acontecendo? Estaria dentro de suas possibilidades fazer algo em relação a isso?

Simplesmente não faz sentido, ao que me parece, dizer que Deus não está envolvido nas situações em que coisas ruins acontecem

às pessoas ou que Deus não tem intenções relacionadas a esses infortúnios. Por quê? A resposta é simples. Embora Deus (segundo a concepção do teísmo aberto) não saiba e não possa saber o que criaturas livres farão com suas livres escolhas futuras, ele conhece tudo: passado e presente.

Pense em um assassinato, por exemplo. Embora o Deus do teísmo aberto não saiba e não possa saber a livre ação futura por meio da qual um assassinato ocorrerá, ele conhece plenamente o caráter do suposto futuro assassino. Deus conhece todos seus pensamentos, planos, meditações, discussões, motivos e intenções. Além disso, vê perfeitamente como cada situação (no presente) se desdobra. Sendo assim, não estaria Deus em condição ideal para antecipar a probabilidade da ocorrência do assassinato? Será que Deus não observaria, com exatidão de detalhes, a trama do assassinato se desdobrando (e.g., o homem preparando a arma que pretende utilizar, dirigindo até o local onde planeja cometer o assassinato, ponderando sobre sua estratégia)?

Aparece, então, um ponto em que a visão aberta fracassa terrivelmente. Os proponentes do teísmo aberto querem que pensemos que Deus não está envolvido com o sofrimento por nós experimentado, que ele se sente tão mal quanto nós e que certamente não há nenhum propósito divino cumprido pelo mal. Porém, permanece o seguinte fato: o Deus do teísmo aberto estava observando ativamente tudo o que propiciou o acontecimento da ação ou do fato ruim. Ele viu tudo desencadear-se, antecipou o que ocorreria, conhecia cada detalhe importante antes do exato momento do infortúnio. Todavia, mesmo sabendo de tudo, não fez nada — e *escolheu* nada fazer. Assim, não é verdade que Deus não está envolvido com o sofrimento que experimentamos. Deus se envolve sim, e muito, em especial ao permitir o que poderia impedir com facilidade. A principal diferença entre o ponto de vista ortodoxo e o do teísmo

aberto se encontra na resposta à seguinte pergunta: existe algum propósito divino em meio ao mal que ocorre? Segundo a proposta do teísmo aberto, Deus permite o que poderia impedir, mesmo sabendo que isso não cumpre nenhum bom propósito. As propostas ortodoxas acerca da relação divina com o mal insistem em que, seja pela vantagem que tem por sua presciência exaustiva e completa, seja por seu soberano controle sobre toda a história, o Deus do cristianismo histórico permite aquilo que, segundo ele sabe, em último análise cumprirá algum propósito maior. O sofrimento não é inútil e desnecessário, na medida em que Deus é capaz de ver com precisão qual propósito se cumpre por meio de todo sofrimento que acontece. O conhecimento divino do futuro, por ser completo e perfeitamente formado, concede-lhe visão da história a partir do fim dela. Ele pode dizer quais propósitos são realizados mediante o sofrimento e, dessa maneira, os cristãos podem ter a certeza de que Deus supervisiona o desenrolar da história a fim de garantir que nela se realize o bem por ele intencionado.

O Deus do teísmo aberto não está ausente do sofrimento, como dizem os adeptos dessa visão. Antes, ele está muito presente e tem plenos poderes para intervir, mas escolhe não fazê-lo. Mais ainda, sua permissão específica para todo o sofrimento implica o seguinte preço à fé cristã: ele permite o que sabe não ter nenhum propósito nem servir a nenhum bem. Como pode ser melhor para os cristãos confiar em um Deus como esse? De fato, será que é possível qualquer tipo de confiança, nesse caso? A passividade divina em relação ao sofrimento, não somente ao permiti-lo (de acordo com a visão ortodoxa), como também ao permiti-lo sem saber se será para nosso bem ou para nosso mal (de acordo com a visão aberta), é algo que não conduz à esperança, e sim ao desespero; não à fé, mas à dúvida; não à confiança, mas à apreensão. Com certeza, esse não é o Deus da Bíblia, nem o Deus da fé cristã verdadeira e vibrante.

2. Recorde a história de Suzanne, contada por Boyd, e pense nessa questão: como o Deus que pode levá-lo involuntariamente a sofrimento danoso e imprevisto (por desconhecer o futuro) pode ser ao mesmo tempo fonte de fortalecimento, conforto e direção futura? Boyd nos conta que Suzanne ficou livre para confiar em Deus ao saber que, quando Deus a levou a casar-se com alguém que se mostrou infiel e ofensivo, Deus não sabia que esse homem se revelaria dessa forma. Mas é óbvio que a interpretação que o teísmo aberto faz dessa história levará um cristão a se afastar de Deus, em vez de confiar-lhe mais ainda sua vida em outra decisão de maior importância.

Estive em duas discussões públicas com o Dr. Boyd, debatendo esses assuntos. Em ambos os encontros (o segundo feito mais de um ano após o primeiro), fiz a ele a mesma pergunta: Por que Suzanne deveria pensar que Deus lhe dará melhor direcionamento no futuro do que o fez no passado? Em nenhuma das oportunidades ele foi capaz de responder. Permanece o seguinte fato: o Deus do teísmo aberto teve muitos milênios de experiência lidando com os seres humanos e seus problemas. A experiência de Suzanne aconteceu recentemente, e parece que Deus ainda não está muito habilitado a dar bom direcionamento, mesmo depois de tanto tempo. Com que frequência, ao longo da história, situações semelhantes à de Suzanne teriam ocorrido? Com que frequência Deus olhou para trás, observando seus próprios conselhos bem-intencionados, e pensou consigo mesmo: "Ah, se eu soubesse que..."? E, se esse fosse o caso, o que nos inspira a colocar nossa vida, nossa confiança, nossa esperança, nossa fé, nosso futuro, nas mãos desse Deus que o teísmo aberto propõe?

Ao recorrer à ignorância divina quanto ao futuro, a solução do teísmo aberto ao problema do sofrimento rebaixa e diminui a Deus. Esse Deus se torna um tipo de ser patético, que se esforça

muito para conduzir seus filhos fiéis por caminhos que ele espera serem os melhores, mas que, em vez disso, de tempos em tempos observa-os impotente, enquanto, por meios que desconhece, eles são conduzidos à miséria e ao sofrimento. Nós, seres humanos, enfrentamos essa limitação quando aconselhamos a outros; não sabemos com certeza se aceitar tal emprego, fazer determinada mudança ou falar com certa pessoa será o melhor. Ora, o teísmo aberto está nos dizendo que Deus tem o mesmo problema. Segue-se uma única conclusão: o Deus do teísmo aberto é limitado demais, sem dúvida. Não é o Deus da Bíblia, nem o Deus da confiança, esperança, fé e alegria cristãs.

3. Curiosa e ironicamente, o Deus do teísmo aberto demonstra ser muito impessoal, distante e afastado dos cristãos durante períodos de sofrimento. À proporção que se analisa a imagem de Deus e do sofrimento retratados pelo teísmo aberto, percebe-se um Deus que permanece à distância: ele não é capaz de evitar que o sofrimento aconteça, em virtude de seu propósito prévio de permitir que suas livres criaturas façam o que quiserem com sua liberdade; e ele não é capaz de dar conselhos precisos àqueles que passam por sofrimento, uma vez que não conhece de fato o que o futuro reserva. Mais ainda, nenhum propósito divino se cumpre por meio do sofrimento, e Deus apenas deseja que o mal não estivesse acontecendo. Ele não vê bem algum trazido pelo sofrimento, mas é impotente (por seu próprio desígnio) para tomar qualquer atitude em relação à situação.

Assim, à medida que os cristãos enfrentam o sofrimento lado a lado com o Deus do teísmo aberto, podem indagar-se: *Onde está Deus em tudo isso?* O único consolo a ser dado é este: Deus não está presente! Ele não se envolve com o sofrimento, não o intencionalou, nem tampouco o desejou, queria que ele não estivesse acontecendo e não tomará atitude alguma em relação à situação. Na prática,

o Deus do teísmo aberto é uma divindade ausente durante períodos de sofrimento, nos momentos em que os cristãos mais precisam saber que Deus é com eles, por eles, e está cumprindo seus bons e sábios propósitos em meio à aflição que suportam.

Esse ponto de vista sobre Deus tem mais em comum com o deísmo do que com o cristianismo vital, vibrante e cheio de fé. No deísmo, Deus cria o mundo e, em seguida, deixa tudo desenrolar-se de acordo com as leis inerentes ao universo. No teísmo aberto, Deus cria o mundo outorgando plena liberdade a criaturas morais e, em seguida, deixa tais criaturas usar sua liberdade, raramente interferindo no que fazem, a fim de que seu plano e propósito de conceder liberdade não se mostrem uma farsa. Com efeito, enquanto escolhas são feitas e ações praticadas, o Deus do teísmo aberto assiste a tudo impotente e com frequência desejando que fosse tudo diferente, mas distante dessas ações nocivas e incapaz de extrair delas algo bom. Esse Deus afastado, esse Deus distante, esse Deus ausente não é o Deus da Bíblia.

Ouçá as palavras de Isaías 43.1,2, mostrando a promessa da presença de Deus com seu povo em meio à aflição que suportam: “Mas agora, assim diz o SENHOR que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te salvei. Chamei-te pelo teu nome; tu és meu. Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando passares pelos rios, eles não te farão submergir; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti”. Que fique bem claro que, com essas palavras, Deus não quis assegurar a ausência de mal ao seu povo, pois muitos outros trechos bíblicos indicam que o povo de Deus sofrerá por sua obediência a ele (veja, por exemplo, as experiências de alguns dos fiéis de Hebreus 11.36-38, que sofrem zombaria, são espancados, aprisionados, apedrejados e serrados ao meio, exatamente por sua fidelidade a Deus em um mundo perverso que despreza Deus). Porém, Isaías 43.1,2 nos

assegura: a presença de Deus com seu povo, em meio à aflição que suportam, garante que nada pode sobrevir-lhes sem ter sido “planejado” pela mão sábia, poderosa e providencial de Deus. Deus está ativo e envolve-se com o sofrimento dos seus filhos. Seus propósitos se cumprem por meio da aflição e em meio à aflição. Os filhos de Deus podem ter a segurança de confiar que Deus é por eles, com eles e está trabalhando para levar a cabo o que é melhor. Todavia, é exatamente essa confiança que é roubada dos cristãos, pelo ponto de vista aberto sobre Deus. O Deus da Bíblia sabe tudo o que acontecerá e, portanto, conhece os bons propósitos que nossas provas e tribulações trarão. Como o Deus do teísmo aberto não pode saber nenhuma dessas coisas e, ao mesmo tempo, permanece à distância assistindo, impotente, ao nosso sofrimento, ele não é o Deus da confiança cristã, nem o Deus da fé vibrante. Mais uma vez, fica claro que o Deus deles é limitado demais, sem dúvida.

Uma última história

Será que existe, nas Escrituras, algo mais óbvio do que isso? O Deus da Bíblia, o Deus vivo e verdadeiro, deseja e ordena que seu povo coloque sua esperança completamente nele. Pelo simples fato de ser infinitamente sábio, de conhecer tudo pertinente a nossa vida, à história e ao futuro do mundo que criou, de possuir poder invencível, de seus caminhos serem bons e retos — por essas e muitas outras razões, Deus insiste para que seu povo coloque sua esperança nele. Mas será possível que os cristãos confiem de verdade no Deus do teísmo aberto?

Em janeiro de 1993, um repentino acidente doméstico resultou em meses de profunda angústia para nossa família e, em particular, para nossa filha mais nova. Eu estava na Trinity Evangelical Divinity School dando curso de extensão e minha esposa, Jodi, estava

em casa com nossas duas filhas, Bethany e Rachel (respectivamente com oito e cinco anos, naquele tempo), preparando o jantar. Macarronada com queijo era o cardápio dessa noite específica (macarrão de “ursinhos”, como Rachel se lembra até hoje). Embora as duas gostassem de estar perto da mãe enquanto ela cuidava das atividades domésticas, Rachel em especial adorava “ajudar a mamãe” na cozinha. Jodi tinha dado a Rachel algumas tarefas domésticas simples e, assim que as completou, a menina decidiu “ajudar” a fazer o macarrão que estava no fogão. Alguns momentos antes, a água começara a ferver, e Jodi colocara o macarrão dentro da panela. Logo depois, a água ferveu novamente e, então, Rachel foi até o fogão, esticou o bracinho por causa de sua pequena estatura, pegou a colher e tentou dar uma boa mexida no macarrão. Por ser pequena e ficar abaixo da altura da panela, enquanto Rachel continuava a mexer o macarrão, a panela tombou bruscamente em cima do fogão, e boa parte do macarrão e água ferventes foi derramada para fora da panela e caiu bem no lado esquerdo de Rachel: o punho e o braço esquerdo, sua perna esquerda e um pé, todos foram atingidos em cheio pela água fervente. Jodi, que estava por perto quando tudo aconteceu, ouviu Rachel gritar. Com a ajuda de Bethany, elas limparam os ferimentos com água fresca e Jodi ligou para a emergência.

Foram correndo até o único pronto-socorro aberto na remota área do norte de Illinois, onde vivíamos, e Rachel foi hospitalizada com queimaduras de segundo e terceiro grau. Jodi foi instruída a ligar para o hospital, onde Rachel teria a necessidade de passar por “raspagens” diárias das áreas queimadas e por aplicações de pomadas e ataduras. Isso deu início a um processo de dois meses que implicava levar Rachel a tais banhos, raspagens e bandagens diariamente. Uma enfermeira mergulhava Rachel em um banho antisséptico por trinta minutos e, em seguida, com suavidade e firmeza, pegava uma escova e raspava a carne e a pele mortas de seu delicado bracinho (a parte

do corpo mais queimada pela água fervente); por fim, refazia a bandagem das áreas feridas, colocando pomada e faixas. Recordo de momentos no carro, a caminho desses tratamentos, em que cantava hinos com Rachel, Jodi e Bethany. O coraçãozinho de Rachel era muito sensível ao Senhor, e essa experiência só serviu para aproximá-la dele. Orávamos, e ela demonstrava sua confiança em Deus e orava para que o Senhor trouxesse cura a seu corpo. Ao longo de toda a provação, eu conversava com ela sobre a boa e sábia mão de Deus que permitira deliberadamente que isso acontecesse e, com certeza, produziria o bem por meio de tudo. Testemunhei na vida dessa minha preciosa filha de cinco anos de idade tamanha coragem, força e fé como raramente presencio em minha vida. Nem uma só vez enquanto nos dirigíamos até o hospital para o tratamento — sabendo da dor que a aguardava, em especial com a raspagem — Rachel reclamou. Na maioria dos dias, ela estava animada, cantando, e orávamos muito no carro durante essas jornadas. Em tão tenra idade, com tamanha experiência de aflição, Rachel manteve sua confiança inabalável em Deus.

Pois bem, então eu lhe pergunto: e se o Deus que Rachel conhecia e ao qual orava fosse o Deus do teísmo aberto? O que seria diferente na história dela? Para começar, desde o primeiro instante Rachel deveria saber o seguinte: “Rachel, Deus não tem *nada* a ver com esse trágico acidente com a água fervente. É verdade que ele a viu dirigir-se ao fogão e pegar a colher. É verdade que ele conseguia ver que, por seu tamanho, você teria dificuldade em alcançar a altura suficiente para mexer o macarrão sem derramar água. É verdade que ele viu a panela cheia de água fervente e que não levaria muito tempo para ela tombar e despejar grande quantidade de água bem em cima de você. É verdade que ele poderia ter interferido de alguma maneira — simplesmente deixar a panela bem firme no lugar, enquanto você mexia o macarrão, de modo que não se virasse

e derramasse água em você, já teria sido um milagre ‘fácil’ de realizar. Mas, pelo contrário, ele não interveio para impedir que o acidente acontecesse, embora pudesse. Mais ainda, ele não permitiu que isso acontecesse com o intuito de cumprir algum bom propósito. Não, Rachel, Deus *não* queria que isso acontecesse, e não cumpriu *nenhum bom propósito* que tinha em mente. Na realidade, Rachel, da perspectiva de Deus, esse é apenas mais um exemplo do *mal totalmente inútil e desnecessário* que o faz sofrer, ao seu lado, em meio a inúmeros eventos trágicos a que assiste diariamente, desejando poder mudá-los. Ele só deixou a água fervente ser derramada porque, no mundo que ele criou, muitas coisas ‘simplesmente acontecem’, mas ele desejaria que não tivessem ocorrido e não é capaz de controlá-las, já que concordou em não ‘se meter’ nesse assunto. Assim, Rachel, saiba disso: Deus se afligiu enquanto assistia ao seu acidente e se sente tão mal sobre a situação quanto você. Mas você tem de saber que Deus não tem absolutamente nada a ver com isso — leis da natureza, nesse caso, estavam em ação, e Deus não pode “microgerenciar” o mundo, senão a maneira como ele fez as coisas se transforma em zombaria. Além disso, não procure alguma razão ou propósito que Deus possa ter tido em meio e por meio disso. Não há nenhum motivo para isso tudo. É apenas sofrimento inútil e desnecessário, e ponto final. Mais ainda, Rachel, saiba que coisa semelhante, ou até pior, pode muito bem acontecer de novo (de maneira incessante e contínua), porque Deus não exerce controle algum sobre o que acontece e, evidentemente, não é capaz de saber qual espécie de tragédias horríveis e inúteis podem acontecer a você. Independentemente disso, Rachel, agora coloque sua esperança, confiança, fé e vida nas mãos de Deus!”.

O patético Deus do teísmo aberto provoca uma fé patética em seus seguidores. A maneira como encaramos o sofrimento mostra esse ponto mais claramente do que qualquer outra área da vida.

O Deus da Bíblia ordena nossa confiança, mas o Deus do teísmo aberto deixa-nos temerosos. O Deus da Bíblia encoraja nossa fé e esperança enquanto enfrentamos o futuro, mas o Deus do teísmo aberto desperta medo e terror diante de um futuro incerto tanto para nós quanto para ele mesmo. O Deus da Bíblia nos dá profundo e intenso senso de propósito em todas as aflições, sofrimentos, provações e tribulações que encaramos, mas o Deus do teísmo aberto nos diz que toda nossa dor é inútil e desnecessária. O Deus da Bíblia deliberadamente permite tudo o que acontece, sabendo com exatidão o que está fazendo e qual propósito o sofrimento cumprirá, mas o Deus do teísmo aberto priva a nós e a si mesmo de toda esperança em face do sofrimento. O Deus da Bíblia verdadeiramente está conosco em nossos sofrimentos, mas o Deus do teísmo aberto nos observa à distância, desejando que nada disso tivesse ocorrido, esperando (mas não sabendo) que algo bom possa ser reconstruído das cinzas. O Deus da Bíblia tem um histórico de realização perfeito — ele nunca, nunca falha. Mas o Deus do teísmo aberto desapontamos talvez com mais frequência do que é possível saber — apesar de não ter a intenção, frustra-nos, de qualquer maneira. O Deus da Bíblia é grande, mas o Deus do teísmo aberto é pequeno e limitado demais, sem dúvida. Não fica óbvio, então, que o Deus da Bíblia não é o mesmo Deus do teísmo aberto?



CAPÍTULO 4

Teísmo aberto e oração

O ponto de vista aberto sobre oração

Um dos principais benefícios da visão aberta, segundo seus defensores, é que a oração pode ser compreendida de modo muito mais pessoal e plausível¹. O que querem dizer com isso? Pura e simplesmente o seguinte: se Deus conhece todo o futuro, ele sempre sabe de antemão cada pedido que lhe faremos em oração. Se for assim, isso parece zombar do genuíno relacionamento pessoal que está envolvido na oração, pois a cada oração que fizermos, Deus sempre pensará consigo: “Sim, sim, sabia que você diria isso... Sim, sim, sabia que você pediria isso...”, e assim por diante. Em outras palavras, em nosso relacionamento com Deus a oração poderia não funcionar

¹ Para defesas do ponto de vista do teísmo aberto sobre oração, ver David Basinger, “Practical Implications”, capítulo 5 de Clark Pinnock, Richard Rice, John Sanders, William Hasker e David Basinger, *The Openness of God: A Biblical Challenge to the Traditional Understanding of God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1994)], p. 156-162; John Sanders, *The God Who Risks: A Theology of Providence* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1998)], p. 268-274; e Gregory A. Boyd, *God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 2000)], p. 95-98.

de modo a realmente afetar o que Deus pensa ou a possivelmente alterar seu procedimento. Se a oração não pode mudar as situações, para que ela serve, afinal? E, se na oração dizemos a Deus apenas o que ele já sabe desde a eternidade que diríamos ou pediríamos, até que ponto a oração pode ser dinâmica e verdadeira?

A solução aos olhos dos teístas abertos é negar o real conhecimento divino daquilo em que consistirão nossas orações, até que as apresentemos a ele. Sim, Deus conhece o passado e o presente, mas não pode conhecer as livres ações e escolhas de criaturas morais até que se concretizem. E nessas incógnitas futuras, evidentemente, incluem-se nossas orações. Em prol de um relacionamento dinâmico e real com Deus, e a fim de enfatizar a autenticidade de uma oração que realmente seja relevante, os teístas abertos dizem que devemos abandonar qualquer conceito em que Deus saiba de antemão tudo o que pediremos ou pensaremos. Greg Boyd descreve da seguinte maneira sua visão acerca da oração:

Visto que Deus quer que tenhamos autonomia, visto que ele deseja que nos comuniquemos com ele e aprendamos que somos dependentes dele, Deus graciosamente nos concede a habilidade de afetá-lo significativamente. Esse é o poder da oração petição. Deus mostra a beleza de sua soberania ao decidir *não* determinar os acontecimentos sempre de maneira unilateral. Ele recruta nossas ações, não porque delas precise, mas porque deseja manter um relacionamento autêntico e dinâmico conosco, considerando-nos pessoas verdadeiras e autônomas. Assim como um pai ou esposo amoroso, ele deseja não apenas influenciar-nos, mas também ser influenciado *por nós*.²

² *God of the Possible*, p. 96 (grifo no original).

Portanto, a verdadeira oração implica que Deus toma conhecimento das súplicas de nossos corações à medida que oramos a ele e que ele pode ser influenciado por aquilo que oramos, de modo que a oração realmente faça diferença.

Compreendendo a oração biblicamente

O ponto de vista do teísmo aberto sobre a oração está de acordo com o ensinamento bíblico? Como veremos, não está. Isso não significa que os teístas abertos estejam errados ao afirmar que a oração faz diferença. É claro que faz! Mas espero que fique claro aos leitores que o modo pelo qual a oração faz diferença não é o mesmo modo que o teísmo aberto defende. Embora este resumo não seja exaustivo, consideremos alguns princípios sobre a oração que estão ligados à proposta do teísmo aberto.

1. Talvez possamos começar com a oração do pai-nosso, conforme registrada em Mateus 6.9-13. Nessa passagem bíblica, Jesus instrui seus discípulos, dizendo:

Portanto, orai deste modo: Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como também temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal.

Note três pontos na oração modelo. Primeiramente, ela começa recorrendo ao Pai nosso que está no céu, indicando a autoridade que Deus tem sobre seus filhos. Obviamente, o cuidado paternal de Deus também é transmitido, mas a ênfase inicial incide em sua posição exaltada, em seu nome sagrado e na legítima posição de autoridade

que ele tem sobre nossa vida. Em segundo lugar, a oração não pressupõe que Deus ainda precisa se decidir. Jesus não ora: “Seja *formada* a tua vontade”, mas sim: “Seja *feita* a tua vontade”. Deus tem uma vontade que antecede nossas orações. Não existe nenhuma insinuação de que, de alguma maneira, nossas orações ajudem Deus a moldar sua vontade ou de que ele seja influenciado no processo de formação de seus propósitos por nossas orações. Pelo contrário, quando nos aproximamos de nosso Pai que está no céu, reconhecemos que nossa única posição apropriada é seguir a vontade de Deus, e não ajudar a moldá-la. Dessa forma, a oração: “Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade” é adequada. Em terceiro lugar, a dependência diária que devemos ter para com Deus em oração se expressa por meio de nosso pedido diário por pão. A absoluta autoridade divina sobre nós, sua vontade completamente formada que nos antecede, indica que nossa posição diante dele é de total dependência. A cada dia, reconhecemos diante de Deus que somos nós que precisamos dele, e não ele que precisa de nós de alguma forma. Deus é o doador; nós somos os beneficiários em dívida com ele. Nunca devemos abordar a oração ou pensar em Deus em termos de nossa contribuição para com ele (cf. At 17.25, que menciona que Deus não é “servido por mãos humanas, como se necessitasse de alguma coisa”).

Será que isso não vai na direção oposta ao estímulo à oração oferecido pelo teísmo aberto? Na visão aberta, Deus espera para receber de nós — nossas ideias, nossos anseios, nossos desejos — antes de formar sua própria vontade e escolher o que é melhor fazer. Para entender melhor, compare a instrução de Jesus na oração do pai-nosso com a seguinte explicação sobre o relacionamento de Deus conosco, apresentada por John Sanders:

Deus tem o desejo de entrar em um relacionamento de amor baseado em dar-e-receber, e isso não se cumpre se Deus impuser sobre nós o

seu plano. Antes, Deus quer que atravessemos a vida com ele, tomando decisões juntos. Juntos, decidimos o verdadeiro rumo de minha vida. A vontade de Deus para minha vida não consiste em uma lista de atividades específicas, mas em relacionamento pessoal. Como amante e amigo, Deus trabalha conosco aonde formos e no que fizermos. Em grande medida, nosso futuro está em aberto, e, em diálogo com Deus, devemos determinar o que será dele.³

Não tenho intenção de menosprezar ninguém quando pergunto: “Em quem devo acreditar: em Jesus ou em John Sanders?”. O contraste é por demais evidente. Para Jesus, orar ao Pai nunca foi uma questão de decidir o rumo verdadeiro de sua vida em diálogo com o Pai. Assim como ensinou seus discípulos a orar: “seja feita a tua vontade”, ele também viveu sua vida. Recorde que Jesus disse repetidamente palavras como: “Nada faço por mim mesmo, mas falo como o Pai me ensinou” (Jo 8.28) e “Faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8.29). Em toda sua vida, Jesus buscou cumprir o que seu Pai o enviara a fazer. Mesmo no jardim, enfrentando o maior teste de fé que se pode imaginar, Jesus orou: “Não seja feita a minha vontade, mas a tua” (Lc 22.42).

Ao retratar uma espécie de autonomia e autorrelevância do ser humano ligadas ao que *nós* decidimos e ao que *nós* trazemos ao Senhor em oração, o ponto de vista do teísmo aberto é totalmente inadequado à postura que as Escrituras esperam de nós. Devemos chegar diante do Pai exaltado não com grandes ideias próprias, mas com pedidos humildes como os de uma criança, reconhecendo que tais súplicas são boas apenas na medida em que se harmonizam com a vontade de Deus, já estabelecida. Deus não nos concede a oração a fim de nos incentivar a contribuir com o processo de decisão

³ *God Who Risks*, p. 277.

divino; ele o faz, na verdade, para capacitar-nos a seguir a perfeita e já formada vontade de Deus. “Seja feita tua vontade” deveria ecoar em toda oração cristã piedosa e humilde.

2. A própria noção do teísmo aberto de que nossas orações perdem a autenticidade se Deus já souber de antemão em que consistirão é questionada no preceito de Jesus em Mateus 6. Observe atentamente os versículos 31-33:

Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? Pois os gentios é que procuram todas essas coisas. Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso. Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.

O que isso quer dizer? Antes de apresentar quaisquer pedidos ao Pai, disse Jesus, “vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso”. Para Jesus, reconhecer o conhecimento prévio que o Pai tem acerca das necessidades e desejos do nosso coração não diminui a relevância ou a integridade da oração; pelo contrário, o conhecimento prévio que Deus tem a respeito dessas coisas estabelece a base para a confiança cristã! Exatamente por saber que Deus tinha esse problema em mente muito antes de mim é que posso ter esperança quando oro. O fato é que eu nunca poderia dizer a Deus algo que ele não conhece ou não antevê. Tal fato inspira confiança, alegria e esperança.

Recordo-me de uma especial resposta de oração que Deus me concedeu durante uma viagem de férias a Israel. Nosso grupo viajara de ônibus em uma manhã muito quente de julho, partindo de Jerusalém até a região do Neguebe, no sudeste, perto do mar Morto. Naquela manhã, eu lera em meu momento devocional a história dos israelitas peregrinando no deserto e vivendo por quarenta anos

em uma região seca e rochosa, semelhante àquela por onde viajávamos. Algo notável que observei em minha leitura foi o fato de que Deus não permitiu que os sapatos deles se desgastassem (Dt 29.5). Acontece que nós mesmos caminhamos muito naquele dia, e eu estava satisfeito por calçar resistentes botas novas que trouxe exatamente com esse propósito em mente. No caminho para casa, antes do anoitecer, paramos na estrada para comprar refrigerante. Quando voltamos ao ônibus, novamente rumo a Jerusalém, fui pegar a câmera para tirar uma foto do esplêndido pôr do sol avermelhado que despontava na paisagem do deserto. Vasculhei todos os cantos de minha poltrona, onde eu colocara a câmera, e ela não estava lá. Meu assento ficava bem em frente à porta do ônibus, e, enquanto tomávamos nossos refrigerantes, evidentemente alguém entrou no veículo e roubou minha câmera.

Fiquei com o coração na mão. Economizara dinheiro para comprá-la. Era minha única câmera, e nela havia um rolo de filme quase cheio. Fiquei profundamente desapontado ao pensar que perdera a câmera e aquelas fotos. Então, naquele momento, eu fiz o que algumas pessoas podem achar ridículo (na verdade, eu mesmo achei): comecei a orar, pedindo a Deus que me trouxesse de volta a câmera.

É óbvio que eu sabia o quanto isso seria improvável. Afinal, havia provavelmente outras trinta pessoas na área de descanso em que nosso ônibus parara, e estávamos naquele instante muito longe para voltar ao local. Quem quer que tivesse levado embora minha câmera deveria estar a quilômetros de distância, e não havia chance de encontrar quem a levou nem saber para onde se dirigira. Comecei a perder a esperança... e, então, notei a sola da minha bota ao cruzar a perna. Olhei-a com descrença — ali estava uma bota novinha em folha, em perfeito estado, com resistentes solas de borracha, mas um único dia de caminhada na região do rochoso Neguebe a estraçalhara. Havia marcas nas solas e, em alguns pontos, pequenos

pedaços de borracha estavam faltando. Em um único dia de caminhada, as rochas escarpadas causaram enorme estrago naquelas botas. Então, a passagem que eu lera naquela manhã voltou à minha mente. Abri minha Bíblia e li aquelas palavras em completo espanto: “Quarenta anos vos fiz andar pelo deserto. A roupa do vosso corpo não se desgastou, *nem o sapato no vosso pé*” (Dt 29.5, grifo nosso). Quarenta anos! E os mesmos sapatos resistiram durante toda aquela caminhada! Fixei os olhos nas minhas botas e pensei no texto bíblico. “Uau!”, pensei, “Isso é que é Deus!”.

Senti minha fé se renovar. Orei de novo, com fervor, pedindo que o Deus que fora capaz de conservar os sapatos dos filhos de Israel por quarenta anos fosse o Deus que me traria de volta a câmara.

Alguns quilômetros adiante, nosso motorista árabe dirigiu-se até um destacamento militar israelense, pensando que poderiam ao menos me permitir registrar a ocorrência do sumiço da câmara. Ninguém achava que isso faria alguma diferença, mas não custava tentar e não ia doer nada. À medida que nos aproximávamos do prédio principal do destacamento, dirigindo muito devagar no meio de soldados e caminhões, de bem longe veio uma voz gritando algo que nenhum de nós conseguia entender. Instantes depois, vimos a pessoa, distante, gritando e correndo em direção ao ônibus. Ele mantinha a mão direita erguida no ar, mas a princípio não conseguíamos saber por quê. Conforme se aproximava, pudemos ouvir suas palavras (em hebraico): “Está aqui! Está aqui!”, ele gritava. E o que ele estava segurando, erguida no ar, senão minha câmara? Quando ele chegou perto do ônibus, o motorista abriu a porta e o homem entregou-me a resposta à minha oração.

Foi então que percebi que o Pai evidentemente já sabia tanto sobre esse incidente futuro quanto sobre minha oração futura, na manhã em que me levou a observar em Deuteronômio 29 (algo que eu poderia facilmente ignorar) que os sapatos dos filhos de Israel não

se desgastaram durante a peregrinação de quarenta anos. Antes que você peça, disse Jesus, o Pai já sabe de que você necessita. Como nos fortalece saber que Deus já conhece tudo e está muitos passos à nossa frente. Ele planejou a resposta às nossas orações, antes de orarmos. Que tolíce imaginar que a *verdadeira* oração requer que Deus tome conhecimento do que desejamos apenas quando pedimos. Não, o Deus da Bíblia conhece e antevê tudo que pedimos. Nossas orações não lhe transmitem informações, mas suas respostas podem revelar, ao contrário, que ele se empenhara muito antes para oferecer-nos aquilo que neste exato momento lhe apresentamos em oração.

3. Mas será que Deus muda de ideia por causa de nossas orações? Evidentemente, parece que a intercessão de Moisés por Israel, por exemplo, levou Deus a mudar o que disse que faria (Êx 32.11-14). Assim, não seria a oração um meio de afetar Deus e redirecionar seus planos? Considere as palavras desta passagem, logo em seguida ao incidente do bezerro de ouro:

Moisés, porém, suplicou ao SENHOR seu Deus: Ó SENHOR, por que a tua ira se acende contra o teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande força e com mão forte? Por que permitir que os egípcios digam: Foi para o mal que os tirou daqui, para matá-los nos montes e destruí-los da face da terra? Volta-te da tua ira ardente e arrepende-te deste castigo contra o teu povo. Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel, teus servos, aos quais por ti mesmo juraste, dizendo-lhes: Multiplicarei os vossos descendentes como as estrelas do céu e lhes darei toda esta terra de que tenho falado, e eles tomarão posse dela para sempre. E o SENHOR se arrependeu do castigo que dissera que traria ao seu povo.

Ainda que o trecho seja um dos prediletos dos teístas abertos, em sua tentativa de mostrar que Deus pode ser a tal ponto persuadido

por aquilo que pensamos que até mesmo muda de ideia em relação ao que previamente estava por fazer, devemos perguntar: será que Moisés teria trazido a Deus alguma percepção luminosa, alguma perspectiva que literalmente pôde levar Deus a mudar de ideia? Como isso pôde acontecer? Afinal, quando olhamos para a oração de Moisés, devemos admitir que absolutamente tudo que ele incluiu na “argumentação” de sua oração já era conhecido por Deus. Considere três pontos principais apresentados por Moisés: 1) Por que tu (Deus) deverias destruir o próprio povo ao qual salvaste com mão poderosa? 2) Por que deverias agir com Israel de um modo que faria os egípcios pensar que tu és mau? 3) Lembra-te da aliança que fizeste com Abraão, Isaque e Jacó, na qual prometeste a eles e à sua semente bênção na terra prometida para sempre. Em qual desses pontos Deus teria respondido a Moisés: “Isso, Moisés! Boa sacada! Eu não via as coisas desse jeito, antes. Obrigado por sua perspicácia — e pelo lembrete! Mal posso acreditar que quase me esqueci da aliança!”? Não fica claro que, para compreender o texto como se Deus tivesse literalmente mudado de ideia, é preciso ter em mente algo semelhante a uma resposta dessas?

Entretanto, existem ao menos dois motivos cruciais para não seguir esse rumo. Primeiramente, a visão aberta propõe uma humanização de Deus que rebaixa sua divindade enquanto exalta a nossa importância. Com certeza, esse não é o Deus da Bíblia. Consideremos as solenes palavras de Isaías 40.13-18 e prostremo-nos todos diante de Deus, profunda e intensamente humilhados:

Quem guiou o Espírito do SENHOR, ou lhe ensinou como conselheiro? A quem ele pediu conselho, para lhe dar entendimento e lhe mostrar o caminho da justiça? Quem lhe ensinou conhecimento e lhe mostrou o caminho do entendimento? Para ele as nações são como a gota de um balde, como o pó das balanças;

ele considera as ilhas como um grãozinho. Nem todas as árvores do Líbano bastariam para queimar, nem os seus animais bastariam para um holocausto. Todas as nações são insignificantes diante dele; ele as considera menos do que nada, algo inútil. Quem podeis comparar a Deus? A que figura ele se assemelha?

O Deus que declara: “Não darei a minha glória a outro” (Is 42.8) é o mesmo Deus que se manifesta em Isaías 40, dizendo que ninguém — absolutamente *ninguém* — oferece conselhos a Deus. A questão envolvida no fato de dizer que “as nações são como a gota de um balde, como o pó das balanças” não é que Deus não se preocupa com as nações; antes, tais palavras fornecem uma comparação: em comparação com o conhecimento e sabedoria infinitos de Deus, em comparação com o vasto e interminável repertório de seu entendimento e o esplendor de seus planos, o conhecimento coletivo das nações do mundo é como uma simples gota de um balde; sua sabedoria coletiva é tão insignificante quanto as partículas de pó nas balanças. Nem Moisés nem você nem eu pode chegar-se a Deus em oração e apresentar-lhe algum pensamento, alguma ideia, alguma percepção luminosa, alguma perspectiva capaz de “aconselhá-lo” ou de oferecer fundamento para Deus mudar de ideia.

Em segundo lugar, o ponto de vista sustentado pelo teísmo aberto de que nossas orações operam uma mudança literal na mente de Deus carece da beleza e maravilha daquilo que realmente está acontecendo em passagens como Êxodo 32.⁴ Esse texto, no ponto em que é colocado, não trata de uma mudança literal na mente de Deus; trata da bondade de Deus ao envolver seu servo Moisés no

⁴ Para maiores detalhes a partir desta perspectiva, ver Bruce A. Ware, *God's Lesser Glory: The Diminished God of Open Theism*, Wheaton, Ill.: Crossway, 2000, p. 90-98.

cumprimento de sua vontade. Pois nessa passagem, assim como em muitas que abordam a questão da “mudança de mente”, Deus deliberadamente informa seu servo humano acerca de sua ação premeditada e, ao fazê-lo, convida seu servo a implorar por misericórdia. Deus poderia ter simplesmente trazido julgamento contra um Israel perverso e pecador, sem ter antes informado Moisés a respeito disso. Mas Deus *informou* Moisés, a fim de provocar neste o pedido por misericórdia, por meio do qual Deus levou adiante a misericórdia originalmente pretendida, agora em resposta à oração de Moisés. A “mudança de mente” divina, portanto, é na verdade um ato em que Deus leva a cabo a intenção mais ampla que originalmente pretendia, só que ele faz isso propondo primeiro algo que provoca o envolvimento de Moisés, quando então ele faz algo diferente. A oração, portanto, é um mecanismo que convida nossa participação no desenrolar do sábio e perfeito plano de Deus.

4. Orar faz diferença? Sim, realmente faz. Mas a razão de a oração fazer diferença *não* está no fato de que nossa oração mude, em termos literais e reais, a mente ou os planos de Deus. Lembre-se de que fomos instruídos a orar: “Seja feita a tua vontade” (Mt 6.10) e de que nos fizemos a seguinte pergunta retórica: “A quem ele pediu conselho, para lhe dar entendimento?” (Is 40.14). Em outras palavras, devemos orar reconhecendo o prévio e perfeito plano de Deus que já está estabelecido (Mt 6.10) e devemos admitir que não somos capazes de oferecer a Deus nenhuma percepção ou ideia luminosa que consiga, de alguma forma, contribuir para a perfeição de seu entendimento, conhecimento e sabedoria (Is 40.14).

Sendo assim, como nossa oração faz diferença? Pura e simplesmente, no sentido de que Deus, em sua benignidade, designou que sua boa e perfeita vontade se cumprirá, em alguns aspectos, somente à medida que seu povo orar e pedir, antes que Deus assim opere. O papel da oração, portanto, torna-se necessário para cumprir

esses propósitos determinados, e nosso envolvimento com a oração, então, tem a função de ajudar a trazer tais propósitos à realidade. Deus designou que alguns de seus propósitos sejam cumpridos *somente* quando oramos.

Ora, por que Deus ordenaria as coisas desse modo? Por que ele simplesmente não cumpre o que deseja, sem necessidade de que oremos? Eis a resposta (você está pronto para maravilhar-se?): Deus quer que participemos com ele na obra que está fazendo e, assim, “inventou” a oração como mecanismo que nos envolve na própria antecipação e execução do cumprimento de alguns dos seus propósitos. A oração nos convida a participar e envolve nossa atuação necessária (pelo desígnio de Deus). Será que Deus não poderia resolver tudo sozinho? Sim, com certeza! Mas Deus é alguém que compartilha generosamente com aqueles que ama. Seu compartilhar diz respeito à participação no cumprimento dos planos e propósitos que ele mesmo estabeleceu por meio de sua infinita sabedoria e sob sua inigualável autoridade (assim, não vamos mudar a mente de Deus — literalmente!). Quanta bondade! Quanta generosidade! Oração é uma das ferramentas de Deus para atrair-nos ao centro da obra que ele concebeu e está realizando. Pela oração, ansiamos por aquilo que o Espírito de Deus nos prontifica a orar e, quando oramos segundo sua vontade, antecipamos e cremos no desdobrar exato daquilo que Deus designou. Quando a situação vem à tona, nossas orações são respondidas, nós nos regozijamos, Deus é glorificado e entendemos melhor — em nosso interior — como Deus tinha planejado tudo o tempo todo.

O quanto é diminuto o ponto de vista sobre Deus que os propoñentes do teísmo aberto querem que aceitemos! O Deus deles é, na verdade, afetado pelas coisas que *nós* desejamos. O Deus deles mudaria literalmente seus planos e propósitos por causa daquilo que *nós* pensamos! Em vez de achar atraentes essas noções, devemos

horrorizar-nos com tais pensamentos.⁵ O Deus verdadeiro, ao contrário, simplesmente não pode (nem deveria!) se deixar mudar naquilo que perfeita, eterna e infalivelmente planejou. Porém, maravilhe-se com isto: embora tenha planejado tudo que pretende fazer, ele também planejou que nosso papel na oração permita nosso acesso ao desdobramento e realização de alguns de seus propósitos infalíveis mais preciosos. O Deus da Bíblia é grande — grande o suficiente para planejar com perfeição o que deseja ser feito, enquanto considera uma forma de envolver pessoinhas como você e eu no desdobramento de seus propósitos, por meio de orações de anseio, petição, antecipação e esperança. O Deus do teísmo aberto, em comparação, é pequeno, limitado. Assim, mais uma vez, devemos concluir que o Deus do teísmo aberto não é o Deus vivo e verdadeiro.

Dificuldades com o ponto de vista do teísmo aberto sobre a oração

Depois de abordar alguns ensinamentos bíblicos sobre oração relacionados à proposta do teísmo aberto, agora é hora de expor algumas dificuldades internas enfrentadas por esse ponto de vista. Sem dúvida, todo entendimento cristão acerca de Deus e sua relação com o mundo enfrenta dificuldades no que diz respeito a explicar a natureza e função da oração.⁶ Entretanto, o teísmo aberto se depara com uma série de problemas singulares. Em outras palavras, ao longo de toda a história da igreja, nenhum outro modelo sobre a relação entre Deus

⁵ Ver mais sobre essa noção na discussão adiante.

⁶ Para saber como a oração é entendida segundo os diversos modelos de providência divina e os problemas específicos enfrentados em cada proposta, ver Terrance Tiessen, *Providence and Prayer: How Does God Work in the World?*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2000.

e a oração enfrentou tanta dificuldade quanto o teísmo aberto. Isso acontece porque, em toda a história, nenhuma tradição cristã jamais negou que Deus conhece o futuro exaustiva e completamente. No entanto, tal negação está no cerne daquilo que distingue o teísmo aberto de todas as concepções cristãs anteriores a respeito de Deus e o mundo. Essa negação afeta em muito a forma como o teísmo aberto aborda a oração. Assim, quais são algumas das dificuldades especiais encaradas pelo teísmo aberto, no que concerne à vida cristã de oração?

1. Até que ponto é positiva a ideia de que Deus deseja ser influenciado *por nós*, conforme afirmam os teístas abertos? Com certeza, isso soa bem aos nossos ouvidos humanos, visto que vivemos em uma cultura que tende a suprir aquilo que queremos, uma cultura que nos diz: “A gente faz do seu jeito”.⁷ Nada mais natural do que acharmos maravilhoso que não apenas o Burger King, mas também o próprio Deus deseje e espere saber o que queremos. Evidentemente, o cliente domina não só na questão do consumismo que orienta nossa economia, mas também na teologia que se propõe a remodelar nossas igrejas.

Pense nisso um pouco mais. Considere o que semelhante noção — que mostra Deus como alguém que deseja ser influenciado por nós — requer. Deve significar que Deus está disposto a postergar o planejamento de muitas, mas muitas coisas, até que descubra, por meio da oração, o que seu povo deseja. Caso levemos isso a sério, portanto, devemos imaginar que Deus administra uma espécie de central celestial de pesquisa, recebendo as “pesquisas de opinião” de nossas orações, à proporção que busca decidir o melhor a fazer. Puxa vida! Quanta importância nós temos no futuro do mundo! Quanto poder a oração nos confere! Já que Deus espera

⁷ “A gente faz do seu jeito” (“Have it your way”), slogan da rede norte-americana de lanchonetes Burger King. [N. do T.]

para aprender de nós o que deseja, em inúmeros casos (caso contrário, não se poderia dizer com razão que nossas orações “o afetam significativamente”), nossas opiniões tornam-se estratégicas na formação do futuro pelo qual oramos e, assim, percebemos quão importantes somos para este mundo.

Devo sugerir que tal noção funciona bem hoje em dia, por causa da cultura do psicologismo da qual a igreja cristã está saturada. Quando a autoestima é a norma no sistema educacional, as crianças, inclusive as de pais cristãos, crescem com excessivo apreço por sua própria importância. Nós as estimulamos a “decidir por si mesmas” já nos estágios da vida iniciais (próprios para as crianças honrarem seus pais e mães), e nos é dito para não corrigi-las ou dizer-lhes que estão erradas, mas sempre e apenas aplaudir seus esforços. Assim sendo, quando os teístas abertos aparecem dizendo: “Deus respeita muito você e seu livre-arbítrio para simplesmente decidir o rumo de sua vida sem sua participação; ele espera escutar o que você deseja, antes de tomar suas decisões”, seria de surpreender que nossos ouvidos humanos não ouçam tudo isso e digam: “Com certeza, é isso mesmo!”?

Vemos aí, novamente, algo que percebemos em todo o teísmo aberto: o alto apreço por nós mesmos e o baixo apreço por Deus, que funcionam em parceria. Como isso é trágico, em parte por degradar a Deus, mas também por inflar de modo falso e danoso o valor de nossas ideias, opiniões, desejos e anseios, algo que o teísmo aberto atribui a nós. Por favor, entenda bem: espero e oro para que Deus nunca, mas nunca mesmo, chegue a uma decisão — seja em relação a minha vida a outra coisa qualquer — baseado, mesmo que parcialmente, naquilo que eu penso ou desejo! É muita arrogância pensar o contrário! Honestamente, dado meu conhecimento limitado, minha perspectiva finita e pecaminosa, minha sabedoria diminuta, minha atrapalhada compreensão moral e minha fixação no imediato, como eu seria tolo se pensasse que tenho alguma ideia,

pensamento ou percepção que Deus devesse conhecer antes de chegar a uma decisão! Afinal, quem eu penso que sou e quem eu penso que Deus é? O teísmo aberto conquistou aceitação, parece-me óbvio, apenas por causa da visão extremamente limitada que tem de Deus e da visão irrealisticamente grande do ego, sustentadas por nossas igrejas e reforçadas por toda parte em nossa cultura. Todos os pontos de vista tradicionais acerca de Deus são mais sensatos. E podemos apenas orar para que Deus seja gracioso e nos ajude a ser mais sensatos também.

2. Como se não bastasse, eis mais um problema. O fato é que o Deus do teísmo aberto, na realidade, não é capaz de aprender coisa alguma a partir de nossas orações, a despeito da publicidade dada à oração nesse modelo. Afinal, lembre-se de que o Deus do teísmo aberto conhece *tudo*, passado e presente. Pois bem, isso significa que ele conhece todos os processos de pensamento que percorreram minha mente na última semana, mês, ano, década, e assim por diante. Ele conhece tudo o que engendra a formulação de minha oração. Assim, quando lhe ofereço minha oração, não faz sentido pensar que ele esteja interagindo comigo naquela prece, como se estivesse tomando conhecimento, naquele exato momento, do que estou pensando e desejando. Antes, ele está mais ou menos na mesma posição do Deus criticado pelos proponentes do teísmo aberto, i.e., o Deus do teísmo tradicional que conhece absolutamente tudo sobre absolutamente tudo. Em relação ao Deus do teísmo aberto, uma coisa é certa: quando oro, pelo fato de a minha oração refletir meus próprios pensamentos, devaneios, desejos — todos já conhecidos perfeitamente por Deus —, ela não pode ser o tipo de interação genuína que eles descrevem. O fato é um só: o Deus do teísmo aberto conhece muito a meu respeito para permitir que seu relacionamento comigo seja assim tão “genuíno” e “real” nos moldes que eles defendem.

Dessa forma, onde é que ficamos? Essencialmente, os teístas abertos enfrentam outro problema com a noção de que Deus escolhe ser influenciado por nós quando oramos. Se ele age conosco como se tivesse de fato “tomado conhecimento” de algo a partir de nossa oração, ele deve estar brincando! Deve estar havendo uma espécie de condescendência divina, se Deus ouve minha oração e responde: “Pois bem, isso é interessante. Talvez, à luz do que me falou, acho melhor eu mudar de ideia quanto ao que estava planejando”. Ele não pode ter a intenção de dizer isso! Por quê? Simplesmente porque Deus já conhece tudo que eu (sem mencionar todas as outras pessoas) estive pensando, desejando e anelando, mesmo antes do momento em que lhe apresentei minha oração. Uma vez que Deus conhece tudo, passado e presente, não existe chance de eu lhe oferecer informações “novas” que sejam capazes de afetar seu modo de pensar sobre algo. Assim, o caráter supostamente “real” e “genuíno” do relacionamento de Deus conosco, mediante a oração, acaba sendo uma farsa — se seguirmos os padrões do teísmo aberto, obviamente.

Porém, quem foi que disse que nosso relacionamento com Deus é igual ao nosso relacionamento com outro ser humano? Não é possível que nosso relacionamento com Deus seja plenamente genuíno e real, apesar de diferente de nossos relacionamentos com outros seres humanos? Mais uma vez, parece que o teísmo aberto adota um conceito de Deus que o rebaixa a nosso nível. A menos que Deus se relacione conosco da mesma forma que nos relacionamos uns com os outros, não há relacionamento *real*, segundo dizem os teístas abertos. Como isso é triste e degradante para Deus! Eu me pergunto se a próxima geração de teístas abertos, ao reconhecer esse problema, negará que Deus possui também conhecimento completo do passado e do presente. Nosso relacionamento com Deus seria muito mais “real” caso ele não conhecesse os pensamentos que me levam a orar! Dessa maneira, quando oro a Deus,

eu seria capaz de dizer-lhe algo que ele não sabe! Isso seria muito melhor! Nosso relacionamento seria muito mais real e genuíno, se todos aprendêssemos do próximo o que cada um pensa e deseja! Assim, Deus seria muito mais amigo. É dessa forma que vemos a lógica do ponto de vista aberto e a direção que ela segue.

3. Por último, pelo fato de o Deus do teísmo aberto possuir conhecimento completo do passado e do presente (ao menos não conheço nenhuma voz dentre eles que tenha se levantando contra isso), mas carecer de qualquer conhecimento sobre as livres escolhas e ações futuras de suas criaturas morais, a esse mesmo Deus falta conhecimento que lhe é necessário a fim de responder a nossas orações da melhor forma possível. Considere atentamente as sérias palavras de David Basinger, defensor da visão aberta:

Devemos reconhecer que a orientação divina, a partir de nossa perspectiva, não pode ser considerada um meio de descobrir exatamente o que será melhor a longo prazo — como se fosse uma ferramenta para descobrir a melhor opção de longo prazo. A orientação divina, pelo contrário, deve ser vista essencialmente como um meio de determinar o que é melhor para nós agora.⁸

E diz mais:

Uma vez que Deus não sabe necessariamente com exatidão o que acontecerá no futuro, sempre é possível que mesmo aquilo que Deus, em sua sabedoria sem igual, acredita ser o melhor rumo em determinado momento não produza, a longo prazo, os resultados previstos.⁹

⁸ "Practical Implications", p. 163.

⁹ Ibid., p. 165.

Algo mais precisa ser dito? Ideias como essas, quando ditas em relação a Deus e não ao consultor financeiro local ou mesmo ao orientador vocacional, são de tirar o fôlego de qualquer cristão verdadeiro. Suas implicações estarrecedoras para a nossa confiança em Deus estão quase além do que se pode suportar. Considere isto: se Deus é bom com previsões de curto prazo, mas não tão bom com as previsões de longo prazo, em qual das duas categorias (curto prazo ou longo prazo) a maioria de nossas decisões cruciais recai? Quão significativo é o fato de sermos avisados que é melhor não buscar a Deus para as questões de longo prazo — se, afinal, os “resultados previstos” podem não vir a se realizar, embora sejam sempre bem-intencionados? Ao rebaixarmos Deus ao nível da fragilidade humana, privamos os cristãos da segurança de saberem que Deus conhece o fim desde o princípio e que suas respostas à oração e sua orientação são sempre infalíveis. Em nome de um “relacionamento genuíno”, Deus é desonrado e zombado. Só consigo imaginar o que o Deus vivo e verdadeiro, o Deus da Bíblia, pensa a respeito desse seu suposto retrato.

Antes de concluir o último ponto, note a dupla natureza dos problemas que a visão aberta enfrenta com relação à oração. Difícil dilema se apresenta aos proponentes dessa visão. De um lado, por Deus conhecer o passado e o presente de maneira exaustiva e precisa, ele *é inteligente e sábio demais* para tomar conhecimento de algo a partir de nossas orações. De outro lado, por carecer de conhecimento completo do futuro, ele *não é inteligente e sábio o suficiente* para responder a nossas orações mais urgentes e insistentes de uma maneira que seja, de fato, melhor. De qualquer prisma que se observe, o ponto de vista aberto enfrenta sérios problemas. Evidentemente isso é uma indicação de que devemos buscar em outro lugar o entendimento sobre a natureza e o propósito da oração.

Uma história para encerrar

Recentemente, recebemos um boletim informativo enviado pela agência missionária CBIInternational, registrando a resposta de oração de um missionário anônimo que serve pela CBI na Indonésia. A história foi contada assim:

Num domingo, preguei sobre Romanos 1.16 na capela do seminário na Indonésia, o tempo todo orando: “Senhor, dá-me oportunidades de testemunhar sem hesitação em situações ‘delicadas’, provando que eu também ‘não me envergonho do evangelho’”. Naquela noite, ao voltarmos da cidade para casa, nosso carro Toyota, que nunca falhou conosco em oito anos, deixou de funcionar e recusava-se a dar a partida.

De lanterna na mão, eu me enfiei sob o capô fingindo saber algo sobre carros, quando uma voz me chamou da calçada. “Posso ajudá-lo? Sou mecânico da Toyota, acabei de sair do trabalho e estou voltando para casa”. Debaixo do braço, essa pessoa carregava uma mala. Sacou dela algumas ferramentas e começou a agir antes mesmo de eu responder.

Primeiramente ele verificou a bomba do carburador, pois eu tinha certeza de que esse era o problema. Em seguida, verificou as agulhas e, ao fazê-lo, vimos na escuridão uma faísca saindo da bobina. “Ah, é isso!”, ele disse, e começou a removê-la.

Logo depois, dentre todas as coisas, ele tirou de sua mala uma bobina novinha em folha da Toyota, com o tamanho exatamente igual à que ele retirara de meu Toyota 89. O único problema é que eu acabara de gastar meu último centavo para comprar remédio para um estudante carente. Por isso, dispusemo-nos a levar o mecânico até em casa conosco, para buscar o dinheiro que faltava.

Ele mal tinha entrado no carro, quando me perguntou: “Por que os cristãos são tão acessíveis e fáceis de conhecer?”. Eu lhe

disse que até o Alcorão afirma que os cristãos eram seus “primos”, seus amigos mais próximos. Daí em diante, ele me deixou explicar todo o evangelho, chegando até ao que aconteceu na cruz.

Em casa, enquanto tomávamos chá e comíamos bolinhos de canela, conversamos mais. Ele parecia encantado, e não contra-argumentava. Antes de seu táxi chegar, dei-lhe um livrinho sobre como encontrar paz com Deus, meu nome e número de telefone, e pedi-lhe que me telefonasse quando estivesse disposto a conversar mais.

Sem dúvida, foi um encontro planejado por Deus. Nosso carro ter enguiçado pela primeira vez em oito anos, o rapaz ter se aproximado logo após o carro parar, carregando em sua maleta uma bobina novinha em folha da Toyota? Isso não foi mero acidente!¹⁰

Que alegria saber que, antes de orarmos, o Pai já sabe de que precisamos e já move os elementos necessários para a resposta a nossas orações. Esse não é um Deus que toma conhecimento do que acontece à medida que os acontecimentos se desdobram; é um Deus que desdobra o que acontece conforme soubera — e planejara — previamente. A oração, para ser genuína e real, para ser dinâmica e autêntica, requer que Deus efetue seus propósitos determinados e perfeitos de modo a nos envolver graciosamente em sua obra, por intermédio da oração. Que Deus nos conceda olhos para ver a glória da oração, pois por meio dela vemos melhor a glória do Deus “que faz todas as coisas segundo o desígnio da sua vontade” (Ef 1.11).

¹⁰ Nome suprimido, “Indonesia: The Divine Appointment”, in Boletim de Notícias *Partners Together*, CBInternational, fevereiro de 2003.

CAPÍTULO 5

Teísmo aberto e esperança

Mensagem de "esperança" do Deus do teísmo aberto

Imagine, por um momento, a empolgação de um jovem seminarista formado que, após ter completado anos de estudo rigoroso e preparação para o ministério, é chamado para servir como pastor de uma igreja pela primeira vez. Que emoção! E quanta alegria! Ora, imagine ainda que esse seminarista recém-formado (nós o chamaremos de Davi) e sua família se mudam para o outro lado do país, a fim de pastorear determinada igreja em que, a princípio, tudo vai bem. A igreja parece dedicar infindável amor e apoio ao novo pastor e sua família. Pouco depois, porém, como acontece às vezes, algumas pessoas na igreja começam a reclamar. Os telefonemas ficam repletos de mensagens de ressentimento, e a calorosa cordialidade é agora substituída por frieza e rispidez. Imagine ainda que esse jovem pastor é um homem humilde e temente a Deus. Davi ama o Senhor profundamente, esforça-se para ser fiel às Escrituras em sua pregação e tenta cumprir todas as responsabilidades pastorais, dadas as restrições de tempo. Ainda assim, o crescente descontentamento continua e Davi se achega diante de Deus e clama: "Senhor, será que tu podes

me oferecer alguma base para ter esperança em meio a esta situação desencorajadora? E contemplando uma vida inteira de ministério pela frente, haveria alguma razão para eu esperar o melhor a longo prazo? Por que me conduziste a uma situação ministerial tão desencorajadora como esta? Será sempre assim? Será que posso ter esperança de que teus propósitos prevalecerão em meio às dificuldades presentes, bem como durante minha vida inteira, e para sempre? Deus, por favor, responde-me. Eu desesperadamente necessito de alguma esperança”.

Ora, imagine que tipo de resposta o *Deus do teísmo aberto* ofereceria a esse jovem pastor. O Deus deles desejaria dizer a Davi algo assim: “Davi, a primeira coisa que eu quero que você saiba é que eu o amo. Sinto profundamente pelo tormento que essas pessoas de sua igreja estão lhe causando. Sei que seu coração é reto, e sei que o coração deles *não* é reto. Sei que é tudo muito difícil e gostaria que isso não estivesse lhe acontecendo. Porém, Davi, por favor, não me culpe por aquilo que está se passando. Sei que você buscou sinceramente minha vontade em relação a qual igreja pastorear. Sem dúvida, dei-lhe fortes indicações de que essa era a igreja de minha escolha. Com o máximo que posso saber (como você sabe, não sou capaz de conhecer muito do que ocorrerá no futuro; de fato, não sou capaz de saber nenhuma das inúmeras livres escolhas que as pessoas farão no futuro, embora eu seja muito bom em antever o que é mais provável de acontecer), pensei que você seria apropriado para eles e eles para você. Suspeito que eu estava errado. Não antevi a amargura e o ressentimento dessas pessoas. Afinal, eles são em sua maioria casais jovens e jovens famílias, assim como você, e eu não tinha visto antes nenhum exemplo semelhante de comportamento. Honestamente, lamento pelo modo como eles se comportam e, conhecendo o que conheço agora, arrependo-me de tê-lo conduzido a assumir esse pastorado. Não é a primeira vez que sofro por tais

pesares, e provavelmente não será a última. A história do meu relacionamento com o ser humano é marcada por muitos remorsos, e tanto eu quanto você teremos de nos acostumar com esse fato.

“Pois bem, eu sei que não respondi a seus questionamentos de imediato, Davi; agora, tentarei fazê-lo. A primeira coisa que você perguntou é se eu seria capaz de oferecer-lhe alguma base para ter esperança em meio a toda essa situação. É uma pergunta razoável, e tentarei ajudá-lo a ver as coisas como eu as vejo. Sim, existe base para você ter esperança. Sabe, tenho maneiras de tentar exercer influência sobre a situação. Posso conceder às pessoas pensamentos que elas não teriam por si mesmas e posso tentar ajudá-las a ver as consequências de suas palavras e ações. Mas o problema, obviamente, é que eu não sei se minhas tentativas de influenciá-las lograrão o efeito desejado. Às vezes, sou bem-sucedido; às vezes, falho. Simplesmente, não sei se as coisas vão melhorar — ou piorar! Contudo, prometo-lhe que farei o meu melhor. Ora, você deve se perguntar se eu seria capaz de passar por cima do livre-arbítrio das pessoas e fazê-las se comportarem! Pois bem, não posso fazer isso e, ao mesmo tempo, respeitar a integridade pessoal delas. Se eu comesse a fazê-lo, não haveria fim para isso! Tantas coisas dão errado, vez após vez (pense por um minuto em quantas pessoas — todas livres para fazer o que mais lhes agrada — existem neste mundo, e quantas coisas horríveis são feitas ao próximo a cada momento, ao redor do mundo; vejo cada pessoa e lamento por todas elas), e muitas vezes sinto profundo desapontamento e aflição. Assim, espero que você consiga perceber que, caso eu seguisse a direção de ‘corrigir’ todos os problemas que vejo, talvez tivesse de abandonar totalmente a ideia de ter uma criação com criaturas morais livres. Portanto, faço o melhor que posso, mas com certeza não posso garantir que as coisas mudarão. Todavia, *sou capaz* de prometer que estarei com você todos os dias no futuro, assim

como estive com você no passado! Tudo o que sou está bem diante de você e isso deve oferecer-lhe esperança.

“E, a propósito, Davi, por gentileza, não tente descobrir algum ‘propósito divino’ por detrás da situação. Essas coisas simplesmente acontecem. Faço o melhor que posso para tirar algum bem dessa bagunça toda, mas não sou capaz de garantir se disso tudo virá ou não algum bem. Tentarei ajudá-lo com tudo que estiver ao meu alcance, mas boa parte do que acontece depende de como você e inúmeras outras pessoas livres optarão por agir. Não sei (agora) como você e outros agirão; portanto, não posso dizer (agora) se algum bem — ou algo pior ainda! — acontecerá. Por isso, meu conselho é o seguinte: não alimente suas esperanças quanto a algum bem que possa vir da sua situação atual. Se isso acontecer, ambos seremos gratos; porém, não há garantias para tal benefício. É melhor que você apenas aceite todas as dificuldades e tribulações em sua vida como algo inútil e desnecessário.

“Ora, você levantou outro questionamento que, com toda franqueza, gostaria que não tivesse feito. Você perguntou sobre esperança ao contemplar uma vida inteira de ministério pela frente. Essa não é uma pergunta razoável. Sabe, eu sou muito bom com questões de curto prazo, mas com assuntos de longo prazo sou incapaz de dar conselhos mais sólidos. As pessoas me fazem esse tipo de pergunta o tempo todo e gostaria de que percebessem que não são perguntas razoáveis. Se você quer garantias de que seu ministério, de alguma forma, será frutífero daqui a quarenta anos, como é que eu posso saber? Para ser honesto, nem mesmo sei se você estará vivo daqui a quarenta anos, ou se estará vivo amanhã, só para ter ideia do que digo (talvez um motorista bêbado tope com você de frente, enquanto você estiver dirigindo de volta para casa, saindo do escritório hoje — não sei mesmo). Sabe, você deve lidar com o fato de que *eu não sou capaz de saber o que criaturas*

livres escolherão fazer e farão, antes que elas façam suas livres escolhas e realizem suas próprias livres ações. Ora, caso você pense nisso um pouquinho e perceba quantas escolhas e ações se passam a cada instante, quantas escolhas e ações decorrem das anteriores, quantas outras escolhas e ações mais decorrem destas últimas e assim por diante, e, se levar em conta que a todo momento as escolhas e ações são livres, elas todas poderiam ser diferentes daquilo que vieram a ser, bem, você começa a ver como é impossível que eu faça qualquer predição precisa com muita antecedência. Não me entenda mal. Com minha infinita inteligência, eu consigo pensar em todas as possibilidades! E que estarrecedora variedade de possibilidades existe! Porém, dessa ampla variedade, eu absolutamente não sou capaz de saber qual conjunto de escolhas e ações abrange o que acontecerá no futuro. Quanto mais longe você for, mais confusa fica a situação!

“Francamente, é bem por isso que eu cometo meus erros. Quando tomo uma decisão relacionada aos seres humanos, eles sempre podem fazer algo que eu não esperava e, assim, acabo ficando muito chocado com o que fazem e arrependo-me de minhas próprias atitudes. Rapaz, você nem sabe o quanto o primeiro pecado no jardim do Éden me atordoou! Você conseguiria imaginar algo assim, depois de ter dado a Adão e Eva tudo aquilo e de ter sido tão bondoso e generoso? Bem, quem teria pensado que...? Bem, já basta. Ainda não consigo acreditar que eles voltaram as costas para mim. E isso foi só o começo das surpresas! Que caminhada difícil tem sido!

“Então, Davi, contente-se com a percepção de que estamos juntos dia após dia. Ambos temos de fazer vários ajustes – mudando constantemente do plano Q para o plano R, para o plano S, e assim por diante. Não há garantias para o futuro, exceto a de que você saiba que estarei com você em qualquer situação. Portanto, cooperaremos

para tomar as melhores decisões que pudermos no decorrer do caminho. A cooperação é o que mais importa, de qualquer modo.

“Fico contente por você ter perguntado se pode ter esperança de que meus propósitos prevalecerão ‘para sempre’. Eis aí um ponto em que posso assegurar-lhe que meus propósitos se realizarão. Eu *vencerei* no fim de tudo! Sabe, um dos motivos por ter esboçado “o projeto da criação” do jeito que fiz foi para que, no final, haja uma multidão de pessoas que me ame e me adore para sempre. E vem o tempo em que trarei fim ao rumo corrente da história. Quando chegar o fim, tudo será resolvido e nada poderá ser alterado. Assim, por favor, saiba que meus propósitos finais são seguros.

“Talvez seja melhor eu lhe dizer um pouco mais, pois não quero dar a impressão errada. Quando trouxer ao fim o rumo corrente da história, o que eu não poderei fazer naquele momento é mudar o que aconteceu previamente. Afinal, dei às pessoas livre-arbítrio e não fui (e ainda não sou) capaz de saber o que pessoas livres fariam com essa liberdade. Portanto, não importa em que ponto eu “encerre” a história como a conhecemos, terei de aceitar naquele instante o que todos aqueles que viveram e fizeram livres escolhas praticaram com sua liberdade. Quando digo que “tudo será resolvido”, você não deve entender que isso significa que todas as peças se encaixarão, por assim dizer, exatamente como eu tinha em mente. Estou esperançoso, é claro. Mas o que pretendo dizer é que, em algum momento, porei fim ao curso da história em que estamos agora e as pessoas tomarão seus respectivos destinos. Todos que tiverem aceito meu amor serão aceitos no céu, e os outros estarão perdidos eternamente.

“Evidentemente, isso levanta a questão de como tudo tem funcionado até aqui — em termos dos meus esforços para persuadir as pessoas a fim de que elas conheçam meu amor e passem a me amar. Bem, com toda franqueza, ainda não acho que este seja o melhor

momento para dar fim à história. Se você observar o mundo a seu redor, verá que o mal corre desenfreado, e a escassez de amor verdadeiro é imensa. Caso eu ordenasse que a história terminasse agora, não tenho certeza de que iria gostar do que obteria — ainda não, pelo menos por enquanto. Assim, estou deixando a coisa acontecer por um pouco mais de tempo, e tenha esperança de que muito mais pessoas verão meu amor por elas e me amarão em troca. Ora, se você me perguntasse se consigo ter certeza do número certo de pessoas que serão ‘salvas’ no fim, essa é uma pergunta que não sou capaz de responder. Alguém certamente pode olhar para o mundo de hoje e ver como tenho sido ‘bem-sucedido’ até o presente! Mas espero que tudo melhore bastante. Por estar no controle de quando a história chegará ao fim e por poder ditar quando meus propósitos para o mundo presente se concluirão, há grande motivo para que você coloque em mim sua esperança quanto ao fato de que meus propósitos prevalecerão ‘para sempre’, como me perguntou. A propósito, eu sou Deus e reino sobre a minha criação e também sobre seu desfecho. É claro, o tipo de coisas que acontecem nas questões humanas relacionadas a meus atos soberanos para criar e consumir a história depende muito de livres agentes, cujas ações não consigo conhecer de antemão.

“Pois bem, Davi, espero que perceba a esperança que existe quando você deposita sua confiança em mim. Espero que perceba que está em boas mãos, quando coloca sob meus cuidados sua vida, sua esposa, seus filhos, seus sonhos e visões mais preciosos. A boa-nova é que a esperança que você tem em mim é o mesmo tipo de esperança que todos os meus filhos têm em mim! Todos os meus filhos podem ter a segurança de saber que o mesmo cuidado e amor dedicados a você, Davi, são também dedicados a eles. Por ora, por toda sua vida em direção ao futuro (não importa quão longo ele venha a ser), e para sempre, coloque sua esperança em mim!”.

Nossa verdadeira esperança no Deus vivo e verdadeiro

Há muito para ser dito sobre a esperança real e genuína em Deus. O Deus da Bíblia, o Deus vivo e verdadeiro, conclama seu povo a colocar sua esperança somente nele, e a fazê-lo com intenso e permanentemente senso de confiança, paz e alegria. Esse é um profundo anseio divino. A esperança em Deus, que é solapada pela proposta do teísmo aberto, é justamente a esperança que Deus deseja que seu povo tenha. O Deus verdadeiro não comete erros. Ele não reavalia a sensatez de suas próprias ações passadas. Ele não é pego de surpresa à medida que a história humana se desenrola. Ele não se indaga como as coisas acontecerão. Ele designa bons propósitos nas provações da vida. Todos os seus planos e propósitos estão devidamente ajustados. Ele conhece o fim desde o início e, assim, sabe como cada circunstância da vida contribui para o cumprimento de seus inigualáveis propósitos.

O Deus da Bíblia deseja oferecer a seus filhos esperança verdadeira e duradoura no presente, no futuro mais distante e por toda a eternidade. Em cada uma dessas etapas da vida, Deus quer que coloquemos nossa esperança nele, de maneira confiante e exclusiva. A seguir, consideraremos três expressões bíblicas de esperança em Deus, cada uma voltada para diferentes “etapas” da vida. O Salmo 62 nos convida a ter esperança em Deus no presente, mesmo quando enfrentamos grandes dificuldades. Em Romanos 4, Paulo apresenta Abraão como alguém cuja esperança em Deus se estendeu por toda a vida, até o futuro. Em seguida, 1Pedro nos ajudará a voltar nossa visão à vida eterna. A vida presente, a vida inteira, a vida para todo sempre — todas essas etapas devem ser vividas em intensa e permanente esperança em nosso glorioso e gracioso Deus.

Meditação na esperança para o presente
(Salmo 62)

(1) Somente em Deus a minha alma descansa, dele vem a minha salvação.

(2) Só ele é minha rocha e minha salvação; ele é minha fortaleza; não serei muito abalado.

(3) Até quando todos vós atacareis um homem para derrubá-lo como se fosse um muro inclinado, uma cerca prestes a cair?

(4) Eles só pensam em como derrubá-lo de sua alta posição; gostam de mentiras; bendizem com a boca, mas maldizem no íntimo.

(5) Ó minha alma, descansa somente em Deus, porque dele vem a minha esperança.

(6) Só ele é minha rocha e minha salvação; ele é minha fortaleza; não serei abalado.

(7) Minha salvação e minha glória estão em Deus; ele é meu forte rochedo e meu refúgio.

(8) Ó povo, confiai nele em todo o tempo; derramai o coração perante ele; Deus é nosso refúgio.

(9) Certamente os plebeus são como um sopro, e os nobres, como um engano. Pesados juntos na balança, são mais leves do que um sopro.

(10) Não confieis na opressão, nem vos orgulheis do roubo; se vossas riquezas aumentarem, não coloqueis nelas o coração.

(11) Deus falou isto uma vez, duas vezes eu ouvi: que o poder pertence a Deus.

(12) Senhor, a ti também pertence a fidelidade; pois retribuis a cada um de acordo com seus feitos.

O Salmo 62, um salmo de Davi, expressa esperança na salvação de Deus (v. 1,2,6,7) em meio à aflição que ele experimentava

na ocasião. O que fortalece sua esperança, de modo mais fundamental, é a força e o poder de Deus, nos quais está protegido como um homem em uma fortaleza (v. 2,6; cf. v. 8) ou como alguém em uma rocha inabalável (v. 2,6), bem como a fidelidade e constante amor de Deus pelos seus, conforme expressado no fim do salmo (v. 12). Fica evidente o contraste entre a supremacia de Deus e a fragilidade humana, inclusive daqueles que se opõem a Deus. O versículo 9 indica que tanto os “plebeus” quanto os “nobres” juntos “são mais leves do que um sopro”. Nem os de baixa nem os de alta estirpe, nem ambos os grupos reunidos, podem lançar algum desafio ao refúgio de Davi, o Deus Todo-Poderoso. Os versículos 11 e 12 sublinham a grandeza de Deus: “Deus falou isto uma vez, duas vezes eu ouvi: que o poder pertence a Deus. Senhor, a ti também pertence a fidelidade”. A expressão “uma vez, duas vezes” demonstra a superlativa qualidade de Deus sobre todos aqueles que se levantam contra ele. Sua grandeza, poder e amor são supremos. O salmista possui bom motivo para ter esperança, pois aquele em quem ele espera é o único Deus sobre todas as coisas.

Observe também a natureza exclusiva da esperança do salmista: “Somente em Deus a minha alma descansa [...] Só ele é minha rocha e minha salvação” (v. 1,2, repetidos com pequenas variações nos v. 5 e 6). Ao lado dessas explícitas expressões de esperança exclusiva em Deus, o salmista enfatiza repetidamente: “Minha salvação e minha glória estão em *Deus*” (v. 7a); “ele [*Deus*] é [...] meu refúgio” (v. 7b); “Ó povo, confiai *nele* em todo o tempo” (v. 8a); “*Deus* é nosso refúgio” (v. 8b); “o poder pertence a *Deus*” (v. 11); e “*Senhor*, a ti pertence a fidelidade” (v. 12).¹

Qual é o fundamento para ter esperança hoje, segundo Davi? Considere os seguintes elementos. Primeiramente, Deus é maior e

¹ Grifos nossos, em todas as referências desse parágrafo.

mais poderoso do que quaisquer poderes humanos que se levantam contra Davi. Na realidade, o contraste entre o poder de Deus e o de meros seres humanos é tão grande que Davi afirma que os homens, todos juntos, são “mais leves do que um sopro” (v. 9). Isso traz à mente outras expressões bíblicas semelhantes. Conforme já vimos, Isaías 40.15, por exemplo, compara a totalidade das proezas e poderes das nações do mundo à “gota de um balde” ou ao “pó das balanças”. De maneira semelhante, o humilhado Nabucodonosor, rei da poderosa Babilônia, após aprender que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4.32), compara esse Deus tão poderoso às nações do mundo e diz que, comparados a Deus, “todos os moradores da terra são considerados nada” (Dn 4.35). Segurança e esperança de tamanho imensurável são colocadas em Deus, ao se conhecer a inigualável extensão de seu poder sobre todas as coisas. Estar na fortaleza que é Deus faz toda diferença.

Em segundo lugar, por ser Deus incomensuravelmente poderoso, quanto conforto e paz vêm do fato de descansar nele! Não é de admirar que a alma do salmista repouse diante dele (Sl 62.1,5). Toda preocupação e inquietação cessam. Saber disso é saber que não seremos muito abalados (cf. v. 2,6). Em outras palavras, Davi está confiante de que, não importa qual ataque ou maldição experimente, ele não poderá ser abalado do lugar de descanso na poderosa fortaleza que é seu Deus.

Em terceiro lugar, se Deus não fosse tão hábil e poderoso, seríamos tentados a ir para outro lugar em busca de conselho e ajuda; buscaríamos até caminhos tortuosos para obter garantia do que queremos. Porém, Davi diz, primeiramente: “Ó povo, confiai nele em todo o tempo; derramai o coração perante ele; Deus é nosso refúgio” (v. 8); em seguida: “Não confieis na opressão, nem vos orgulheis do roubo; se vossas riquezas aumentarem, não colo-

queis nelas o coração” (v. 10). Se servimos um Deus no qual estamos tão seguros, seria tolice confiar em outras medidas. Não há lugar mais garantido do que sob o atento cuidado desse Deus.

O contraste com a divindade proposta pelo teísmo aberto não poderia ser mais marcante. Temos aí um Deus cujo poder e amor não podem ser ultrapassados, cuja proteção e cuidado pelos seus são certos. É claro que isso não exclui o povo de Deus da possibilidade de ataques e oposição, mas remove a possibilidade de que essas débeis forças humanas — que, juntas, “são mais leves do que um sopro” (v. 9b) — possam causar prejuízo ou provocar dano que não seja administrado por Deus no cumprimento de seus propósitos. O salmo termina com a reafirmação de segurança no invencível poder e no irresistível amor divino, juntamente com a certeza de que Deus retribui a cada um segundo seus feitos. Temos esperança em Deus por causa de sua proteção presente e pela certeza de que seu julgamento reinará no dia vindouro. Em comparação com o Deus descrito na Bíblia, o Deus do teísmo aberto empalidece. Compare o Deus da Bíblia ao Deus do teísmo aberto em questões como poder, sabedoria, propósito e genuíno amor divinos. Sem dúvida alguma, o Deus do teísmo aberto é pequeno, limitado demais.

Meditação na esperança para a vida inteira (Romanos 4.18-21)

(18) Abraão, ao contrário do que se podia esperar, creu com esperança, para que se tornasse pai de muitas nações, conforme o que lhe havia sido dito: Assim será a tua descendência. (19) E, sem enfraquecer na fé, considerou que o seu corpo já não tinha vitalidade (pois já contava com cem anos), e o ventre de Sara já não tinha vida. (20) Contudo, diante da promessa de Deus, não

vacilou em incredulidade; pelo contrário, foi fortalecido na fé, dando glória a Deus, (21) plenamente certo de que ele era poderoso para realizar o que havia prometido.

Será que a verdadeira esperança consegue sustentar-nos por longo período? Um dos melhores exemplos bíblicos de esperança vitalícia é Abraão. Paulo louva a persistente fé de Abraão, não apenas por ele crer que Deus faria o que era humanamente impossível (gerar um filho desse casal de idosos, desse casal já “morto”, sem vitalidade, e “estéril”, sem vida), mas também porque ele persistiu em sua fé por longo tempo. Imagine a luta de Abraão, enquanto observava Sara envelhecendo, bem como seu próprio corpo deixando para trás as respectivas habilidades de se tornarem pais. Porém, segundo Paulo, Abraão não apenas não enfraqueceu na fé à medida que os anos se passavam, a promessa não se cumpria e a incapacidade física deles se tornava mais evidente: na realidade, ele *foi fortalecido na fé*. Com o passar dos anos, ele ficou mais convicto de que Deus era capaz de fazer o que prometera. Nesse caso, vemos não somente esperança para o presente, mas esperança para o futuro. Isso deveria nos levar à seguinte indagação: em que se fundamenta essa esperança tão forte, vibrante e duradoura?

Em essência, as duas características divinas que serviram de fundamento para a esperança de Abraão ao longo de tantos anos foram a *sabedoria* e o *poder* de Deus. Podemos vê-las em Romanos 4.21, em que é dito que Abraão estava “plenamente certo de que ele [Deus] era *poderoso* para realizar o que havia *prometido* [o sábio plano divino]” (grifo nosso). Esperança intensa e permanente em Deus requer confiança nessas duas características divinas. Primeiramente, a sabedoria de Deus deve ser perfeita e insuperável. Se ficarmos preocupados que os planos de Deus vacilem ou que Deus falhe e reavalie o que planejou, toda esperança em Deus será

enfraquecida. No que diz respeito a uma fé vibrante, devemos saber que os planos de Deus são o melhor e que, mesmo se não os compreendermos e não formos capazes de ver como eles se cumprirão, conhecemos a Deus e sabemos que seus caminhos são, sempre e sem exceção, infinitamente sábios. Em segundo lugar, também devemos ter confiança de que Deus é capaz de cumprir o que planejou em sua sabedoria. Uma coisa é Deus prometer o que só ele sabe ser o melhor; no entanto, se temos motivo para duvidar da capacidade divina de realizar o que prometeu, nossa esperança não é viável. A esperança de Abraão é notável por sua convicção perseverante no que diz respeito à sabedoria de Deus (seu plano e promessa são insuperáveis) e ao poder de Deus (ele é capaz de cumprir sua palavra, a despeito da impossibilidade humana de trazê-la à existência).

Note outro elemento na experiência de Abraão que mostra a qualidade da verdadeira esperança em Deus. O versículo 19 nos diz que Abraão, “sem enfraquecer na fé, *considerou* que o seu corpo já não tinha vitalidade (pois já contava com cem anos) e o ventre de Sara já não tinha vida” (grifo nosso). A verdadeira esperança em Deus não se concentra nos obstáculos ao cumprimento da obra divina, mas também não os ignora. É notável que Abraão *considerou* tanto seu corpo envelhecido e sua impotência concomitante (que é o provável sentido da expressão “já não tinha vitalidade”) quanto a incapacidade de Sara de conceber um filho. Ele levou totalmente em conta os problemas que se opunham ao cumprimento da promessa. Não era um defensor do pensamento positivo que se recusasse até mesmo a reconhecer os problemas diante dele, mas também não era pessimista como o pobre Hardy,² a ponto de acabar

² Hiena dos desenhos de Hanna-Barbera, famosa por exclamar: “Oh, vida! Oh, céus! Oh, azar!”. [N. do T.]

tão mergulhado na imensidão de problemas que sua esperança se desvanecesse. Pelo contrário, Abraão considerou com toda a seriedade a realidade do problema — e que problemão! Nem ele nem Sara podiam ser pais, e a promessa de Deus requeria exatamente isso! Apesar dos problemas, Abraão cria que Deus é sábio (o plano e a promessa foram concebidos pelo próprio Deus e, portanto, são o melhor) e poderoso (ele é capaz de fazer até o impossível, uma vez que consegue, conforme indicado pelo versículo 17, dar vida aos mortos).

Mais uma vez, se considerarmos a esperança para o futuro e compararmos o Deus da Bíblia ao Deus do teísmo aberto, podemos ver contrastes bem notáveis. Imagine se Abraão tivesse aceitado o ponto de vista do teísmo aberto sobre Deus! Visto que os planos de Deus, segundo o teísmo aberto, podem estar errados e uma vez que ele descobre, ao olhar para trás, que as coisas que achou serem o melhor talvez não fossem, será que Abraão teria razão para começar a questionar tanto a sabedoria quanto a promessa de Deus? Se Deus não é totalmente sábio, nossa esperança nele é solapada. E se Abraão tivesse considerado que os propósitos de Deus raramente “interferem” nas leis da natureza, por ele mesmo estabelecidas (outro tópico do teísmo aberto)? Será que ele, com razão, não começaria a perguntar se faltara a Deus (por escolha própria, ao criar um mundo assim) o poder de cumprir o que prometera? Afinal, talvez Deus tivesse pretendido que tal promessa se cumprisse enquanto Abraão e Sara eram biologicamente capazes de ter filhos, mas Deus não sabia que eles ficariam impotentes e estéreis na velocidade que ficaram. Se o Deus no qual Abraão confiava fosse o Deus do teísmo aberto, temo que, em vez de partir de um nível de esperança para outro ainda mais forte (v. 18), Abraão seria tentado a entrar em desespero.

Mas ler a passagem de Romanos 4.18-21 é perceber a inabalável confiança e esperança na sabedoria e no poder de Deus. Uma vez que tais qualidades são irremediavelmente prejudicadas pela visão

aberta sobre Deus, devemos concluir que a fé de Abraão não poderia ser depositada no Deus do teísmo aberto. Como Abraão certamente testificaria, *aquele* Deus seria pequeno e limitado demais para que *esta* promessa e *este* cumprimento ocorressem. A esperança a longo prazo requer intensa e permanente confiança de que Deus sempre acerta, de que seus caminhos são perfeitos, sua sabedoria é impecável e seu poder é sempre capaz de cumprir o que em sua sabedoria planejou. Esse foi o fundamento da esperança vitalícia e é essa esperança que vemos em Abraão.

Meditação na esperança por toda eternidade (1Pedro 1.3-9)

(3) Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos regenerou para uma viva esperança, segundo a sua grande misericórdia, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, (4) para uma herança que não perece, não se contamina nem se altera, reservada nos céus para vós, (5) que sois protegidos pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para se revelar no último tempo. (6) Nisso exultais, ainda que agora sejais necessariamente afligidos por várias provações por um pouco de tempo, (7) para que a comprovação da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo. (8) Pois, sem tê-lo visto, vós o amais e, sem vê-lo agora, crendo, exultais com alegria inexprimível e cheia de glória, (9) alcançando o objetivo da vossa fé, a salvação da vossa alma.

Observe três aspectos de nossa esperança para o futuro. Primeiramente, a esperança que recebemos do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é “uma viva esperança” (1Pe 1.3). Como Cristo

ressuscitou dentre os mortos e vive, assim nós também, que somos nascidos de novo por meio de sua morte e ressurreição, entramos na vida eterna. Por conseguinte, nossa esperança é viva, duradoura, perseverante e eterna. Nada pode “matar” nossa esperança, e ela continuará tanto quanto durar a eternidade — para sempre! A esperança que possuímos agora sobrevive, pois está fundamentada na vida eterna do Senhor ressurreto.

Em segundo lugar, uma indicação da realidade futura de nossa esperança viva e eterna é a herança que nos aguarda (v. 4). Pedro descreve-a como algo imperecível, imaculável, inalterável, reservada nos céus para nós. Embora Pedro, com certeza, esteja relacionando o recebimento futuro da herança com nossa fé presente, sua ênfase está naquilo que nos aguarda naquela ocasião. Não apenas nossa herança está reservada para nós, mas nós mesmos temos sido guardados pelo próprio poder de Deus, pela fé, para a salvação futura que será revelada um dia. Nossa “viva esperança” não desapontará, porque aquilo em que ela está firmada (i.e., Deus, que ressuscitou Cristo dentre os mortos) reservou tanto nós quanto nossa herança para um dia que está por vir. A garantia do poder de Deus em guardar-nos para nossa futura salvação e reservar-nos uma herança eterna é o firme fundamento de nossa esperança eterna — esperança que nunca desanimará.

Em terceiro lugar, as tribulações e provas de nossa fé nesta vida deveriam ser vistas, à luz da eternidade, como uma comprovação “mais preciosa do que o ouro que perece” (v. 6,7). Que visão surpreendente dessas provas! Longe de condenar as provas e tribulações, Pedro nos manda regozijar-nos nelas, visto que elas serão motivo de “louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (v. 7). Será que isso não requer a visão de que as provas desta vida têm um propósito? Será que não torna necessária a confiança de que Deus administra as tribulações de nossa vida, de modo que louvor e honra

resultem delas? Essa perspectiva fica tão distante do “sofrimento inútil e desnecessário”,³ que deixa exposta a superficial e dolorosa postura do teísmo aberto no que concerne ao sofrimento. Quando se elimina o exato propósito para o qual o sofrimento fora divinamente ordenado, isso causa enorme dano à fé e à vida cristã. Para Pedro, o sofrimento é uma realidade que os cristãos enfrentam em sua lealdade a Cristo, e como é maravilhoso saber que o crescimento de nossa fé, por meio do sofrimento, produz glória eterna e recompensa eterna.

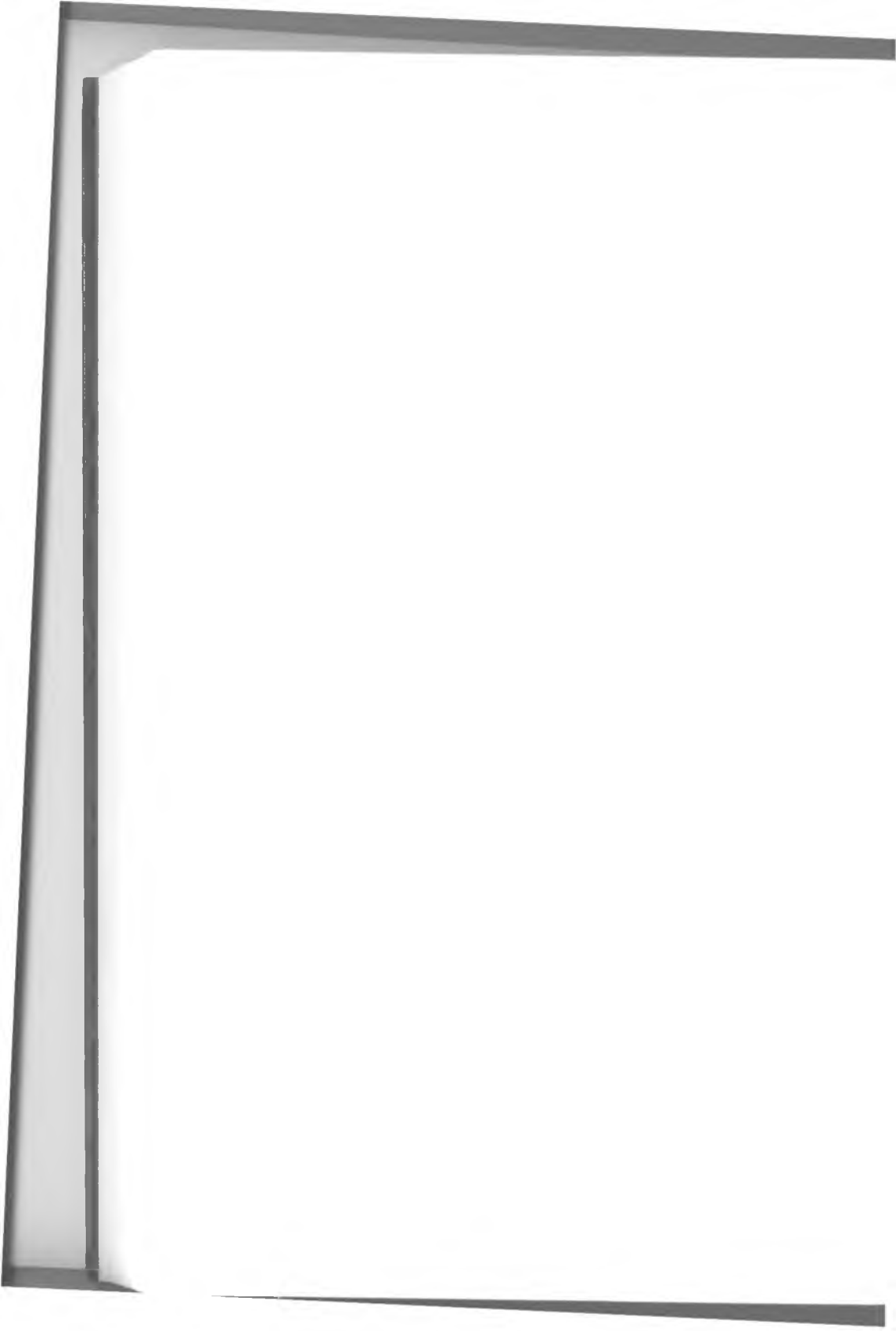
Conclusão

Mais uma vez percebemos como a visão aberta fica aquém, quando a colocamos perto do ensinamento bíblico sobre esperança. Seja esperança para o presente, para a vida inteira ou para a eternidade, a esperança bíblica fundamenta-se na certeza da obra divina e no infalível cumprimento de seus sábios e bons propósitos e planos. Ao mesmo tempo em que o teísmo aberto reduz nossa esperança a algo inevitavelmente frágil e fraco, a Bíblia ensina uma esperança que é forte, segura, firme e certa. A vida tem propósito e o Deus que se entregou por nós é o Deus vencedor que nos conduzirá em triunfo. Nossa esperança é segura, repleta de alegria e paz, e durará por toda eternidade.

Lembre-se, para concluirmos, da “Mensagem de ‘esperança’ do Deus do teísmo aberto”, com a qual iniciamos este capítulo, e contraste sua perspectiva sobre Deus e esperança com aquilo que vemos repetidamente nas Escrituras. Enquanto o Deus do teísmo

³ John Sanders, *The God Who Risks: A Theology of Providence*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1998, p. 261-262.

aberto desestimula-nos a pensar que qualquer bom propósito seja alcançado em tempos de sofrimento, o Deus da Bíblia quer que sempre saibamos que sua boa e sábia mão nos dirige e seus sábios (se é que ocultos) propósitos se cumprirão. O Deus do teísmo aberto inevitavelmente comete todo tipo de erro — erros no direcionamento dado, erros ao lidar com livres agentes morais, erros em suas próprias ações e reações —, mas o Deus verdadeiro escolhe com perfeição, planeja sem falhas e realiza sua vontade do modo que, como ele sabe, é o melhor. O Deus do teísmo aberto não pode garantir se a eternidade será aquilo que ele espera que seja, assim como não pode garantir se obterá o que deseja neste momento, ou no futuro imediato, ou no futuro distante; já os planos do Deus verdadeiro estão determinados e ele conhece, desde antes de eles se realizarem, tudo o que acontecerá e como cumprirá todas suas intenções. O Deus da visão aberta admite ser vulnerável diante de forças morais hostis, sejam de origem humana ou demoníaca, às vezes perdendo quando desejava vencer, e sempre em dúvida quanto à prevalência dos seus planos ou dos planos de Satanás, em qualquer situação; o Deus verdadeiro reina sobre Satanás, seus demônios, e sobre tudo que há nos céus e na terra, assegurando aos seus seguidores que a vitória lhes pertence enquanto nele descansam. Na raiz de tudo isso, o Deus do teísmo aberto não consegue saber as livres escolhas e ações futuras de suas criaturas morais, mas o Deus verdadeiro conhece tudo, passado, presente e futuro, de maneira completa e definitiva. A certeza da esperança que tem por fundamento o Deus vivo e verdadeiro fica reduzida e derrotada pela compreensão do teísmo aberto acerca de Deus. Por amor à vibrante esperança cristã, agora, ao longo da vida e por toda eternidade, que Deus nos dê olhos para ver e corações para dedicar ao Deus vivo e verdadeiro, para a glória de seu nome.



Conclusão

Começamos este estudo observando que tanto *a glória de Deus* quanto o genuíno *bem de seus filhos* são irreparavelmente prejudicados pela insólita proposta do teísmo aberto. Como vimos, segundo essa proposta Deus é transformado para parecer muito mais como nós: ao indagar se seus planos funcionarão, reavaliar suas ações passadas, desejar que uma infinidade de coisas tivesse terminado de modo diferente e lutar para dar o melhor conselho e ajuda possível a seus filhos, em razão das várias incertezas que ele mesmo, bem como o seu povo, enfrenta. Durante esse processo, nós, seus filhos, somos transformados de modo a parecer mais semelhantes a Deus: passamos a ser responsáveis por realmente moldar a história futura de nossa vida por meio das escolhas que fazemos (das quais Deus toma conhecimento somente no momento em que as fazemos); passamos a influenciar a Deus, até mesmo tentando fazê-lo mudar de ideia, na medida em que na oração dizemos a ele o que pensamos; e, por fim, adotamos um pouco mais a “soberania humana” (como pode ser chamada) e sentimo-nos um pouco mais comprometidos com nosso próprio destino e mais capazes de moldar o desfecho da história. Em tudo isso, o brilho e o esplendor da glória de Deus ficam tão enevoados que se tornam irreconhecíveis. O bem verdadeiro do ser humano é substituído pela aparente dignidade exaltada e pela atribuição de poder a nós mesmos, à custa de Deus.

Tenha em mente, todavia, que tal rebaixamento divino e exaltação humana são assim apenas na aparência. Nenhuma proposta teológica, não importa quão distante esteja do equilíbrio bíblico, é capaz de mudar a verdade sobre quem Deus *realmente* é ou a verdade sobre quem nós, seres humanos, *realmente* somos. No entanto, acarreta grande prejuízo à nossa visão sobre Deus, à nossa esperança e à nossa confiança na palavra e promessa de Deus. Por meio desse rebaixamento de nossa visão sobre Deus, nossa verdadeira força, alegria, paz e santidade são assoladas. O rebaixamento da glória de Deus é a *causa* do dano provocado em nosso bem-estar espiritual. A. W. Tozer falou vigorosa e profeticamente, quando escreveu:

Atentemos para que, em nosso orgulho, não aceitemos a errônea noção de que a idolatria consiste apenas em ajoelhar-se diante de objetos de adoração visíveis e que pessoas civilizadas estão, portanto, livres disso. A essência da idolatria é o acolhimento de pensamentos acerca de Deus que são indignos dele. Começa na mente e pode estar presente onde nenhum ato explícito de adoração ocorreu. [...]

Noções distorcidas a respeito de Deus logo deterioram a religião em que apareceram. A longa carreira de Israel demonstra isso de maneira clara o suficiente, e a história da Igreja também confirma esse fato. Um elevado conceito sobre Deus é algo tão necessário à Igreja que, quando tal conceito entra em declínio, em qualquer grau que seja, o mesmo acontece com a adoração e os padrões morais da Igreja. O primeiro passo para a queda de qualquer igreja ocorre quando esta renuncia à sua elevada visão de Deus.¹

¹ *The Knowledge of the Holy*, New York: Harper & Row, 1961, p. 11-12.

Isso foi escrito muitas décadas antes da atual proposta do teísmo aberto, proposta que deprecia a Deus; podemos imaginar o que A. W. Tozer diria hoje à nova idolatria do teísmo aberto. Infelizmente, Tozer não está mais conosco. No entanto, com sua visão e paixão também podemos louvar a exaltada e gloriosa visão do Deus verdadeiro e, com isso, abençoar aqueles que contemplam sua verdadeira beleza, esplendor e majestade. Mais uma vez, a exortação de Tozer aos cristãos se faz, sem dúvida, mais urgente hoje do que quando ele escreveu estas palavras:

A obrigação mais pesada que recai sobre a Igreja Cristã atualmente é purificar e elevar seu conceito sobre Deus, até que esse conceito seja mais uma vez digno dele – e dela. Prestamos o maior serviço à próxima geração de cristãos ao transmitir-lhes, sem ofuscar nem diminuir, aquele nobre conceito de Deus que recebemos de nossos pais hebreus e cristãos de gerações passadas. Isso se mostrará de maior valor para eles do que qualquer coisa que a arte ou a ciência possa conceber.²

Portanto, eis as questões que temos diante de nós: traremos prejuízo ou bênção à nossa geração e à próxima? Que visão acerca de Deus nós e nossos filhos adotaremos? A maneira como vemos a Deus levará a nós e à próxima geração a visões mais infladas do ego humano e a visões limitadas de Deus? Ou verdadeiramente adoraremos, honraremos, confiaremos, esperaremos, obedeceremos e seguiremos ao Deus das Escrituras? Reproduziremos a busca de nossa cultura por autoestima e, com isso, perderemos a visão e a alegria bíblica de uma estima ardente por Deus? Ou nos prostraremos

² Ibid., p. 12.

humildemente diante do onisciente e exaltado Deus do céu e da terra e reconheceremos que apenas a vontade e o plano dele são certos? Em suma, seremos idólatras ou honraremos a Deus como ele é?

O ponto de vista do teísmo aberto lança um desafio sem igual à igreja evangélica desta geração. Que nossa oração mais sincera e nosso esforço incessante sejam para promover o conhecimento do Deus que *é*. E assim, portanto, para o engrandecimento de seu nome e para alegria, bênção, força e integridade do povo de Deus, “conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR” (Os 6.3).

BRUCE A. WARE é reitor adjunto e professor de Teologia Cristã no Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville, Kentucky. Estudou no Western Seminary (M.Div., Th.M.), na Universidade de Washington (M.A.) e no Fuller Theological Seminary (Ph.D.). Também foi professor no Trinity Evangelical Divinity School. É conferencista renomado nos atuais debates sobre o teísmo aberto e autor de vários livros sobre o assunto.